

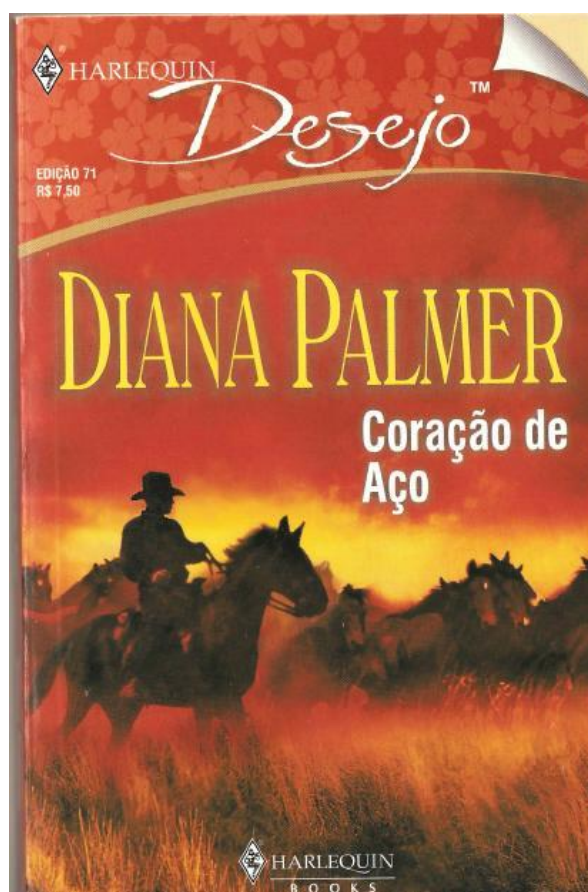
CORAÇÃO DE AÇO

– Jared Cameron e Sara Dobbs –

(Iron Cowboy)

Diana Palmer

Série Homens do Texas 37



O rancheiro Jared Cameron era um mistério para todos em Jacobsville. E ele gostava das coisas como estavam.

Apenas Sara, uma adorável livreira se atreveu a invadir sua privacidade... e informá-lo que um livro sobre ogros seria bastante apropriado para um homem com sua personalidade.

Encantado com tamanha audácia, Jared decide seduzi-la... Mas o relacionamento que floresce entre os dois logo leva Sara a um mundo secreto de intrigas...

Agora o caubói de aço precisa se preparar para a luta de sua vida... E a guerra por seu coração.

Digitalização – Rita Cunha

Revisão - Cris Paiva e Rita



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: IRON COWBOY

Copyright © 2008 by

Originalmente publicado em 2008 por Silhouette Desire

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica: ABREITS SYSTEM Tel.: 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Tel.: (55 21) 3879-7766

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

CAPÍTULO 1

ERA um lindo dia de primavera. Sara Dobbs estava olhando pensativamente através da vitrine da livraria, fitando os canteiros de narcisos na rua que ladeava a Jacobsville Book Nook, onde trabalhava como assistente da gerência para Dee Harrison, a proprietária, e desejando poder colher um buquê para o balcão.

Dee era uma mulher de meia-idade, pequena, magra e bem-humorada, que fazia amizades por onde passava. Ela vinha procurando alguém para ajudá-la a gerenciar a loja e Sara acabara de perder o emprego na pequena editora que fora à falência. Tornou-se a parceria perfeita. Como adorava ler, Sara gastava boa parte do salário em livros. Tivera bastante tempo para ler quando acompanhara os pais a um dos lugares mais perigosos do mundo.

Com a ajuda do avô de Sara, um professor universitário aposentado, o pai dela convencera a mãe a irem trabalhar fora do país. O pai de Sara morrera violentamente. Desiludida, a mãe se entregara ao álcool. Trouxe Sara para morar com o avô em Jacobsville, e depois se envolveu em um escândalo após o outro, usando seu comportamento para punir o pai, sem se incomodar com o que aquilo estava custando a sua única filha. Foi só quando Sara voltou chorando para a casa, coberta de hematomas, é que a mãe percebeu as consequências de seus atos. Os filhos de um de seus amantes haviam emboscado Sara e lhe dado uma surra. O amante tinha se divorciado da esposa, que agora eslava sob ameaça de ser despejada da própria casa e de perder todas as posses. O marido gastara tudo em jóias para a mãe de Sara.

Isso só aumentou a tragédia. A mãe de Sara parou de beber, e ludo indicava que tinha se emendado. Voltou para a igreja e parecia feliz, até Sara a encontrar, alguns dias mais tarde...

O som de um veículo parando diante da loja despeitou Sara de suas lembranças dolorosas. Pelo menos, pensou, tinha um bom trabalho, que lhe rendia o suficiente para manter uma casa.

A casa do avô, nos arredores da cidade, fora deixada para ela, além de uma pequena poupança. Mas, havia a hipoteca da casa.

Ela sentia saudades do avô. Apesar da idade avançada, ele era jovem de espírito e aventureiro. Sentia-se sozinha sem ele, mesmo porque não tinha outros parentes vivos.

O tocar da campainha eletrônica sobre a porta chamou sua atenção. Um homem alto, de cabelos negros, curtos e carrancudo, entrou na pequena livraria. Ele filou Sara. listava usando um elegante terno cinza, bolas pretas e um chapéu de caubói bege. Tinha o tipo de corpo só visto nas telas dos cinemas, mas não era uma estrela de Hollywood. Parecia ser um homem de negócios. Sara avistou a enorme caminhonete preta, com o cavalo branco rodeado por um círculo branco na porta, Ela conhecia o White Horse Ranch, nos arredores da cidade. Este recém-chegado, Jared Cameron, o comprara. De acordo com os rumores, ele estivera na cidade, que tinha menos de dois mil habitantes, vários meses antes para um enterro, mas ninguém sabia de quem.

Postado ao lado da porta do motorista da caminhonete estava um homem alto, forte e bronzeado, com os cabelos negros presos em um rabo de cavalo, usando um terno escuro e óculos de sol. Parecia um lutador profissional. Devia ser algum tipo de guarda-costas. Talvez o patrão tivesse inimigos.

Jared fitava o estande de revistas com as mãos nos bolsos e murmurando algo para si mesmo.

— Posso ajudá-lo? — perguntou ela, com um sorriso.

Ele a fitou com os olhos verde-claros, que se fixaram nos curtos cabelos lisos louros de Sara, passaram pela testa larga, desceram até os olhos dela, também verdes, e o nariz perfeito até chegarem à

boca linda e ao queixo redondo. Ele emitiu um som, como se ela estivesse aquém de suas expectativas. Apesar de não ter coragem de falar nada, Sara se sentiu seriamente tentada a lhe dizer que, se estava procurando mulheres bonitas, provavelmente teria mais sorte em uma boutique de grife na cidade grande do que em uma livraria pequena.

— Vocês não têm revistas financeiras.

Pelo modo como ele disse, parecia uma ofensa capital.

— Ninguém por aqui costuma lê-las — se defendeu ela.

Ele estreitou os olhos.

— Eu costume.

Sara engoliu em seco para não perder o emprego.

— Sinto muito. Se quiser, podemos encomendá-las para o senhor.

— Deixe para lá. Eu posso solicitar a assinatura. Jared olhou na direção dos livros de bolso e franziu novamente a testa. — Odeio brochuras. Por que não trabalham com romances de capa dura?

A língua de Sara estava ansiosa para responder. Ela pigarreou.

— Bem, a maior parte de nossa clientela é de trabalhadores de baixa renda e não tem dinheiro para comprá-los.

Ele arqueou as grossas sobrancelhas.

— Eu não compro brochuras.

— Podemos encomendar qualquer livro de capa dura que o senhor desejar.

O sorriso estava sumindo de seu rosto, mas ela se estorvava para não ofendê-lo.

Ele olhou na direção do computador sobre a bancada.

— Vocês têm acesso à internet?

— É claro. — Devia achar que estava no meio da selva. Parecia até que Jacobsville, no Texas, ainda estava vivendo no século XIX.

— Gosto de romances de mistério — disse. — Biografias. Gosto de romances de aventura narrados na primeira pessoa e qualquer coisa documental sobre a campanha no norte da África durante a Segunda Guerra.

Sara estremeceu à menção do último assunto. Ela pigarreou novamente.

— Gostaria de receber tudo de uma vez só? Ele levantou a sobrancelha.

— O freguês tem sempre razão — disse, como se achasse que ela estivesse se divertindo à custa dele.

— É claro que tem — concordou Sara.

Seu rosto já estava doendo de ficar tanto tempo forçando o sorriso.

—Arranje-me uma folha de papel e uma caneta. Eu farei uma lista.

Ainda sorrindo, ela lhe entregou o papel e a caneta.

Jared fez a lista enquanto Sara atendia ao telefone. Terminada a ligação, ele lhe entregou a relação.

Ela franziu a testa ao olhar para o papel.

— O que foi? — perguntou ele com impaciência.

— Não entendo sânscrito.

Jared resmungou alguma coisa, pegou a lista, e fez algumas pequenas modificações antes de devolvê-la.

— Estamos no século XXI. Ninguém escreve mais nada à mão — disse, a título de defesa. — Tenho dois computadores, um PDA e um MP3 player. — Ele a fitou com curiosidade. — Você sabe o que é um MP3 player? — perguntou, apenas para irritá-la.

Com um olhar fulminante, Sara tirou do bolso um pequeno iPod com fones de ouvido.

— Quando é o mais cedo que podem conseguir os livros?

— Fazemos encomendas às segundas. Os livros que os distribuidores tiverem em estoque estarão aqui na próxima quinta, no mais tardar, na sexta.

— O correio não funciona mais a cavalo — comentou ele.

Sara respirou fundo.

— Se não gosta de cidades pequenas, talvez devesse retornar para o lugar de onde veio. Se é que é possível acessá-lo por meios convencionais — completou com um sorriso malicioso.

Ele entendeu a insinuação.

— Não sou o demônio.

— Tem certeza? Ele estreitou os olhos.

— Gostaria que os livros me fossem entregues. Normalmente estou ocupado demais para vir à cidade. Por que não manda o seu guarda-costas? Ele olhou através da porta para o homem grande que estava apoiado de encontro à porta da caminhonete. — Tony, o Dançarino, não é garoto de recados. Ela arregalou os olhos.

— Tony, o Dançarino? Vocês são mafiosos?

— Não, não sou mafioso. O sobrenome de Tony é Danzetta. Daí, Tony, o Dançarino. Entendeu?

— Bem, ele parece um assassino profissional para mim.

— Já foi apresentada a muitos deles? — perguntou Jared de modo sarcástico. — Se tivesse sido, esta noite você não dormiria sem se certificar de que todas as portas estivessem muito bem trancadas.

— É possível entregar os livros em minha casa?

— Sim, mas custará dez dólares. A gasolina não é barata.

— O que você dirige? Um ônibus?

— Se quer saber, tenho um fusca, mas sua casa fica a dez quilômetros da cidade.

— Pode me dar o custo total quando me telefonar para avisar que os livros chegaram. Meu contador fará o cheque. Pode pegá-lo quando for entregar os livros.

— Certo.

— É melhor eu lhe dar o número. Não está na lista. Ela anotou o número do telefone no verso da lista dos livros.

— Também vou querer receber duas revistas financeiras — acrescentou ele, informando os títulos.

— Vou ver se nosso distribuidor trabalha com elas. Pode ser que não.

— É o que eu ganho por me mudar para o Extremo da Roça — resmungou ele.

— Ora, me desculpe se não temos um shopping em cada esquina! — retrucou Sara.

— Você é a atendente mais rude que já vi. Por que não aproveita e encomenda um livro de boas maneiras para você?

Ela sorriu com sarcasmo.

— Vou ver se encontro um sobre ogros para você. Seus olhos a examinaram de modo calculista.

— Basta os que estão na lista, por favor. Espero ter notícias suas até o final da semana que vem.

— Sim, senhor.

Ele inclinou a cabeça.

— Seu patrão devia estar realmente desesperado para deixá-la à frente de sua única fonte de renda.

— É patroa, não patrão. E ela me adora.

— Ainda bem que alguém gosta de você. — Ele se virou para ir embora, mas deteve-se na porta. — Suas meias são de dois tipos diferentes, e seus brincos também não combinam.

Sara sempre tivera problemas com simetria. A maioria das pessoas conhecia a sua história e possuía a decência de não apontar os seus lapsos.

— Ah, sim. Ele me avisou que estava esperando a encomenda dos livros para hoje. Ele me disse para pedir que viesse trazê-los amanhã de manhã, por volta das dez. Ele estará aqui.

O dia seguinte era sábado. Sara não trabalhava aos sábados.

— Eu não poderia deixá-los com o senhor? Depois ele mandaria o cheque.

— Amanhã às dez. Ele estará aqui. Não havia como discutir com uma parede de pedra. Sara suspirou.

— Certo. Eu irei amanhã.

— Ótimo.

A ligação foi interrompida. Apesar de definitivamente sulista, a voz de Danzetta não tinha um sotaque texano. Talvez da Geórgia. Sempre tivera um bom ouvido para sotaques.

— O que foi? — perguntou Dee, notando que algo estava errado.

— Tenho de ir fazer a entrega para o ogro amanhã de manhã.

— No seu dia de folga? — Dee sorriu. — Pode folgar metade da quarta-feira, para compensar. Eu chego ao meio-dia e fico para fechar.

— Posso mesmo? — perguntou Sara, sorrindo.

— Sei como seu tempo para desenhar é precioso. Tenho certeza de que vai editar o seu livro infantil. Ligue para Lisa Parks e diga que vai desenhar os novos filhotinhos de sua cadela na quarta em vez de amanhã. Eles vão ficar lindos na sua história.

— São os cachorrinhos mais lindos que já vi. Vou desenhá-los em uma enorme cesta de piquenique.

— Você poderia vender desenhos — sugeriu Dee.

— Poderia. Mas acho que não daria para pagar as contas. Quero vender livros.

— Tenho certeza de que muito em breve vai estar vendendo os seus livros. Você é muito talentosa.

— Obrigada. É a única coisa que herdei de meu pai. Ele adorava o que fazia, e era capaz de

fazer lindos desenhos. — Sara franziu a testa. — Foi difícil perdê-lo daquela maneira.

— Guerras são terríveis. Mas pelo menos você tinha o seu avô. Ele sempre foi o seu maior fã. Sempre se vangloriava de você para quem quisesse lhe ouvir.

— Eu ainda recebo cartas dos ex-alunos de vovô. Ele lecionava história militar. Acho que tinha todos os livros que já foram escritos sobre a Segunda Guerra Mundial. Especialmente sobre a campanha no norte da África. — Ela franziu a testa. — É engraçado. É sobre isso que o Sr. Jared quer ler.

— Talvez ele seja como o leão que tinha um espinho na pata, e quando o ratinho o retirou, ficaram amigos para sempre.

Sara fitou a patroa.

— Nenhum ratinho em sua consciência se aproximaria dele.

— Exceto por você.

— Eu não tenho escolha. O que faremos quanto ao cheque? Ligo para ele antes de fazer a entrega, ou...

Dee pegou o papel no qual estava anotado o número de telefone.

— Eu liguei para ele amanhã de manhã. Pode colocar os livros em uma sacola e levá-los para casa hoje à noite. Desse modo, não precisará vir à cidade.

— Você é um amor, Dee. Dee sorriu.

— Você também. — Ela olhou para o relógio. — Tenho de apanhar mamãe no salão de beleza e levá-la para casa. Depois vou cuidar da documentação. Ligue para mim se precisar.

— Não vou precisar, mas obrigada assim mesmo. Dee parecia inquieta.

— Você precisa comprar um celular, Sara. Pode ser um pré-pago mais barato. Não gosto de você dirigindo sozinha para casa à noite naquela estrada de terra.

— A maioria dos traficantes de drogas está na cadeia agora.

— Não é o que diz Cash Grier — retrucou Dee. — Eles trancafiaram a tal de Dominguez e a sucessora dela, mas parece que tem um homem no comando agora, que matou dois policiais mexicanos na fronteira, assim como um repórter.

— Decerto ele não virá aqui — disse Sara.

— Traficantes gostam daqui. Não temos agentes federais... Bem, com exceção do agente do DEA, Cobb, que trabalha em Houston e tem um rancho por aqui. Nossos departamentos de polícia e o xerife têm poucos recursos e poucos homens. Foi por isso que aquele bandido, Lopez, tentou montar uma rede de distribuição aqui. Dizem que o novo chefe tem uma propriedade na região, comprada sob nome falso, para que ninguém saiba quem é o verdadeiro dono da terra. Uma fazenda ou um rancho no interior é um local perfeito para se esconder drogas.

— Você se preocupa demais — disse gentilmente Sara. — Além do mais, moro a menos de dois quilômetros da cidade e tranco todas as portas. — Ela olhou para o relógio na parede. — E melhor você ir, ou sua mãe ficará preocupada! Dee sorriu.

— É verdade. Se precisar de mim...

— Eu telefono.

No final da tarde, Harley Fowler entrou na loja, empoeirado, suado e de mal-humor. Ele empurrou o chapéu para trás.

— O que aconteceu com você? — indagou Sara. — Parece que foi arrastado sobre uma estrada de terra por cavalos!

— E fui.

— Ai!

— Preciso de um livro sobre gíria espanhola. Gíria espanhola de rancho, se tiver.

— Temos todos os dicionários de espanhol já publicados, incluindo os de gíria. Deixe-me mostrar-lhe.

Ela apontou para uma prateleira com dezenas de dicionários.

—É disso que preciso—murmurou Harley, lendo os títulos. — O Sr. Parks ainda tem conta aqui, não tem?

— Tanto ele quanto Lisa.

— Pode colocar isso na conta dele.

O homem escolheu quatro volumes e os passou para Sara.

— Posso perguntar para que os quer? — indagou ela, dirigindo-se para o caixa.

Ele suspirou.

— Pensei que estava dizendo para Lanita, a esposa de Juan, que o dia estava muito quente. Ela ficou vermelha, Juan pulou no meu pescoço, e rolamos no chão até eu conseguir convencê-lo de que me referia ao tempo. Levantamos, apertamos as mãos, e ele me disse exatamente o que foi que eu disse para sua esposa. Fiquei desconcertado. — Ele gemeu. — Falo um pouco de espanhol, mas aprendi na escola, e já esqueci como *não* dizer coisas embaraçosas. Juan e o resto dos rapazes falam inglês, mas achei que poderia me entender melhor com eles se falasse algumas palavras em espanhol. E olha o que foi acontecer! — Ele massageou o queixo. — O soco do Juan é como um coice de mula.

— É o que dizem por aí.

Ela somou os livros no caixa e anotou o total no livro que Dee usava para controlar as contas.

— Cobraremos os livros do Sr. Parks.

— Obrigado. — Ele pegou a sacola dos livros. — Se o Sr. Parks reclamar sobre a compra dos livros, eu o mandarei conversar com Juan.

Sara sorriu.

— Boa idéia.

Harley sorriu de volta e hesitou, como se quisesse dizer algo mais. Naquele instante o telefone tocou. Ao atender, Sara percebeu que não seria uma ligação rápida. Dando de ombros, acenou para Harley. Ele acenou também e foi embora. Sara ficou curiosa para saber o que ele poderia querer dizer.

Harley era bonitão, e conhecido na comunidade como sendo um vaqueiro trabalhador. Junto com três dos ex-mercenários da cidade, ele até participara da missão que ajudara a desbaratar a operação de contrabando de drogas de Manuel Lopez. Sara gostava dele, mas Harley não gostava muito de sair. Segundo os boatos, ele gostara muito de uma moça das redondezas que, menosprezando o seu interesse, o rejeitara. Mas ele não parecia ter o coração partido.

Sara sabia tudo a respeito de corações partidos. Ela se interessara por um rapaz na faculdade comunitária em que se matriculara para aprender contabilidade. Marie, sua melhor amiga, também. O rapaz saíra com us duas, mas acabou namorando Marie. Decidindo ser uma boa perdedora, Sara fora a dama de honra de Marie no casamento dos dois. Marie e o marido se mudaram para Michigan, para ficar perto dos pais dele. Sara ainda se correspondia com Marie. Era bondosa demais para guardar rancor. Além do mais, o rapaz provavelmente só saíra com ela porque Sara era a melhor amiga de Marie. Pensando bem, ele passara a maior parte do tempo fazendo perguntas sobre Marie.

Sara era do tipo antiquada. Seu avô possuía opiniões duras a respeito da falta de moral da sociedade moderna. Ele e Sara regularmente freqüentavam a igreja, e ela começou a compartilhar de

suas opiniões. Por não beber e não usar drogas, não era o tipo de moça que costumava ser convidada para festas. Todo mundo também sabia que o avô dela era bom amigo de um dos homens mais antigos que trabalhavam para o chefe de polícia Cash Grier, o que a tornava perigosa para o pessoal que gostava de festejar. Também era sabido que Sara não era "fácil". Havia muitas outras moças sem os mesmos escrúpulos, de modo que Sara e Morris passaram muitas sextas e sábados na companhia do avô dela, assistindo a filmes na televisão.

ELA procurou imaginar onde Jared teria ido e por que Tony, o Dançarino, não o acompanhara. Talvez ele tivesse um encontro. Ela tentou imaginar o tipo de mulher que atrairia alguém mal-humorado como ele. Mas logo lembrou que Jared era rico, e que algumas mulheres não ligavam para mau-humor e comportamento anti-social, desde que um homem tivesse muito dinheiro para gastar com elas.

Apesar da primeira impressão, talvez ele fosse diferente com as pessoas de quem gostava. Ele deixara bem claro não ter gostado de Sara. E o sentimento era mútuo. Devido a um capricho dele, teria de abrir mão do sábado, seu dia de folga.

Ela ligou para Lisa para avisar que só poderia visitá-la na próxima quarta.

— Não tem problema — disse Lisa. — Cy e eu queríamos levar o bebê até San Antônio no sábado, mas eu ia ficar em casa esperando você. O shopping center está cheio de liquidações de artigos para bebês. Como se Lisa precisasse de liquidações. O marido era dono de um dos ranchos mais produtivos do Texas.

— Vocês estão sempre comprando roupas de bebê

— provocou Sara. — Ele vai ser o menininho mais bem vestido da cidade.

— Sei que estamos exagerando — admitiu Lisa.

— Mas Cy e eu demoramos muito para superar a perda do primeiro.

— Eu me lembro — disse Sara baixinho. — Mas, como já sabe, defeitos de nascença às vezes aparecem nas famílias mais saudáveis. Li muito a respeito disso nos livros médicos que vendemos. Esse menino vai crescer para ser um rancheiro, exatamente como os pais.

Lisa riu baixinho.

— Obrigada, Sara. Sempre que falo com você, me sinto melhor.

— Eu ligo na quarta, está bem? Dee me deu a tarde livre.

— Tudo bem.

— Obrigada.

— Não tem de quê.

Sara desligou. Pobre Lisa. O primeiro marido fora morto pouco após o casamento deles. Fora um agente do DEA morto por um dos homens de Lopez, o traficante. Cy a acolhera e a protegera enquanto ela esperava pelo nascimento do bebê. Harley disse que o bebê dela não podia ser do marido, porque ele havia leito uma vasectomia, mas ela achara estar grávida. Apenas semanas após ter se casado com Cy, ficou realmente grávida. Mas o bebê nasceu com deformações incuráveis. Ele morrera com apenas uma semana de vida, deixando os pais arrasados. Ela demorou para engravidar de novo, mas, desta vez, não houve complicações. O menininho deles, Gil, era um bebê muito ativo.

Às vezes, Sara se perguntava se algum dia se casa-i in c teria uma família, mas preferia não pensar muito no assunto. Era jovem, e o mundo deveria estar a seus pés, no mínimo pelo pequeno segredo que ela não eslava ansiosa para compartilhar com ninguém. Ainda assim, encarava o futuro com otimismo. Bem, exceto por Jared.

Ela suspirou. Toda a vida tinha de contar com pequenas irritações. E, quem sabe? Talvez o

ogro acabasse se revelando um belo príncipe.

CAPITULO 2

ESTAVA chovendo bastante quando Sara relutantemente se arrastou para fora da cama, na manhã seguinte. Ela olhou através da janela e suspirou.

— Puxa, eu adoraria voltar para debaixo das cobertas e dormir, Morris — disse, ao alimentar o gato.

Ela bocejou ao preparar um bule de café fresco e algumas torradas com manteiga para acompanhar.

Mordiscou a torrada e ficou olhando a chuva escorrendo pela janela. Ela ia se molhar, pensou.

SARA vestiu um jeans e uma blusa de algodão, e colocou a velha capa de chuva sobre as roupas. Era constrangedor usar um sobretudo tão fora de moda para visitar a casa de um homem tão rico, mas era tudo que possuía. Seu salário não dava para comprar muitas roupas novas. Ela olhou para baixo e viu que suas meias não combinavam. Mas, era algo com que tinha de se acostumar. O médico disse que ela aprenderia a lidar com isso. Tomara que estivesse certo. Tinha 19 anos, mas, às vezes, se sentia como uma mulher de cinquenta quando tinha de se esforçar para fazer sua mente compreender o conceito de combinar cores.

Resmungando, verificou o relógio. Quinze minutos para as dez, e era o tempo que levaria para chegar pontualmente ao White Horse Ranch. Teria de aturar Jared caçoando dela. Não tinha tempo para vasculhar a gaveta de meias atrás dos pares. Talvez ele nem visse, afinal, o jeans as escondia.

Ao dirigir-se ao carro, enfiou o pé em uma poça d'água. O tênis e a meia ficaram logo encharcados, ela resmungou novamente ao destrancar o carro, apressando-se para entrar nele. Apesar de ter mais de sete anos, seu Volkswagen ainda estava em boas condições. Ele fora batido, de modo que ela o comprara bem barato, e os mecânicos da revendedora haviam feito um excelente serviço. Provavelmente o carro não agüentaria se tivesse que ir a um lugar mais distante, como San Antônio, mas, como ela jamais saía da área de Jacobsville, ele era um meio de transporte confiável.

Deixou a via de acesso à casa e pegou a estrada de terra que levava à rodovia interestadual. Apesar de ter sido recentemente repavimentada, a pista ainda estava um pouco escorregadia por causa da chuva. Ela seguiu em marcha lenta pela rodovia. Ia chegar atrasada. Nada havia a ser feito. Teria de contar a verdade a Jared, e torcer para que ele fosse compreensivo.

— Eu disse especificamente dez horas — gritou ele no abrir a porta da frente para que ela entrasse.

Estava usando jeans, uma camisa de linho, botas e um chapéu de caubói preto. Até mesmo vestido para trabalhar, ele conseguia ser elegante. Parecia um caubói de verdade, mas poderiam tê-lo usado como modelo para uma escultura de metal. Um caubói de aço.

Ela teve de resistir à tentação de rir da comparação.

— E está pingando para tudo quanto é lado — murmurou ele, olhando para as roupas dela. — O que você fez afinal, nadou na lama para chegar até aqui?

— Pisei em uma poça quando estava me dirigindo para o carro — disse Sara, apertando de encontro ao corpo a sacola plástica com os livros dele.

Ele olhou por sobre o ombro dela.

— Não sei exatamente o que é aquela coisa, mas eu não me dignaria a chamá-la de carro.

Os olhos dela começaram a brilhar.

— Tome — disse ela, empurrando a sacola para Jared.

— E você precisa aprender um pouco de boas maneiras — acrescentou ele.

— Não jogue suas pérolas aos porcos! — citou ela, enraivecida.

Jared ergueu as sobrancelhas sob o chapéu.

— Se esse sobretudo serve como indício de sua situação financeira, terá sorte se achar uma pérola de sabedoria para jogar aos porcos. O que eu não sou — completou ele, com severidade.

— Minha chefe ficou de lhe telefonar...

— E telefonou. — Ele retirou um cheque dobrado do bolso e o entregou a Sara. — Da próxima vez que eu fizer uma encomenda, espero pontualidade. Sou ocupado demais para ficar à toa aguardando que as pessoas apareçam.

— A estrada na qual eu moro está sob um palmo de lama — argumentou ela

— Poderia ter me telefonado no caminho para avisar.

— Com o quê? Sinais de fumaça? Eu não tenho celular.

Por que será que isso não me surpreende? — perguntou ele, com sarcasmo.

— E minha situação financeira não é da sua conta! Ele olhou para baixo.

— Se fosse, eu me demitiria. Nenhum contador vai querer trabalhar para uma mulher que não consegue nem pagar por um par de meias que combinem.

Tenho outro par igualzinho a este em casa! Ele franziu a testa e inclinou-se para frente.

— O que é isso? — indagou, apontando para a manga do sobretudo.

Ela olhou para baixo.

— Aahhhhh! — gritou, pulando de uma perna para a outra. — Tire de mim, tire de mim! Aaaahhhh!

Um homem muito alto veio do interior da casa até a entrada. Quando seguiu com o olhar o dedo estendido do patrão, viu qual era o motivo de toda aquela comoção.

— Ah — disse.

Ele adiantou-se, agarrou o braço de Sara, pegou o marimbondo amarelado na manga dela, jogou-o no cliflo e pisou nele com um sapato do tamanho de uma caixa de sapatos.

— É apenas um marimbondo — disse gentilmente o Sr. Danzetta.

Sara fitou o inseto esmagado no chão e inspirou fundo.

— É um marimbondo-caçador. Eu já levei uma ferroadinha de um no pescoço, que inchou, e tive de ser levada para o hospital. Desde então, tenho pavor desse bicho. — Ela fitou o guarda-costas. — Obrigada.

Era estranho como Danzetta lhe parecia conhecido. Mas tinha quase certeza de jamais o ter visto. Sua condição dificultava lembranças do passado.

Jared fitou intensamente o empregado, que estava sorrindo para Sara e a fitando com algo que lembrava reconhecimento. Ao notar o olhar do patrão, Danzetta pigarreou e voltou para o interior da casa.

— Não me venha se insinuar para os empregados — disse ele, após fechar a porta atrás de Tony.

— Eu só disse obrigada! Como pode chamar isso de insinuação?

— Ligarei para a loja quando precisar de mais livros — informou ele, ignorando a pergunta.

Ela lia rápido, mas ele tinha comprado oito livros. A não ser que fosse usá-los como peso de porta, demoraria um pouco para terminar de ler todos.

— Trouxe os livros, e eu lhe dei um cheque. Falta alguma coisa? — indagou ele com um sorriso frio. — Se estiver se sentindo sozinha e precisando de companhia, há vários serviços que anunciam na televisão tarde da noite — acrescentou.

Ela se empertigou.

— Se estivesse me sentindo sozinha, este seria o último lugar do mundo em que eu procuraria companhia!

— Então, por que ainda está aqui?

Ela não podia chutá-lo, ela não podia chutá-lo...

— E nada de cantar pneu ao arrancar — gritou ele, atrás dela. — O cascalho é novo!

Ela torcia para que ele a estivesse olhando ir embora. Ao arrancar, deslocara cascalho suficiente para cobrir um canteiro de flores.

Foi um final de semana longo e chuvoso. Sara sabia que ninguém no condado de Jacobs iria reclamar da chuva. Estava sendo uma primavera seca e quente para aquela época. Devido à seca, os rancheiros estavam pagando alto pelo milho. Embora sentisse pena dos poucos pequenos rancheiros da região, ficava feliz por não ser uma fazendeira ou rancheira. Um dia, não existiriam mais pequenos agricultores no país. Tudo pertenceria às empresas internacionais e seus produtos geneticamente aprimorados.

— Ora, mas você está mesmo perdida em pensamentos, não está? — brincou Dee ao entrar na loja na quarta-feira seguinte, pouco antes do meio-dia.

Pega de surpresa pela entrada da chefe, Sara piscou os olhos.

— Desculpe — disse, rindo. — Estava pensando em milho. Dee a fitou.

— Muito bem — ironizou.

— Não, não estou perdendo o juízo — Sara riu. Li um artigo em uma revista de fazendeiros. — Ela mostrou a revista para Dee. — E sobre a alta nos preços do milho este ano. Dee sacudiu a cabeça.

— Não sei o que os pequenos rancheiros vão fazer. Terão que torcer para que a safra do feno seja boa este ano, ou precisarão vender gado antes do inverno para não ter que alimentá-lo com o milho estocado.

— Deve ser difícil ter que depender do clima para o próprio sustento.

— E é — confirmou Dee. — Cresci em uma pequena fazenda ao norte daqui. Teve um ano em que tivemos uma seca tão prolongada que perdemos tudo que plantamos. Papai teve de entrar no lucro do ano seguinte para comprar sementes e fertilizante. — Ela sacudiu a cabeça. — Por fim, ele se viu incapaz de continuar lidando com a incerteza. Arranjou um emprego para consertar motores em uma das revendedoras de carro.

— Está séria a situação, sabe. Enchentes no Meio-Oeste, e secas aqui e no sudeste. Ou é muita água, ou é nenhuma. Tinham de construir aquedutos, como os romanos faziam, e compartilhar a água com quem precisa dela.

— Não é má idéia, mas quem pagaria por isso? Sara riu.

— Imagino que ninguém. Mas não deixa de ser uma boa idéia.

Dee olhou para o relógio.

— Acho melhor você ir, ou vai acabar se atrasando.

— É mesmo. Obrigada, Dee. Ela sorriu.

— Boa sorte com os seus desenhos.

LISA Parks tinha cabelos louros e um sorriso meigo. Estava carregando Gil, seu bebê de 18 meses, quando veio receber Sara na porta. Gil tinha cabelos castanhos e olhos verdes, como os do pai. Estava usando um conjunto de marinheiro.

— Mas, ele está uma graça! — disse Sara, o que fez Linda sorrir alegremente.

— É o nosso xodozinho — murmurou Lisa, beijando o neném no nariz. — Entre.

Sara entrou na casa. Ela fora a residência de um solteirão por muitos anos, mas o toque feminino de Lisa a transformara em um lar.

— Quer um café antes de começar? — ofereceu Lisa.

Mais tarde, se não for dar trabalho. Sem problemas. Os filhotes estão no celeiro. Quando chegaram ao pátio, viram Harley Fowler aproximando-se a cavalo. Ao avistar Sara com Lisa, ele abriu um sorriso largo.

— Oi, Sara.

— Oi, Harley. Como está indo com o espanhol? Ele deu de ombros.

— Acho que estou aprendendo um pouco. Mas Juan é um professor melhor do que qualquer livro.

— Como está o queixo? — perguntou Sara. líleomassageou.

— Muito melhor.

— Epa, mama — disse Gil, franzindo a testa. — Epa.

Ele se contorceu no colo da mãe.

— Epa significa que alguém está precisando trocar a fralda — explicou Lisa, rindo. Ela olhou para Harley e, pressentindo algo, disfarçou um sorriso. — Harley, se não estiver ocupado, importa-se de mostrar os filhotes para Sara enquanto troco a fralda de Gil?

— Harley exibiu um sorriso alegre.

— Eu adoraria! — Ele desceu da sela e segurou o cavalo pelas rédeas, enquanto aguardava que Sara o alcançasse. — Vai adotar um dos filhotes?

— Não havia pensado nisso. Talvez não saiba, mas tenho um gato, e ele não gosta muito de cães. Até o latir de um cão na televisão o incomoda.

Ele franziu a testa.

— Mas você veio ver os filhotes...? Ela mostrou-lhe a prancheta de desenho.

— Vim desenhar os filhotes, para o livro infantil que estou escrevendo — completou.

— Algum dia ela vai ser famosa, e poderemos nos vangloriar de tê-la conhecido antes do sucesso — brincou Lisa. — O café vai estar pronto quando tiver terminado, Sara. Também fiz um bolo.

— Obrigada.

Lisa acenou e voltou com o bebê para o interior da casa. Harley amarrrou o cavalo à cerca do curral e entrou no celeiro com Lisa. Em uma baia cheia de feno estavam os cinco filhotes e Bob, a Collie. Ela estava amamentando os cachorrinhos.

— Uma cadela chamada Bob — refletiu Sara.

— O patrão disse que, se Johnny Cash podia ter um cão chamado Sue, ele podia ter uma fêmea chamada Bob.

— Ela é linda. E os filhotes são umas gracinhas.

— Três machos e duas fêmeas — disse ele. — Quer uma cadeira? — ofereceu. — Este banquinho serve. Obrigada, de qualquer forma.

Ela puxou o banco para perto, abriu o caderno e tirou o lápis do bolso.

— Vai ficar nervosa se eu assistir? Sara sorriu.

— Claro que não.

Ele se apoiou na parede da baia e cruzou os braços, concentrando sua atenção no modo como a mão dela percorria o papel, como o lápis rapidamente dava vida nos filhotes na folha branca.

— Você é boa mesmo — disse ele, surpreso. A única coisa na qual me destaquei na escola murmurou ela, enquanto desenhava. Ela anotou as cores dos cachorrinhos para não se esquecer quando fosse começar as ilustrações em pastel para o seu livro.

— Posso consertar qualquer coisa mecânica — disse ele —, mas sou incapaz de desenhar uma linha reta.

— Todos nós temos os nossos talentos, Harley. De nada adiantaria sermos todos bons na mesma coisa. É, acho que não. Ela continuou a desenhar em silêncio.

— Eu quis falar com você na loja, mas fomos interrompidos — ele começou a dizer. — Vai ter um concerto na escola no sábado. Eles vão receber a Orquestra Sinfônica de San Antônio. Gostaria de saber w, bem, se gostaria de ir comigo. Ela o fitou com os olhos sorridentes.

— Eu adoraria. Queria muito ir, pois vão tocar Debussy, e ele é o meu compositor favorito. Mas não tinha coragem de ir sozinha. Encorajado, ele riu.

Então está marcado. Podemos sair cedo e jantar no restaurante chinês. Gosta de comida chinesa? Adoro. Obrigada.

— Então, eu a apanharei no sábado por volta das cinco. Está bem?

Sara sorriu para ele. Harley era mesmo um doce.

— Está combinado.

Ele olhou para o cavalo parado diante do celeiro.

— E melhor eu voltar para o pasto. Estamos vacinando o gado e o veterinário está examinando os animais. Eu a vejo no sábado.

— Obrigada, Harley.

— Eu é que agradeço.

Ela o observou se afastar. Era bonito, agradável e da região. Que diferença do rancheiro grosseiro e mal-humorado que sequer demonstrara algum sentimento quando ela quase morreu afogada para lhe entregar os livros imbecis. Por que diabos fora pensar em Jared Cameron? Ela se forçou a se concentrar nos filhotes.

HARLEY a apanhou às cinco no sábado na sua caminhonete vermelha velha, mas bem cuidada. Estava de terno e estava muito bonito. Sara estava usando um simples vestido preto com as pérolas da mãe. Os sapatos de salto alto pretos estavam um pouco gastos, e ela torcia para que ninguém reparasse. Sara também colocara um xale de renda ao redor dos ombros.

— Você está muito bonita — elogiou Harley. — Suponho que vá haver pessoas usando jeans e shorts, mas sempre achei que um concerto chique merece certa produção.

— Concordo. Pelo menos não está chovendo.

— Pois eu até queria que estivesse. Já não se sente mais os efeitos da chuva do sábado passado, e a safra está sofrendo com isso. Ainda estamos sofrendo com a seca.

— Nem me fale daquela chuva — murmurou ela. Eu estava dirigindo o meu Volkswagen no meio da lama para ir entregar os livros de Jared Cameron! Ele olhou para ela.

— E por que ele não foi buscá-los na loja?

— Ele é muito ocupado. Harley começou a rir.

— Ora! Todo mundo é ocupado. Ele podia dispensar meia hora para dirigir até a cidade. Ele tem meia dúzia de carros. O sujeito grandalhão que trabalha para ele é mecânico nas horas vagas. Ele mantém a frota em forma.

— Que tipo de carros? — indagou ela com curiosidade.

— Tem um Rolls-Royce da década de sessenta, um Sludebaker dos anos trinta, e vários outros carros esporte, em sua maioria clássicos. Ele coleciona carros antigos e os restaura.

— Ele chegou na loja em uma caminhonete.

— De tempos em tempos, o sujeito grandalhão de terno de grife serve de motorista para ele.

— Sabe de onde ele veio? Harley sacudiu a cabeça.

— Alguém me disse que é de Montana, mas não tenho certeza. Ele veio para um enterro, cerca de oito meses atrás, mas ninguém se recorda de quem.

Um parente, talvez? Ele deu de ombros.

— Foi em uma das antigas igrejas do interior. Mount Hebron Baptist, acho.

— É a igreja que eu frequento — disse ela, franzindo a testa. — O vovô foi enterrado lá. Mas não me recordo de ter lido a respeito de nenhum enterro para pessoas de fora da cidade.

— Dizem que foi uma missa particular. Apenas cinzas, não houve caixão.

Ela assoviou baixinho.

— Eu não gostaria de ser cremada.

— Eu gostaria — disse ele, sorrindo para ela. — Um verdadeiro enterro viking. Não há nada de errado nisso. Além do mais, não é caro. Colocam você em uma urna sobre a lareira e não há taxa de manutenção.

Ela riu.

— Harley, você é terrível!

ELES tiveram um jantar agradável no restaurante chinês local, e depois foram até a escola. Muita gente foi assistir à atração da cidade grande. Harley pegou gentilmente o braço de Sara para ajudá-la a subir na calçada, e depois permitiu que seus dedos acidentalmente se entrelaçassem aos dela. Ela não se opôs. Sempre gostara de Harley. Era bom ter um homem que a considerasse atraente.

Harley estava sorrindo para ela quando quase colidiram com um homem na fila. O homem bem-vestido, com um terno e um chapéu de caubói de aba larga, virou-se para eles com os olhos verdes brilhando de modo hostil.

— Peço desculpas, Sr. Cameron — apressou-se em dizer Harley.

Jared Cameron mal assentiu para os dois, e voltou min atenção para a fila que estava se movendo.

Quando ele já estava longe, Sara sussurrou:

— A culpa foi dele. Você não precisava ter se desculpado.

Ele riu.

— Este não é lugar para atritos.

Ela sorriu.

— Tem razão, Harley. É porque não gosto dele. É arrogante demais.

— Ele acaba de comprar um rancho enorme. Deve viver em um patamar diferente do restante de nós. Suponho que se ache acima da cortesia básica.

Sara apenas assentiu. Não gostara do antagonismo nos olhos de Jared quando olhara para Harley. Sentaram-se o mais longe possível de Jared Cameron. Depois, ela se envolveu com a belíssima música composta por Claude Debussy. Harley parecia estar gostando tanto do concerto quanto ela. Era bom terem algo em comum.

Na saída, notaram Jared Cameron conversando seriamente com o chefe de polícia Cash Grier. Sara se perguntou sobre o que poderiam estar conversando. Mas decidiu que não era de sua conta.

Já passava das dez quando Harley a deixou em casa. Ela sorriu para ele.

— Obrigada, Harley. Eu me diverti muito. Eu também. Quer pegar um cinema na sexta que vem?

O coração dela disparou de maneira agradável. Ele Itnslava dela.

— Adoraria — disse ela, sorrindo. Ele sorriu também.

— Ótimo!

Harley hesitou. Sara também. Sua experiência com homens era extremamente limitada. Não tivera muitos namorados. Harley sabia disso, mas não parecia se incomodar com o fato. Após um instante, ele se inclinou e gentilmente roçou a boca sobre a dela.

— Boa noite, Sara. Ela sorriu.

— Boa noite, Harley.

Ele subiu na caminhonete, acenou e foi embora.

Sara observou a caminhonete desaparecer na distância, franzindo a testa ao analisar o breve beijo, que não mexera com ela. Gostava de Harley. Adoraria ter um namorado. Mas não sentira nada quando ele a beijara. Talvez isso viesse com o tempo, ela procurou se convencer ao abrir a porta e entrar. Ainda estavam no início do relacionamento. Teriam muito tempo pela frente para experimentar.

Foi na semana após o concerto que seu desafeto fez outra encomenda. Desta vez o fez por telefone, e para Dee, que atendera a ligação.

— Que seleção — exclamou Dee ao desligar o telefone. Ela leu a lista, sacudindo a cabeça. — Clássicos gregos e romanos, um pouco de ficção científica, dois livros sobre proibição das drogas e dois sobre política sul-americana. Ah, e um sobre mercenários.

— Talvez ele esteja pensando em começar uma guerra — sugeriu Sara.

— Em algum outro país, é claro. — Ela fez um biquinho e seus olhos brilharam.

— Ou esteja ansioso para deixar a cidade por estar tão fascinado comigo!

Dee a fitou por sobre os óculos.

— Como é que é?

— É só uma teoria — disse ela, divertida. — Afinal, estou me tornando *uma femme fatale*. Harley Fowler não pôde resistir a mim. E se meu charme fatal enfeitiçou o Sr. Cameron e ele resolveu correr da raia? Talvez sinta a necessidade de fugir antes de ficar apaixonado por mim!

— Sara, você está se sentindo bem? Ela apenas sorriu.

— Jamais me senti tão bem.

— Se é o que diz... Vou fazer a encomenda. — Ela fitou Sara. — Ele quer que você os entregue na casa dele no sábado. Sara ficou séria.

— Ele adora estragar os meus finais de semana.

— Ele mal a conhece, querida. Tenho certeza de que não é nada disso.

Sara não respondeu.

Na quinta-feira, Harley telefonou para dar a má notícia.

— Tenho de ir a Denver resolver uns negócios para o patrão, e vou ficar pelo menos uma semana fora, talvez mais — informou ele com tristeza. — De modo que não vai dar para irmos ao cinema na sexta-feira.

— Não tem problema, Harley. Podemos ir quando você voltar. Ele riu.

— Você torna as coisas tão fáceis, Sara.

— Faça uma boa viagem.

— Pode deixar. Cuide-se.

— Você também.

Ela desligou e se perguntou por que Harley teve de se afastar da cidade justamente antes de saírem novamente. Era como se o destino estivesse conspirando contra ela. É uma pena. Sara estava ansiosa pelo programa. Agora tudo que lhe restava era esperar o sábado e entregar os livros para Jared. O pensamento não a deixava feliz. De jeito nenhum.

Entretanto, procurou se convencer, podia ser pior. Podia estar saindo com *ele*: o ogro.

CAPÍTULO 3

SARA levou os livros para casa na sexta-feira, exatamente como fizera na vez anterior, para não ter que ir u cidade. Pelo menos naquele sábado, quando saiu puni pegar o carro, não estava chovendo.

Desta vez, ele a estava aguardando na varanda, apoiado em uma das colunas, com as mãos nos bolsos da calça. Como da última vez, estava usando roupas de trabalho. As mesmas botas, o mesmo chapéu e a mesma expressão desagradável no rosto. Sara esforçou-se para não prestar atenção no seu físico incrível e em como ele era bonito. Não seria bom que Jared se desse conta de como ela o achava atraente.

Ele olhou para o relógio, quando ela subiu as escadas.

— Cinco minutos atrasada — comentou, ela ergueu as sobrancelhas.

— Não estou não. Meu relógio está marcando dez em ponto.

— Meu relógio é melhor do que o seu — retrucou ele.

— Se você julga isso pela quantidade de ouro na pulseira, e não pela qualidade do mecanismo.

— Você é muito nervosa para alguém que gosta de concertos. — Ele sorriu, mas sem sarcasmo. — Gosta de Debussy, não gosta?

— Gosto.

— E de quem mais?

Ela foi pega de surpresa pela pergunta.

— Gosto de Respighi, Rachmaninoff, Haydn e alguns compositores modernos como Basil Poledouris e Jerry Goldsmith. Também gosto de James Horner, Danny Elfman, Harry Gregson-Williams e James Newton Howard.

Ele a fitou com curiosidade.

— Pensei que uma moça do interior como você estaria mais para a rabeca do que para o violino.

— Até aqui no Extremo da Roça sabemos o que é cultura — retrucou ela.

Ele riu,

— Perdoe a minha ignorância. O que chegou? — perguntou, apontando para os livros que ela trazia.

Sara lhe entregou a sacola. Assentindo, ele verificou os títulos, tirou um cheque do bolso e o entregou a ela.

— É sério? — perguntou abruptamente.

— O que é sério?

— Você e o caubói no concerto. Qual é o nome dele, Fowler?

— Harley Fowler. Somos amigos.

— Apenas amigos?

— Já me fizeram essa mesma pergunta nove vezes esta semana. Só porque estou saindo com um homem não significa que esteja pronta para dar à luz os filhos dele.

Algo tornou os olhos dele frios novamente. O ar ligeiramente amigável desapareceu.

— Obrigado por trazer os livros — disse abruptamente.

Ele se virou e voltou para dentro de casa sem dizer mais nenhuma palavra, batendo a porta ao entrar. Confusa, Sara voltou para o carro. Não podia imaginar o que poderia ter dito para fazê-lo mudar de humor daquela maneira.

No dia seguinte, foi à igreja e almoçou na cidade. O comportamento de Jared a deixara incomodada. Não entendia a reação dele. Ela não era o tipo de mulher que saía por aí tentando magoar as pessoas, mesmo quando estas mereciam.

Após o almoço, seguindo um impulso, dirigiu de volta para a igreja, estacionou o carro e caminhou até o cemitério. Queria ver se tudo estava em ordem na sepultura do avô. Ela gostava de conversar com ele, colocá-lo em dia com todas as novidades da cidade. Provavelmente devia parecer louca para quem a espiasse, mas Sara não se importava. Não era da conta de ninguém se ela queria pensar que o avô podia escutá-la.

Ela se deteve diante da lápide e ajoelhou-se para arrancar algumas ervas daninhas que estavam crescendo ao redor.

— Oi, vovô — disse baixinho. — Espero que esteja em um lugar tranquilo ao lado de vovó. Sinto muita saudade. Especialmente no verão. Lembra de como costumávamos nos divertir quando íamos pescar juntos? Você fisgou uma perca enorme e caiu no rio no tentar puxá-la para o barco. — Ela riu baixinho. Você disse que foi o

peixe mais saboroso que já comeu.

Sara retirou mais uma erva daninha.

— Tem um sujeito novo na cidade. Você iria gostar dele. Adora ler e tem um rancho enorme. Contudo, comporta-se como um ogro. Muito anti-social. Ele me trata como se eu fosse uma mendiga...

Sara parou de falar ao se dar conta de que não estava sozinha no cemitério. Na outra extremidade do local, uma figura conhecida estava arrancando ervas daninhas de uma lápide e conversando com esta. Sara não o escutara chegando.

Sem pensar nas conseqüências, caminhou na direção dele. Aquele não era o lugar para provocar confusão. Era um local que as pessoas visitavam para honrar e se recordar dos entes queridos.

Ela se deteve atrás dele e leu a lápide.

"Ellen Marist Cameron". Ela teria completado nove anos naquele mesmo dia.

Jared sentiu sua presença e se virou. Seus olhos estavam frios, cheios de dor e mágoa.

— Sua filha — disse Sara baixinho.

— Morta em um acidente de carro — informou ele friamente. — Fora ao zoológico com uma amiga e os pais desta. No caminho de volta foram abalroados em um cruzamento por um motorista bêbado. Minha filha morreu na hora.

— Eu sinto muito. Ele inclinou a cabeça.

— Por que está aqui?

— Venho sempre conversar com o meu avô — confessou ela, desviando o olhar. — Ele faleceu recentemente do coração. Meu avô era toda a família que me restava.

Ele assentiu, lentamente.

— Ela — disse, indicando a lápide — era toda a família que me restava também. Meus pais morreram há muito tempo. Minha esposa morreu de overdose uma semana após a morte de Ellen. — Ele fitou as fileiras de lápides com um olhar vazio. — Meu avô morava por aqui. Achei que seria um bom lugar para ela descansar. Ao lado dele.

Então foi este o enterro ao qual ele veio. O da própria filha. Não era de se admirar estar tão amargo.

— Como era ela? — perguntou Sara. Ele a fitou com curiosidade.

— A maioria das pessoas tenta evitar o assunto. Sabem que é doloroso, de modo que nada dizem.

— Dói mais não falar neles. Sinto falta do meu avô todos os dias. Ele era o meu melhor amigo. Lecionava história na faculdade local. Costumávamos ir pescar nos finais de semana.

— Ela gostava de nadar. Fazia parte da equipe de natação da escola. Era um gênio com computadores. — acrescentou, rindo baixinho. — Sempre que eu tinha dificuldade para achar alguma coisa na internet, ela encontrava a página com o clicar de dois botões, ela era... uma menina... muito... promissora.

A voz dele falhou.

Sem pensar nas conseqüências, Sara aproximou-se e passou os braços ao redor dos ombros dele, apertando forte. Após um instante de hesitação, Jared também a envolveu com os braços. Naquele instante, com o vento zumbindo ao redor deles, parecia que estavam sozinhos no mundo. Ele suspirou, sentindo a tensão que tomava conta dele diminuir.

Eu não conseguia falar sobre ela. Tem um enorme vazio na minha vida que nada parece preencher.

Ela era o meu mundo, e enquanto estava crescendo, eu estava me matando de trabalhar para ganhar dinheiro. Nunca tive tempo de comparecer às suas competições de natação, nem viajar com ela nas férias. Eu sequer estava presente no último Natal, pois tive de voar para a Argentina para fechar um negócio. Era para ela ter passado o Natal comigo. A mãe já ficara com ela no Dia de Ação de Graças. — Jared inspirou fundo, e seus braços involuntariamente se contraíram ao redor da figura esbelta de Sara. — Ela jamais reclamou. Satisfazia-se com o tempo que eu conseguia dispor para ela. Jamais pensei que teríamos tão pouco tempo.

— Ninguém está preparado para a morte — disse Sara, com os olhos fechados, enquanto escutava a batida regular do coração. — Eu sabia que vovô estava ficando velho, mas não queria encarar esse fato. Perdi meus pais alguns anos antes. Só me restava o vovô.

Ela percebeu que ele assentia.

— Ela era parecida com você?

— Tinha o meu biótipo, mas o cabelo era igual ao da mãe. Não era bonita, mas as pessoas se sentiam bem só de estar perto dela. Ela se achava feia. Eu sempre tentava lhe explicar que beleza não era tão importante quanto caráter e personalidade.

Seguiu-se um prolongado e agradável silêncio.

— Por que decidiu morar aqui? — perguntou ela, de súbito.

Ele hesitou.

— Foi uma decisão de negócios — respondeu ele, voltando a se calar. — Achei que mudar de ares poderia ajudar.

Retraindo os braços, Sara se afastou.

— E ajudou?

Ele a fitou. A intensidade de seu olhar foi tanta que ela sentiu-se enrubescer e baixou os olhos. Ele riu diante do constrangimento de Sara.

— Você é tímida.

— Não sou, não. Está quente — protestou ela, afastando-se ainda mais.

Não podia demonstrar fraqueza diante do inimigo.

— Não quis ofender — disse ele. — Não há nada errado em ser tímida. — Os olhos dele estreitaram-se. — Quem cuida de você quando fica doente? Sua chefe?

— Dee é maravilhosa, mas não é responsável por mim. Eu cuido de mim mesma. — Ela o fitou. — E quanto a você?

Ele deu de ombros.

— Se eu estivesse à beira da morte, Tony, o Dançarino, provavelmente ligaria

para alguém, desde que não estivesse de férias ou de folga. Minha advogada talvez enviasse um médico se alguém a avisasse.

— Mas eles tomariam conta de você? — insistiu ela.

— Não é o trabalho deles. Ela inspirou profundamente.

Sei que não gosta de mim. Mas talvez pudéssemos tomar conta um do outro.

— Quer dizer, ser a família um do outro. Sem vínculos — apressou-se ela em dizer. — Apenas estaríamos por perto se um de nós ficasse doente.

Ele parecia estar considerando a proposta seriamente.

— Fiquei gripado e quase morri no inverno passado — disse baixinho. — Foi logo após ter perdido minha filha. Se Tony não tivesse voltado mais cedo das férias de fim de ano, acho que teria morrido. A gripe transformou-se em pneumonia, e eu estava doente e fraco demais para conseguir ajuda.

— Algo parecido aconteceu comigo esse ano. Fiquei doente, e sentia uma dor horrível na barriga. Fiquei acamada por vários dias até me sentir forte o suficiente para me levantar e ir trabalhar. Provavelmente não passou de uma indisposição estomacal, mas não pude deixar de pensar, e se tivesse sido algo sério? Não conseguia nem chegar ao telefone.

Ele assentiu.

— Já pensei o mesmo. Muito bem, suponhamos que concordemos em fazer isso.

Ela sorriu.

— Não é uma idéia tão ruim, é?

— Não, não é.

— Eu ficaria mais inclinada a concordar se você parasse de me tratar como uma mendiga — acrescentou ela.

— Então pare de se vestir como uma — sugeriu ele!

Ela o fitou furiosa.

— Eu não me visto como uma mendiga.

— Suas meias nunca combinam. Seu jeans parece ter sido usado por um urso enraivecido. Suas camisetas sempre têm desenhos ou dizeres.

— Quando você está trabalhando, também não se arruma tanto assim — atacou ela, não se sentindo à vontade para lhe contar a verdade a respeito do modo como se vestia. — E eu não teria a ousadia de lhe perguntar o que tinha nas botas que cheirava tão mal.

— Quer mesmo saber? Era... — e ele usou o vernáculo de maneira tão perversa que ela corou.

— Você é um homem muito malvado. Ele a fitou cuidadosamente.

— Se quer mesmo ser a minha família, precisa parar de dizer coisas desagradáveis para mim.

— Vou me esforçar — retrucou ela. Ele inspirou profundamente e olhou para a pequena sepultura.

— Por que veio aqui justamente hoje? Sara sorriu com tristeza.

— Hoje é Dia dos Pais. Da última vez que estive aqui, coloquei algumas flores de seda na sepultura de vovô. Quis me certificar de que o vento não as havia levado.

— Há muito que queria ligar para uma das floriculturas locais e mandar que alguém viesse colocar mu buquê recém-colhido na sepultura dela. Mas tenho tido alguns problemas de negócios para resolver acrescentou ele, sem especificar que problemas seriam. — Tenho o hábito de escrever lembretes sobre esse tipo de coisa. — Ele sorriu timidamente. — Só que vivo perdendo os lembretes.

— Faça isso o tempo todo — confessou ela.

Ele inclinou a cabeça e a fitou.

— Por que não consegue usar coisas que combinem? — perguntou, notando que seus brincos também eram de pares distintos.

— Ela fez uma careta. O relacionamento ambíguo dos dois era muito recente para revelar o verdadeiro motivo. Sara preferiu mentir.

— Sempre estou com pressa. Coloco a primeira coisa que me vejo. O pessoal da cidade sabe que faço isso e não se diverte à minha custa. — Ela hesitou. — Não, isso não é bem verdade. Quando vim morar com vovô, alguns dos meninos da região foram bem cruéis comigo.

— Por quê?

— Bem, minha mãe não era a mais inocente das mulheres — admitiu ela. — Teve romances com três ou quatro homens da cidade, e foi responsável por alguns divórcios. Os filhos desses casais divorciados não tinham como se vingar dela, mas de mim, sim.

Ela contou esse fato casualmente, sem atribuir culpa.

— Você não deveria parecer mais rancorosa? Ela sorriu para ele.

— Ir à forra pode parecer excitante, mas hoje você pode acabar na cadeia por brigar na escola. Eu não queria magoar meu avô mais do que minha mãe já o fizera. Entenda, ele era professor universitário, dos mais conservadores. O que ela fez o constrangeu e o humilhou. Um dos amantes dela foi o chefe do departamento dele na faculdade. Ela fez isso deliberada-mente. Mamãe odiava meu avô.

— Posso perguntar por quê?

Outra pergunta que ela não se sentia à vontade para responder. Ela abaixou os olhos.

— Não sei bem — mentiu.

Jared sabia que ela estava escondendo algo. A linguagem corporal era óbvia. Uma outra pergunta lhe veio à cabeça.

— Quantos anos você tem?

Ela ergueu os olhos e sorriu.

— Não conto.

— Ainda não se desiludiu com a vida — refletiu ele. — Diria que não chegou aos 25 anos, mas está perto.

Ele errou, mas Sara preferiu não demonstrar.

— Nada mal — mentiu.

Ele colocou as mãos nos bolsos da calça e olhou para o céu.

— Ainda nada de chuva. De acordo com a meteorologia, não vai chover por pelo menos mais uma semana — comentou. — E estamos precisando tanto...

— Eu sei.

Ele verificou o relógio.

— É melhor eu voltar para casa. Estou esperando um telefonema do Japão.

— Você fala o idioma?

Ele riu.

— Eu tento. Mas a empresa com a qual estou negociando possui inúmeros tradutores.

— Aposto que o Japão é um lugar interessante disse ela, com olhar sonhador. — Jamais estive na Ásia.

Ele parecia surpreso.

— Pensei que nos dias de hoje todo mundo viajasse.

— Nunca tivemos dinheiro para isso. A idéia de viagem internacional para o vovô era comprar um guia de viagens do país que o interessava. Todo o dinheiro que sobrava ele gastava em livros, centenas deles.

— Disse que ele lecionava história. Qual era o período dele?

Ela hesitou ao lhe fitar o rosto bonito. Pareceria coincidência demais lhe contar a verdade? Ele franziu a testa.

— E?

— Segunda Guerra Mundial — confessou ela. — A campanha no norte da África.

— Você não mencionou esse detalhe quando encomendei os livros sobre o assunto.

— Achei que pareceria muita coincidência você estar à procura de livros justamente sobre o assunto que meu avô lecionava.

— É, mas coincidências acontecem. Ele tinha autobiografias?

— Tinha, todos os tipos de relatos na primeira pessoa de ambos os lados do conflito. Os favoritos dele eram Erwin Rommel e George Patton, mas ele apreciava os pontos de vista da Nona Divisão Australiana, assim como as memórias do general inglês Bernard Montgomery.

— Perguntei ao filho de um dos meus vice-presidentes que atualmente cursa o ensino fundamental sobre qual general ele gostava de ler quando estudava história. Ele disse que não lhe ensinaram nada sobre nenhum oficial individual. Ele sequer sabia quem era Rommel.

Ela sorriu timidamente. Formara-se na escola apenas dois anos antes, mas Jared não sabia disso.

— Pelo que eu aprendi na escola, também não saberia — confessou. — Mas meu avô fazia uma palestra de duas horas para cada assunto que eu mencionava.

Ele parecia genuinamente interessado.

— Quem foi o último comandante do oitavo exército inglês antes de Montgomery no norte da África?

Ela riu.

— Você acha que eu não sei, não é? Foi Auchinleck... Sir Claude. Era um homem grande e ruivo, e a esposa era americana.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Você é boa. Qual era o nome da esposa de Rommel?

—Lucie, mas ele a chamava de Lu. Tinham um filho, Manfred, que se tornou prefeito de Stuttgart, na Alemanha. Quer saber que tipo de artilharia antitanque que Rommel usou que desconcertou os generais ingleses? Foi o canhão antiaéreo de 88 milímetros. Ele os camuflou e atraiu os tanques ingleses até o alcance dos canhões. Eles pensaram que era algum tipo de super arma, mas não passavam de canhões antiaéreos normais. Um dos oficiais capturados disse para Rommel que não era justo usá-los contra tanques. Mas guerra é guerra.

— É verdade. — Jared agora a estava enxergando por um prisma completamente diferente. — Por acaso você empresta livros?

Ela franziu a testa.

—Nunca o fiz, mas acho que posso abrir uma exceção. Vovô teria adorado conversar com você sobre o norte da África.

— Eu também teria gostado. — Ele olhou novamente para o relógio. — Estou atrasado!

—Também tenho de voltar para casa. — Ela baixou os olhos para a lápide. — Sinto muito pela sua filha.

—E eu pelo seu avô. Os feriados são os piores dias, não são? No último Natal passei dois dias bêbado. Foi o primeiro sem ela.

— Eu não bebo — retrucou ela. — Mas meu coração não consegue comemorar. Passei o Natal em um asilo para idosos, lendo para uma senhora que não tinha companhia.

Inesperadamente, ele estendeu a mão e lhe acariciou o cabelo.

— Não sabia que podia ser tão gentil, Sara...? Ela assentiu.

— Sara Dobbs.

Ele sorriu com ternura.

— Até breve.

Ela sorriu de volta, com emoção.

— Até.

JARED foi embora em um elegante carro esporte vermelho como aqueles que se vê na televisão. Ela sorriu ao considerar o interesse dele por ela por causa do assunto favorito do avô. Primeiro Harley. Agora, homem do coração de aço. Há anos que não

se senti tão bem.

Mas se perguntou se Jared ainda estaria tão interessado nela se soubesse sua idade real. Decidiu manter isso para si, assim como o seu passado. Não havia motivo para ele saber a respeito de nenhum dos dois assuntos. Pelo menos por enquanto. E, quando fosse necessário... Talvez já não fizesse diferença.

NA quinta-feira, quando chegou do trabalho, separou os livros do avô, cuidadosamente correlacionado o assunto com o período, caso Jared Cameron quisesse pedir algo emprestado. Sabia que o avô não se oporia. Ele adorara ensinar sobre as incríveis contradições do palco da campanha no norte da África, onde o que muitos chamaram "uma guerra de cavalheiros" fora travada. Rommel chegara a ponto de instituir uma trégua durante uma batalha sangrenta, e enviara seus homens para ajudar a retirar os feridos dos aliados do campo de batalha.

SUAS mãos tocaram em um livro de autoria de um missionário que trabalhara na África. Aquela fora uma das biografias favoritas de seu avô, embora nada tivesse a ver com a Segunda Guerra. O autor do livro um medico. Ele havia viajado para a África como missionário, e lá permanecera durante muitos anos cuidando dos nativos. O livro inspirara o avô a se dedicar ao trabalho missionário, mas, em vez disso, ele escolhera seguir a carreira de professor universitário. Lamentando sua decisão, anos mais tarde vendera a idéia ao marido da filha.

Sara colocou o livro na prateleira com uma raiva desnecessária. Se ao menos ele tivesse se dado conta das conseqüências que seu fervor viria a ter...

Ela seguiu para a cozinha para alimentar Morris. Após servir a comida de gato na tigela, começou a se sentir nauseada, e a dor na barriga voltou com força. Ela se sentou e gemeu. Mal conseguia se mexer por causa da dor.

Sara levou a mão à testa e viu que estava suando frio. Essas crises estavam começando a vir com mais freqüência. Será que estava sendo acometida pelo mesmo vírus semana após semana? Ou será que era algo pior?

Tentou se convencer de que a dor passaria. Bastaria ficar quieta e ela iria embora, como sempre. Mas não foi. Uma hora mais tarde, sentindo muita dor, ela conseguiu chegar ao banheiro antes de colocar o café-da-manhã para fora. A dor era intensa. Jamais sentira algo igual. Também se sentia febril. Algo estava muito errado.

Ela se arrastou até o telefone na sala de estar e puxou para o chão, e discou 911.

Quando a telefonista atendeu, Sara informou os sintomas, seu nome e endereço. A mulher lhe disse para manter-se na linha enquanto ela passava a chamada para os para-médicos.

Sara encostou-se na parede, mal suportava a idéia de se mexer. A dor era do lado direito. Estava tão forte, que o simples roçar de seus dedos a fazia estremecer.

Por sorte, a porta ficara destrancada. Quando os para-médicos chegaram, ela gritou para que entrassem.

Um deles era uma moça que fora sua colega no colégio uma morena, de baixa estatura, que fora sempre gentil com ela, quando muitos não o haviam sido.

— Oi, Lucy — disse Sara, quando a moça se curvou sobre ela com o estetoscópio.

— Oi, Sara. Onde está doendo? Sara mostrou. Quando Lucy passou os dedos

sobre o local, Sara se ergueu do chão, gemendo. Os três para-médicos se entreolharam. Lucy colocou o termômetro no ouvido de Sara.

— Trinta e oito ponto nove — comentou ela — Sente-se nauseada?

— Sinto.

— Certo. Vamos levá-la para o hospital. Do que você precisa?

—Da minha bolsa que está sobre o sofá, e que se certifiquem que tudo está desligado. Quando sairmos, quero que tranquem a porta e janelas.

—Sem problemas. Curt, pode cuidar do gás e dos aparelhos elétricos e apagar as luzes?

—Claro. E quanto ao gato?

—Ele pode ficar aqui. Já foi alimentado e tem a sua caixa de areia. Pedirei que minha chefe venha vê-lo amanhã de manhã... — Ela se recostou com um suspiro — Graças a Deus parou de doer — disse, sorrindo para Lucy. — Acho que não vou precisar ir para o hospital...

—Coloquem-na na ambulância imediatamente! — ordenou Lucy na mesma hora, e se afastou para falar ao microfone que trazia no ombro, de modo que Sara não pudesse escutá-la. Assentiu ao receber a resposta. Quando ela se virou, Sara já estava a caminho da ambulância. Só horas mais tarde é que ela saberia que a interrupção da dor fora um sinal de que seu apêndice supurara. Se ela tivesse ficado em casa, teria morrido antes do dia seguinte.

CAPÍTULO 4

TUDO não passou de uma névoa para Sara. Ela fia surpresa ao se ver preparada para a cirurgia e assina do um formulário de consentimento minutos após ter chegado ao hospital.

O Dr. "Cooper" Coltrain, o cirurgião local, ruivo, estava pronto e usando máscara quando a trouxe para a sala.

— Oi, Dr. Coltrain — disse Sara, com a voz arrastada, por causa dos medicamentos pré-operatório — Você é que vai passar a faca em mim?

— Só vou tirar o seu apêndice — retrucou ele com uma risada. — Prometo que não vai sentir falta dele.

— Mas eu estou me sentindo bem agora.

— Eu sei. Mas isso não é um bom sinal. Significa que ele supurou.

— O que é isso? — perguntou ela quando uma enfermeira começou a injetar alguma coisa no tubo que estava afixado ao seu braço.

— Algo para deixá-la mais confortável. Será que pode contar até cem de trás

para frente para mim?

Sonolenta, Sara sorriu.

— Claro. Cem, noventa e nove, noventa e oito, noventa e...

Ela acordou na sala do pós-operatório, tonta e completamente desorientada. Queria perguntar o que haviam feito com ela, mas seus lábios se recusavam abrir.

Uma enfermeira entrou para ver como ela estava.

— Já acordou? — perguntou ela. — Que bom!

— O Dr. Coltrain retirou o meu apêndice?

— Retirou, querida.

Sara fechou os olhos e voltou a dormir.

UM dos maiores mistérios das cidades pequenas é como as notícias se espalham com tanta velocidade. Exatamente como Jared Cameron descobriu que o apêndice de Sara supurara nunca foi sabido. Mas ele apareceu pouco depois de terem colocado Sara em um quarto.

Tony Danzetta o acompanhava e ficou do lado de fora do quarto quando Jared entrou. A enfermeira que estava verificando os sinais vitais de Sara olhou desconfiada para o homem parado na porta.

— Não ligue para o Tony — disse Jared. — Aonde eu vou, ele vai também.

— Não se preocupe — disse Sara, ainda com a voz meio arrastada. — Ele não é o único homem que carrega sua proteção consigo.

A enfermeira começou a rir. Jared também. Sara fechou os olhos e adormeceu novamente.

Quando acordou, encontrou Jared sentado na cadeira ao lado da cama. Ele estava usando roupas de trabalho. Ele ficava realmente bem de calça jeans, pensou ela, ainda zozila pela mistura de remédios e dor. Jared era bonito. Sara só percebeu que havia dito isso em voz alta quando ele ergueu ambas as sobrancelhas.

— Desculpe — disse ela.

Jared sorriu.

— Como está se sentindo?

— Não sei bem como colocar em palavras. — Sara notou que Tony ainda estava pacientemente postado ao lado da porta. — Parece que perdi meu apêndice. Será que não poderia mandar Tony, o Dançarino, procurá-lo?

— Ele já sumiu sem deixar rastros. Você vai melhorar. Enquanto está se restabelecendo, vou levá-la para casa comigo.

Ela piscou.

— Isso vai gerar mexericos.

— Não vai fazer diferença para os seus amigos, que os inimigos acham não tem importância. Ou, pelo menos, não deveria ter.

— Acho que tem razão.

— Não pode ficar sozinha em casa nestas condições.

— E quanto ao Morris?

— Tony passou na sua casa para alimentá-lo. Ele cuidará do seu gato até que você possa voltar para casa

Sara estava tonta demais para se perguntar como Tony entrara na sua casa. Os para-médicos a haviam trancado. Ela estremeceu ao se mexer.

— Não sabia que o apêndice podia matar.

— Pode quando ele supura. As dores na barriga que sentia eram sintomas de uma apendicite crônica.

— É provável. Há quanto tempo está aqui?

— Desde que a levaram para a cirurgia — disse ele para a surpresa de Sara. — Tony e eu saímos para jantar enquanto estava na sala de recuperação pós-operatória, depois ficamos aguardando na sala de espera até a colocarem em um quarto.

As pálpebras dela começaram a ficar pesadas.

—Foi gentileza sua vir.

Somos a família um do outro, lembra-se? — disse ele sem sorrir. — Levo minhas responsabilidades muito a sério.

—Obrigada — disse ela, sonolenta.

Não precisa agradecer. Tente dormir mais. Quanto mais descansar, mais rápido vai se recuperar.

—Vai estar aqui quando eu acordar?

—Vou — disse ele, baixinho.

Ela tentou sorrir, mas seus lábios não a obedeceram. E Sara entregou-se ao conforto do sono.

Ao tentar se mexer a dor se intensificava. Tentou se virar, e sentiu como se sua barriga fosse estourar. Ela gemeu.

O homem gigantesco que costumava acompanhar o ogro se aproximou. Ele possuía grandes olhos escuros e espessas sobrancelhas negras. O cabelo negro estava preso para trás em um rabo de cavalo.

—Precisa de algo para a dor? — perguntou ele com a voz retumbante.

Ela procurou focalizar a vista. Ele parecia estrangeiro, mas tinha sotaque da Geórgia. Talvez fosse de ascendência italiana, e criado no sul.

Ele sorriu, colocando à mostra os dentes brancos e perfeitos.

—Não sou italiano. Sou cherokee.

Ela não se dera conta de que expusera em voz alta seus pensamentos. Os analgésicos a estavam afetando de uma maneira estranha.

— É o Sr. Danzetta — disse. — Pensei que fosse um assassino profissional.

Ele riu.

— Meu trabalho é evitar os assassinatos. Sou Tony Ninguém me chama de Sr.

Danzetta. — Ele voltou fitá-la com preocupação. — Dói, não é? j

— Dói.

Ele apertou o botão do interfone. Uma voz atendeu.

— Posso ajudá-lo?

— A jovem está precisando de algo para a dor.

— Já vou.

Minutos depois, uma enfermeira entrou no quarto sorrindo.

— Sinto-me como se meu corpo houvesse sido cortado ao meio — confessou Sara. — Isso vai ajudá-la a se sentir melhor — explicou a enfermeira, acrescentando algo ao soro que estava sendo administrado por via intravenosa.

— Obrigada — agradeceu Sara, sorrindo. — Jamais pensei que perder uma coisinha de nada com um apêndice pudesse doer tanto.

— Você estava bem mal quando chegou — retrucou a enfermeira. Ela fitou Tony com curiosidade — O senhor é da família?

— Quem, eu? Não. Trabalho para o Sr. Cameron. A mulher parecia confusa.

— E ele é parente da srta. Dobbs? Tony hesitou.

— Mais ou menos.

Ela ergueu as sobrancelhas para ele, antes de si voltar para Sara.

Se precisar de algo, basta me chamar. Estou de plantão até a meia-noite.

— Obrigada — disse Sara. — Onde está o Sr. Cameron? - perguntou ela para Tony, depois que a enfermeira deixou o quarto.

—Ele precisou dar um telefonema — disse ele, aparentemente preocupado.

—Você o acompanha a todos os lugares?

—Não exatamente. Ele não gosta quando eu o sigo até o banheiro.

—Nunca conheci alguém que tivesse um guarda-costas. - Sara começou a se sentir tonta. — Na verdade jamais conheci um guarda-costas.

—Sempre há uma primeira vez para tudo — comentou ele, sorrindo.

Ela sorriu de volta. Apesar de parecer amedrontada na primeira vez que o vira do lado de fora da loja, Tony estava parecendo mais um enorme urso de pelúcia. Sara fechou os olhos e voltou a dormir, mas não antes de escutar uma risada profunda e sincera. Ela fizera o comentário sobre Tony em voz alta.

JARED entrou no quarto com o semblante sisudo. Ele se deteve para olhar para Sara.

—Eles deram a ela algo para a dor? — perguntou a Tony.

Tony assentiu. Ele não estava mais sorrindo. Parecia desconfiado e perigoso.

—Está acontecendo alguma coisa?

Jared olhou para a porta, deteve-se para fechá-la e guardar o telefone.

—Max acha que podem ter me rastreado até aqui.

— Isso não é bom.

— Já era esperado — comentou Jared. — Teremos de ser mais vigilantes, só isso. Mandeí o capataz colocar um homem armado no portão e não afastá-lo de lá, mesmo que todas as refeições tenham de ser levadas até ele. — Ele praguejou baixinho. — Detesto me esconder. Se tivessem me deixado fazer do meu jeito, já teríamos resolvido isso por conta própria, e de maneira muito mais eficiente. Vão me matar de tanto me proteger!

— Não aqui — disse Tony lentamente. — Sabe que estão fazendo o melhor que podem. Enquanto isso, este é o lugar mais seguro.

Jared expirou demoradamente.

— E a espera.

Tony assentiu. Ele olhou para a cama.

— E quanto a ela? — perguntou. — Não vai ficar na linha de tiro, vai?

Jared colocou as mãos no bolso.

— Ela não tem mais ninguém.

— Eu sei, mas ela não tem idéia do que está acontecendo. Pode acabar virando um alvo.

— Então você vai ter que cobrar um favor e arrumar reforços, não é?

Tony suspirou.

— Eu abri mão de uma banheira de hidromassagem e uma TV de plasma para vir para cá.

Jared o fitou com intensidade.

— Não venha me culpar. Preferia ter vindo sozinho. O *seu* chefe é que achou que eu precisava de babá — disse, com irritação.

Meu chefe tinha razão — afirmou Tony. Ele deu de ombros. — Acho que posso ficar sem a banheira de hidromassagem por algumas semanas. Jared colocou a mão no ombro dele.

— Claro que pode. Você precisa reler *Sun Tzu*.

— Eu posso citá-lo *verbatim*. Este não é o meu primeiro serviço. Jared riu.

— Não. É claro que não. — Ele fitou Sara. — Não podemos permitir que a machuquem.

— E não vamos — retrucou Tony. — Eu prometo. Jared relaxou um pouco. Mas só um pouco.

SARA acordou e estava escuro de novo. Dormira por um longo tempo. Olhou ao redor curiosamente. Estava sozinha, mas havia um chapéu de caubói na cadeira no seu lado. E parecia familiar.

A porta se abriu, e Harley Fowler entrou, trazendo um copo descartável de café.

— Você acordou! — exclamou ele, sorrindo.

— Oi, Harley — cumprimentou ela, retribuindo o sorriso. — Muita gentileza vir me visitar.

Eu tinha a noite livre.

—Nenhum encontro? — perguntou ela, fingindo surpresa, quando ele tirou o chapéu da cadeira para sentar. Harley riu.

—Hoje, não.

—Nenhuma missão empolgante, também? — brincou ela, lembrando que ele ajudara alguns mercenários locais a prender um traficante de drogas, dois anos atrás.

— Interessante que tenha dito isso — retrucou ele. — Soubemos que o cartel de drogas se reorganizou e um novo grupo o assumiu. Não sabemos quem são, mas segundo os rumores, não demorará muito para termos problemas por aqui.

— Isso não é muito animador.

— Eu sei. Dois agentes do DEA foram executados na fronteira essa semana. Cobb está possesso. O patrão está reunindo seus contatos.

O patrão de Haley era Cy Parks, um dos militares aposentados da região.

Cobb era Alexander Cobb, o agente mais graduado do DEA em Houston, que morava em Jacobsville com a mulher e a irmã.

— Alguém sabe quem são os integrantes do novo grupo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não conseguimos descobrir nada. Achamos que alguém está infiltrado na organização, mas não tivemos confirmação. É apavorante ter traficantes capazes de assassinar policiais. Também já mataram um repórter e um patrulheiro da fronteira.

Ela assoviou baixinho.

— Eles são arrogantes. Harley assentiu.

— Perigosos. E ficará ainda pior. Estão seqüestrando americanos ricos em troca de resgate, para aumentar suas reservas de dinheiro. Na semana passada, pegaram uma herdeira. A família dela está se mobilizando para não expirar o prazo da entrega do resgate, embora não tenha certeza se a terá de volta, mesmo que pague.

— A maioria das vítimas de seqüestro não é morta logo nas primeiras 24 horas?

— Sinceramente, não sei. Cash Grier está trabalhando com o FBI, tentando encontrar algum informante que saiba algo a respeito do paradeiro da herdeira.

— O nosso chefe de polícia? — indagou Sara. Harley sorriu.

— Como boa parte dos cidadãos locais, ele não é bem o que parece.

—Ah.

Ele se espreguiçou.

— O Sr. Parks me colocou para trabalhar no trator o dia todo. Estou cansado. Acho que estou ficando velho.

Ela riu.

—Não, você não está, Harley. Ele se inclinou para frente. Escapou por pouco — disse. Até ontem sequer sabia que tinha um apêndice. Eles me trouxeram de ambulância. E quanto ao Morris?

—O Sr. Danzetta está cuidando dele para mim.

— O guarda-costas de Cameron? Uma expressão de surpresa tomou conta do rosto dele.

— O que foi? — perguntou ela.

— Um de nossos vaqueiros estava passando pela sua casa, ontem à noite, e notou luzes acesas no interior. Ele sabia que você estava aqui, de modo que ligou para o departamento do xerife.

— E?

— Quando chegaram lá, as luzes estavam desligadas, as portas trancadas, e não havia ninguém por perto.

Ela ficou pensativa.

— Deu uma chave para o guarda-costas? — perguntou ele.

Sara hesitou.

— Bem...

Antes que pudesse responder, a porta se abriu e Jared entrou. Ele se deteve ao ver Harley, que mostrou ter excelentes reflexos ao se levantar, despedir-se de Sara e prometer voltar mais tarde. Ele assentiu ao passar por Cameron. Tony nada disse.

— Você teve visitas — comentou Jared.

Seu rosto estava impassível. Ela tentou imaginar o que estaria passando pela cabeça dele.

— Harley veio me contar sobre a minha casa. Ele franziu a testa.

— O que tem a sua casa?

— Ele disse que um dos vaqueiros de Parks viu luzes acesas, e sabia que eu não estava em casa, de modo que ligou para o xerife. Mas quando o policial chegou, as luzes estavam apagadas e não havia ninguém por perto.

Ele conseguiu fingir inocência.

— Que estranho... Sara franziu a testa.

— Não dei ao Sr. Danzetta a chave de minha casa. Então, como foi que ele entrou para alimentar o Morris?

Com uma expressão pensativa, Jared sentou-se na cadeira ao lado da cama.

— Tony tem alguns talentos, digamos, inesperados.

— Como o de invadir domicílios?

— Esta não é uma conversa que deveríamos estar tendo agora — retrucou, com um sorriso discreto.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Ele é procurado pela lei? — perguntou ela baixinho, para que Tony não pudesse escutá-la.

— Apenas em dois países — disse ele distraidamente. — Ou será que são três? Sara parecia assustada. Jared lançou-lhe um olhar sério.

— Eu estou brincando! Ela relaxou.

—Que alívio! — do outro lado da porta, Tony ria baixinho.

—Conversei com o Dr. Coltrain — informou Jared. Ele me disse que, se continuar a melhorar neste ritmo, poderá sair do hospital na próxima segunda-feira.

Ela sorriu.

—Vou perder mais dias de trabalho. — Sara arregalou os olhos.

—Ah, Dee! Eu não liguei para ela.

—Eu liguei. Ela vem visitá-la hoje à noite.

—Obrigada.

—É claro que ela já estava a par do ocorrido. É inacreditável como as notícias se espalham por aqui.

—E uma cidade muito pequena.

—Vocês formam uma família muito grande — retrucou ele. — Nunca morei em um lugar onde as pessoas soubessem tanto umas sobre as outras.

Ela sorriu.

—Eu adoro esse lugar. Não me imagino morando em outra cidade.

— Mas por alguns dias, vai morar comigo — comentou ele, cruzando as longas pernas. — Minha advogada está chegando na segunda-feira, de modo que teremos mais companhia, o que renderá menos mexericos.

— Sua advogada está vindo para ficar?

— Só vem para discutir algumas questões legais.

Jared devia ter uma situação financeira muito boa para ter uma advogada que atendesse em domicílio, pensou Sara.

— Não fale nada a respeito de Tony estar cuidando do seu gato, está bem? — pediu ele abruptamente. — Não quero a polícia bisbilhotando onde não é chamada. Preciso de Tony.

— Pode deixar — concordou ela, mas não pôde deixar de se perguntar qual seria o motivo de tanto segredo.

— Hoje não vou poder ficar muito tempo — disse ele, enfaticamente. — Estou tentando conduzir meus negócios por telefone, fax e internet, e não está sendo fácil.

Ela o fitou com curiosidade.

— Onde mora quando não está aqui? Ele sorriu.

— Isso é confidencial.

— Nossa! — exclamou ela. — Parece uma história de espionagem.

— Você não faz idéia — retrucou ele, distraída mente.

A porta se abriu e Tony entrou, desligando o telefone.

—Max quer falar com você de novo. E não é uma conversa breve.

—Vamos para casa. — Ele se levantou e sorriu para Sara. — Trate de melhorar. Volto amanhã de manhã.

— Obrigada — disse ela. Jared deu de ombros.

— Somos uma família, ele saiu acompanhado de Tony, que fechou a porta e o seguiu.

MAX não ficou nada contente ao descobrir que Jared estava fazendo companhia a uma moça adoentada da pequena cidade do interior.

— Você precisa ter sua cabeça examinada — murmurou ela ao telefone. — Já tem problemas suficientes sem lhes acrescentar uma vaqueirazinha carente.

— Ela não é uma vaqueira — retrucou Jared. — vende livros.

— Uma intelectual não é melhor. Querem que você volte, para que possam lhe oferecer proteção ininterrupta.

— Jamais prenderemos os responsáveis se nos escondermos em uma fortaleza. Já discutimos sobre isso!

— Alguém está ficando estressado.

— O que você quer? Max hesitou.

— Queria lhe avisar que rastrearam três homens até San Antônio. Não sabemos se há alguma conexão, mas eles são da nacionalidade certa.

— Qual é o disfarce deles?

— Como é que eu vou saber?

— Eu lhe pago para saber tudo.

— Ah, tudo bem, eu perguntarei por aí. Jared, você está ficando muito mal-humorado. O que essa moça está fazendo com você?

— Nada. Ela é apenas uma amiga.

— Você tem passado um bocado de tempo no hospital.

— Não temos família — disse ele distraidamente

— Decidimos que cuidaríamos um do outro caso ficássemos doentes.

Houve uma pausa tensa.

— Sabe que eu tomaria conta de você, se ficasse doente! Eu chamaria médicos e enfermeiras.

É claro que sim. Max contrataria pessoas para cuidar dele, mas ela mesma não o faria. Ela detestava doença.

— Estou cansado, e tenho muito a fazer.

— Estarei aí na segunda-feira — informou ela.

— Estou levando alguns contratos para você verificar. Precisa de algo da cidade grande?

— Nada. Falo com você mais tarde.

— Certo. Durma bem.

— Pode deixar.

Jared desligou. Max era possessiva em relação a ele. Não notara antes, mas não

gostava disso. Ela era charmosa, agressiva e inteligente. Mas não o atraía fisicamente. Jared torcia para que Max não estivesse vindo ao Texas para criar confusão. Sabia que ela não iria gostar de Sara. Nem um pouco.

Na segunda de manhã, Sara estava pronta para sair do hospital. Dee fora visitá-la duas vezes e a proibira de voltar ao trabalho antes do final da semana seguinte.

O Dr. Coltrain a liberara após o almoço. Ela foi levada de cadeira de rodas até a entrada, onde Jared a esperava com a caminhonete preta. Ele a pegou no colo, colocou-a no assento do passageiro e a prendeu no cinto de segurança, detendo-se por um instante para fitá-la nos olhos. Ela suspirou inesperadamente e o mundo pareceu girar. Os olhos de Jared se estreitaram e baixaram até a blusa dela.

Não era preciso ser um gênio para ver que ele notara a aceleração de seu coração sob o tecido, e que percebeu que Sara se sentia atraída por ele.

— Ora, ora — murmurou ele baixinho. E sorriu.

CAPÍTULO 5

Os olhos verdes de Jared se fixaram nos dela, investigando, experimentando. Ele os baixou até a boca carnuda de Sara e os fixou ali até que ela prendesse a respiração. Ele apenas sorriu.

Jared deu a volta até o lado do motorista, entrou no veículo, colocou o cinto de segurança e deu a partida. Ainda estava sorrindo quando deixou o estacionamento do hospital.

SARA gostara do White Horse Ranch desde a primeira vez que o vira de perto, quando fora entregar os livros para Jared pela primeira vez. Admirara a enorme mansão branca com suas cestas de flores suspensas e a cerca branca de madeira que rodeava o pasto bem cuidado. Jared criava gado bovino, não cavalos. O pasto estava cheio de bezerros.

— Como você consegue ter grama verde em meio à seca? — indagou ela, subitamente.

Ele sorriu.

— Nascentes subterrâneas alimentam tanques sob todos os pastos.

— Nada mal — comentou ela. — Aqueles moinhos de vento movem as bombas? — perguntou ela, apontando para dois deles, um perto do celeiro e outro ao longe, no horizonte.

— Isso. Pode ser uma idéia antiquada, mas ajudou os pioneiros que desbravaram essas terras.

— Seu avô nasceu aqui? Ele sacudiu a cabeça.

— Um primo distante herdou parte da propriedade e a deixou para ele. Meu avô cuidou do rancho por um tempo, até sua saúde não permitir mais. — O rosto dele ficou

sério. — Ele caiu de um cavalo selvagem e bateu a cabeça na cerca. Nunca mais foi o mesmo depois disso. Colocou alguém para administrar o rancho e mudou-se com minha avó para Houston. Certo dia de verão, atirou nela com uma carabina de cano duplo e depois se matou.

Sara soltou uma exclamação de surpresa. Ele a fitou.

— Meu pai o trouxe para cá para ser enterrado, embora ninguém soubesse como ele havia morrido. Depois disso, nenhum familiar voltou aqui. Suponho que todos tenhamos algo no nosso passado que nos assombra. Não deveria ter sido tão insensível — acrescentou ele ao notar que a história a deixara abalada.

— Vivo me esquecendo que cresceu em uma cidade pequena, resguardada da violência.

Sara preferiu não protestar o tratamento condescendente.

— Tudo bem.

Ele se deteve diante da casa, desligou o motor e deu a volta no veículo para tomar Sara nos braços fortes e carregá-la até a porta da frente. Jared sorriu diante da surpresa dela.

— A enfermeira de Coltrain disse para não deixá-la colocar os pés no chão por mais um dia — informou, fitando-a.

— Então está se tornando o meu sistema de transporte público? — brincou Sara, e seu sorriso iluminou o rosto, deixando-a linda.

Ele sentiu-se cativado pela sensação do corpo macio e quente nos seus braços. Jared adorava aquele sorriso. Os olhos dele se estreitaram, e Sara ficou séria.

— Olhe, não comece a ter idéias — alertou Sara. — Não passei por uma cirurgia para remover uma verruga. Abriram-me pelo menos um palmo e me costuraram de volta. Não queremos sujar esse chão limpinho com as minhas tripas, certo?

O comentário inesperado o fez soltar uma estrondosa gargalhada.

— Bom Deus! — exclamou ele.

Jared curvou-se e cobriu os lábios da moça com os seus, provocando sensações que retesaram o corpo de Sara. Foi uma enxurrada de emoções tão intensa que ela ficou sem fôlego.

— Que reação — murmurou ele, com um brilho nos olhos verdes. — E eu mal a toquei. Que tal tentarmos de novo...?

Sara fez menção de lhe dar dez bons motivos para não fazê-lo, mas já era tarde demais.

A boca de Jared esmagou seus lábios macios, abrindo-os de maneira tão sensual e insistente que ela ofegou. Os olhos se fecharam, e as mãos de Sara subiram ainda mais pelo pescoço de Jared, enquanto ele contraía um dos braços, apertando-lhe os seios macios contra o seu tórax. O beijo foi ficando mais intenso.

— Abra a boca — sussurrou ele.

Ela tentou responder, mas abriu a boca como Jared pedira. A língua dele aprofundou-se na boca de Sara, e ela deu um gemido.

Jared a sentiu estremecer em seus braços. Ele se conteve por um instante ao

lembrar que ela acabara de sair do hospital e que ainda não se recuperara por completo. Com um brilho no olhar e o rosto sério, ergueu a cabeça.

— Por... Por quê...? — gaguejou ela.

Uma estranha expressão tomou conta do rosto dele.

— Quando você sorri, o vazio desaparece — sussurrou ele.

Sara não sabia o que responder. Mas também não precisou. A porta se abriu subitamente, revelando uma morena alta e muito atraente, usando um *tailleur* azul com uma saia que terminava entre os joelhos e a cintura.

A morena ergueu as sobrancelhas diante da visão de Jared com Sara nos braços, e não sorriu.

— Não estava me esperando, querido? — perguntou com voz suave.

Jared ainda estava se recompondo.

— Max, esta é Sara Dobbs. Sara, Max Carlton, minha advogada.

Ela jamais vira uma advogada tão linda. Max poderia posar para uma revista de moda. Era bonita, sofisticada e requintada. Sara se sentiu como uma criança tentando brincar com adultos.

— Tenho de levar Sara para a cama. Onde está Tony?

Max deu de ombros.

— Não sei. Temos muitos contratos para examinar.

— Mais tarde — retrucou Jared.

— Como quiser. É só dinheiro. Gostei da casa. Jared notou que a advogada não dirigira sequer uma palavra a Sara, e não disfarçou sua irritação.

— Sara, não é? — perguntou Max, sorrindo. — Há algo de errado com a sua perna?

— Ela acabou de passar por uma cirurgia de emergência para retirada do apêndice, e não tem ninguém para cuidar dela — informou Jared, dirigindo-se para um dos quartos de hóspedes no andar térreo.

— Entendo. Estou certa que em breve estará se sentindo melhor.

Jared a ignorou e entrou no quarto azulado com um banheiro privativo, e a colocou sobre a cama. Ele se curvou sobre ela, fitando-a nos olhos.

— Max é minha advogada. E só.

— Ela gosta de você.

Os olhos verdes dele se estreitaram.

— Ela gosta é do meu dinheiro.

— Ela é bonita.

Jared se curvou e roçou os lábios nos dela, sorrindo, quando, desta vez, eles se entreabriram para recebê-lo.

— Você também é — sussurrou, endireitando-se. — Tenho de assinar alguns contratos para Max. Volto daqui a alguns minutos. O controle da televisão está na

mesinha de cabeceira. Pedirei à Sra. Lewis que lhe traga algo para comer.

— A Sra. Lewis? Pensei que ela trabalhasse para os irmãos Hart.

— E trabalhava, mas recentemente, por causa da piora da artrite, teve de deixar de fazer trabalho de casa pesado. Mas ela ainda pode cozinhar, e o faz para mim três vezes por semana.

Ela o fitou com curiosidade.

— E o que você faz nos quatro dias restantes? Ele sorriu.

— Comida italiana.

— Não temos restaurante italiano na cidade.

— Tony sabe cozinhar. Ele faz a melhor lasanha que já comi.

Ela riu.

— Ele não parece um cozinheiro.

— Ele não parece muita coisa. Divirta-se até eu conseguir me livrar de Max. Volto logo.

— Tudo bem.

Ele piscou para ela e fechou a porta atrás de si.

— VOCÊ perdeu a cabeça? — esbravejou Max. — A garota é pobre! Só está atrás do seu dinheiro.

Ele colocou as mãos nos bolsos e a fitou severamente.

— E descobriu isso após trocar duas frases com ela?

— Não pode se envolver com os moradores do local, Jared. Sabe disso e sabe o porquê.

Ele inclinou a cabeça e a fitou intensamente.

— Por que está aqui? — perguntou abruptamente. — Se for preciso, posso assinar contratos no seu escritório em Oklahoma. Não consigo pensar em um bom motivo para que esteja aqui.

Ela desviou o olhar.

— Você está passando por um momento de vulnerabilidade. Talvez venha a se envolver com alguém de quem se afastaria se estivesse normal.

— Eu lhe pago uma fortuna para cuidar de meus negócios. Comece a se intrometer na minha vida privada e eu a substituirei por um homem. Depois, é claro, de mandar uma carta de explicação para a Ordem dos Advogados de Oklahoma.

A fúria de Max desapareceu na mesma hora.

— Tem razão. Eu me excedi.

— Que contratos estávamos discutindo?

Ela parecia distraída. Levou a mão à cabeça e franziu a testa.

— Sabe que não me lembro.

— Então, por que não volta para o seu escritório e pensa a respeito? — sugeriu

ele.

Max suspirou.

— Muito bem. Mas ainda não acho inteligente confiar em pessoas que não conhece bem.

Ele não retrucou.

Max voltou para a sala de estar e pegou sua valise. E então sorriu.

— Na verdade, só queria ver como você estava — confessou.

— Estou bem.

— Cuide-se.

Ele também não respondeu a isso. Apenas a olhou enquanto ela se dirigindo para a porta da frente.

— Você me liga se precisar de alguma coisa? — perguntou Max, da porta.

— Se precisar de conselho legal, ligo — enfatizou Jared.

Ela ficou zangada e bateu a porta.

Jared ficou se perguntando como pudera deixar de notar tamanha possessividade em Max. Ainda perdido em pensamento, ele se virou na direção de seu gabinete. Mas ela tinha razão quanto à Sara. Ele sabia muito pouco a seu respeito.

TONY, o Dançarino, entrou carregando uma sacola de compras. Ele se deteve na porta aberta do gabinete.

— Cruzei com uma limusine quando estava voltando — disse.— Era Max?

Jared assentiu.

— O que ela queria?

— Só Deus sabe — retrucou Jared. — Acho que veio para me avisar para ficar longe de Sara.

— Achei que algo assim poderia acontecer. Max gosta de viver luxuosamente e não ganha o suficiente para sustentar seu estilo de vida.

— Isso é óbvio. É melhor o escritório dela estar pagando pela limusine, por que eu é que não vou pagar.

— É melhor avisar a Arthur — aconselhou Tony, referindo-se ao contador.

— E vou. Você vai cozinhar?

— A não ser que você queira arriscar de novo. Ainda estou tentando arear o ovo mexido do fundo da frigideira de ferro.

— Você não me avisou que eu tinha de untá-la primeiro — reclamou Jared.

Tony sacudiu a cabeça.

— Como está a menina — perguntou, apontando com a cabeça para o final do corredor.

— Já é uma adulta — retrucou Jared. — E está bem.

Adulta? Tony se perguntou se seu patrão realmente pensava que a inocente no

quarto de hóspedes era uma mulher adulta. Será que ele deveria mencionar as conclusões a que chegara, e a que Jared parecia incapaz de perceber? O telefone tocou, e Jared atendeu. Tony resolver interpretar isso como sinal do destino e seguiu para a cozinha.

SARA protestou quando a Sra. Lewis foi até o quarto para levar uma tigela de sopa e um pouco de salada para ela.

— Sinceramente, eu posso andar. Não precisam me servir na cama.

A Sra. Lewis apenas sorriu e colocou a bandeja no colo de Sara.

— Não é incômodo algum, minha querida. Tenho de ir embora, mas Tony virá buscar a bandeja depois. É ele quem vai preparar o jantar hoje.

— Ele não parece um chef — disse Sara.

— O Sr. Danzetta é um excelente cozinheiro. Eu faço o básico, mas ele é capaz de criar. Provei o espaguete que ele fez quando vim trabalhar aqui. Foi o melhor que já comi.

— Jamais imaginei que um guarda-costas pudesse cozinhar.

A mulher idosa olhou para a porta e chegou mais perto.

— Ele carrega uma pistola automática sob o casaco — disse ela baixinho. — Certa vez, eu o vi praticando com ela. Ele colocou moedas em prendedores de roupa e os pendurou em uma corda de varal no quintal. Em questão de segundos, acertou todas as moedas sem tocar nos pregadores.

Os olhos de Sara se arregalaram.

— Vou me esforçar ao máximo para jamais irritá-lo — murmurou ela.

— Ele também é muito bom nas artes marciais. Costuma treinar com o Sr. Cameron.

Sara hesitou, com a colher de sopa já a meio caminho da boca.

— O Sr. Cameron domina artes marciais? A Sra. Lewis assentiu.

— Tony diz que, até vir trabalhar aqui, jamais encontrara um homem que não conseguisse derrubar.

— E eu que pensei que o Sr. Cameron tivesse contratado Tony porque não quisesse sujar as mãos.

— Tony não é bem o que aparenta ser — disse baixinho a Sra. Lewis. — O patrão também não. Ambos escondem muitos segredos. E conhecem Cy Parks e Eb Scott.

Interessante, considerando-se que Cy e Eb fizeram parte de um grupo de soldados profissionais que atuava ao redor do mundo. Vários dos antigos membros do grupo moravam no Condado de Jacobs, ou em Houston e San Antônio.

— Intrigante — murmurou Sara, tomando um pouco da sopa. — Esta sopa está uma delícia, Sra. Lewis.

A senhora sorriu.

— Que bom que gostou.

Um pensamento ocorreu a Sara.

— O Sr. Cameron estava conversando com o chefe Grier no concerto. Parecia ser algo sério.

— De acordo com os rumores, um novo grupo está tentando estabelecer uma rede de tráfico de drogas por aqui.

— Isso explicaria os rostos sérios. Nosso chefe de polícia solucionou muitos casos envolvendo drogas e fez muitos inimigos no processo.

— Pois fez bem — retrucou a Sra. Lewis. — Por mim, podiam trancafiar todos eles.

Sara sorriu.

— Por mim também. — Ela se mexeu e deixou escapar um gemido. — Como é que uma coisinha tão pequenina como um apêndice pode causar tanto problema?

— Teve sorte de conseguir alcançar o telefone. Muita gente já morreu de apendicite.

Sara assentiu, e olhou ao redor.

— Como não temos família, o Sr. Cameron e eu fizemos um acordo para cuidar um do outro em caso de doença. Não esperava que ele fosse precisar cumprir sua parte tão cedo.

— Ele é surpreendente, não é? — indagou a Sra. Lewis. — À primeira vista, parece tão frio e distante. Mas na verdade não é nada disso. Você não vai acreditar no que ele fez para o Sr. Danzetta...

— E pode parar por aí mesmo enquanto ainda tem um emprego — disse Jared da porta.

Sua voz era grave, mas havia um brilho divertido nos olhos.

A Sra. Lewis fez uma careta para ele.

— Só estava tentando humanizá-lo para Sara, para que ela não pensasse que é de fato um ogro...

Ela se interrompeu, levou a mão à boca e corou.

— Está tudo bem — tranqüilizou-a Sara. — Eu costumava mesmo chamá-lo de ogro, mas, com o tempo, ele ficou melhor.

Ela sorriu para Jared.

— Se não precisam mais de mim, vou para casa — disse a Sra. Lewis. — O Sr. Danzetta já comprou tudo para preparar o jantar.

— Eu vi a sacola cheia de tomates e molho de tomate — retrucou Jared. — Isso sem falar no que ele plantou nos fundos do quintal. Tomates, orégano, cebolinha, salsa e vários outros temperos de que eu jamais ouvi falar.

— Ele não parece um jardineiro — comentou Sara.

— Ele plantou papoulas no jardim — informou a Sra. Lewis, visivelmente preocupada.

— Ele gosta de flores — comentou Jared.

— Não está entendendo, ele plantou um tipo específico de papoulas.

Jared franziu a testa.

— E daí?

— Estamos dentro dos limites da cidade. Quando começarem a florescer, o chefe Grier vai mandar seus homens aqui para arrancá-las.

Jared não disse que duvidava que alguém fosse capaz de fazer isso contra a vontade de Tony.

— Por quê?

— São papoulas de ópio — enfatizou a Sra. Lewis. Ele assoviou.

— Aposto que Tony não se deu conta.

— É melhor avisá-lo — disse a Sra. Lewis. — Antes que ele tenha problemas com a lei.

Jared teve vontade de dizer que já era tarde para se preocupar com isso, mas não o fez.

— Vou falar com ele — disse.

— Até amanhã, então. Melhoras, minha querida — desejou sorrindo a Sra. Lewis.

— Obrigada — respondeu Sara.

JARED foi dar alguns telefonemas e Sara terminou a sopa e adormeceu. Quando abriu os olhos já estava anoitecendo. Subitamente, se deu conta que não trouxera roupas para dormir.

Tony enfiou a cabeça para dentro do quarto.

— Gosta de espaguete?

— Adoro — retrucou ela, sorrindo, sentindo o aroma maravilhoso que vinha de fora do quarto.

— Está quase pronto. A massa descolou da parede quando eu a joguei nela, de modo que devem faltar uns dois minutos para estar *al dente*.

— Al quem? — perguntou ela. Ele riu.

— *Al dente* — repetiu. — No ponto exato para se fincar os dentes. Quando se joga a massa na parede e ela gruda, está...

— O que diabos você fez na parede da minha cozinha? — gritou uma voz vinda do outro extremo do corredor.

— É para ver se a massa está pronta! — gritou Tony.

— Você estragou a pintura toda! Está cheia de marcas!

— As marcas saem, patrão — garantiu Tony. — É sério.

— Será que não dava para colocar um pedaço na boca e mastigar para ver se estava pronta? — resmungou Jared.

Tony ergueu as sobrancelhas.

— Que bicho mordeu você? Jared parecia furioso.

— O pão está queimando.

Sem dizer mais uma palavra, Tony desceu o corredor em disparada.

Jared olhou sério para Sara.

— Harley Fowler está na sala de estar. Ele veio visitá-la.

— Muito gentil da parte dele.

— Gentil? — Os olhos verdes estavam faiscando. Não tenho tempo para administrar um hospital com direito a horários de visita — murmurou ele.

Sentindo-se constrangida, Sara corou. Não esperava que Harley viesse vê-la.

Diante da expressão do rosto dela, Jared se conteve. Ela acabara de passar por uma cirurgia e ele estava se portando como um namorado ciumento.

— Vou mandá-lo entrar. Não o encoraje a ficar muito ou a aparecer sem avisar antes.

— Pode deixar.

Ele sequer esperou sua resposta antes de deixar o quarto. Ela estava se sentindo péssima. Sua presença ali era claramente uma imposição, e era óbvio que Jared já estava se arrependendo de ter se oferecido para cuidar dela.

Harley parecia estar tão constrangido quanto Sara.

— Como você está? — perguntou ele.

Ela suspirou.

— Estou me sentindo bem melhor.

— Não parece. Por que não liga para Lisa e vê se pode ficar com ela e Cy até ter alta? — sugeriu ele.

— Na verdade, não preciso que cuidem de mim — retrucou ela. — Harley, você acha que pode me dar uma carona até em casa? — acrescentou, baixinho.

Ele franziu a testa.

— Não está em condições de cuidar de si mesma, Sara. Sequer vai conseguir levantar um galão de leite até a incisão cicatrizar.

— Não bebo leite e quero ir para casa.

Ela se levantou da cama, fazendo uma careta de dor. Jared estava com seus comprimidos para a dor, mas ela se recusava a incomodá-lo com isso. Ele deixara bem claro que sua presença o estava atrapalhando.

Sara dirigiu-se ao pé da cama. O braço de Harley a amparou quando ela começou a oscilar.

— Você não está pronta para fazer isso, Sara — disse ele, com firmeza.

— O que afinal você está fazendo?

Jared passou direto por Harley, pegou Sara nos braços e a colocou de volta na cama.

— Fique aí — disse bruscamente.

— Não! Acabo de pedir a Harley que me leve para casa.

— Você não está bem o suficiente para ficar sozinha.

— Estou.

Jared olhou para Harley como se tudo fosse culpa dele.

— Ela só sai daqui sobre o meu cadáver — disse a Harley.

Apesar do modo tranquilo como Jared falou, Harley não teve dúvidas que aquilo foi uma ameaça.

— Só estou atrapalhando aqui — interrompeu Sara, sentando-se na cama. Ela estremeceu e levou a mão à incisão. — Tenho bastante comida congelada em casa, e além do mais, tenho de cuidar de Morris!

— Eu já alimentei o gato, hoje — informou Tony, o dançarino, aparecendo no vão da porta. Estava usando um enorme avental branco e segurava uma colher de pau. Ele franziu a testa. — Algum problema aqui? perguntou.

— Ela está tentando escapar — murmurou Jared.

— Ei, não dê ouvidos a ele — protestou Tony, apontando para Jared com a colher. — Foi uma única vez que eu acidentalmente derrubei o sal no molho. E desta vez, está perfeito. Não precisa sair correndo por causa da minha comida.

— Você cozinha? — indagou Harley, olhando para o gigante musculoso de rabo de cavalo.

Ele parecia tão ameaçador quanto Jared Cameron. Tony o fitou com expressão inamistosa.

— É. Eu cozinho. Algum problema? Harley recuou um passo.

— Nenhum!

— Muitos homens cozinham — afirmou beligerantemente Tony. Ele olhou para Sara e viu que ela estava quase chorando. Com uma expressão preocupada no rosto, aproximou-se da cama. — Para a sobremesa, preparei uma torta de maçã especialmente para você, e um creme chantilly fresco.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Você é tão bondoso, Tony — disse ela, tentando aparentar normalidade, apesar do tremor do lábio inferior.

— Tome, segure isso. — Tony colocou a colher de pau na mão de Jared e abraçou Sara, que quase desapareceu em meio àqueles enormes braços. — Está tudo bem — disse ele baixinho.

Ela desatou a chorar. Jared e Harley lançaram olhares fulminantes para Tony, mas nenhum dos dois ousou falar.

— Sara, tenho de voltar para casa — disse Harley, após alguns instantes. — Ligue para mim se precisar de alguma coisa, está bem? — acrescentou, lançando um olhar sugestivo para Jared.

— Pode deixar — disse Sara baixinho. — Obrigada.

— Sem problemas. Até mais tarde.

Ele detestava deixá-la ali, mas a situação estava começando a fugir ao controle.

Harley viu que Tony não ia deixar que Jared Cameron machucasse Sara de qualquer maneira. Ele não teria ido embora se não tivesse certeza que ela ficaria bem.

Furioso, Jared o acompanhou para fora do quarto, ainda segurando a colher de pau.

CAPÍTULO 6

TONY tirou um lenço de papel da caixa sobre a mesinha-de-cabeceira e enxugou os olhos úmidos de Sara.

—Agora, pode parar com isso — disse ele, sorrindo gentilmente. — O patrão tem um gênio difícil, e nem sempre escolhe as palavras antes de falar. Mas ele jamais a teria convidado para ficar aqui se não quisesse.

Sara o fitou com os olhos injetados.

— Ele foi tão rude com Harley... Tony franziu o cenho.

— Estão acontecendo coisas que você nem imagina disse ele, após um minuto. — Não posso contar o quê. Mas não contribuem para melhorar o gênio dele. Ela assoou o nariz.

— Sinto muito.

— Por quê? Todo mundo chora. Eu chorei como um bebê quando minha irmã morreu.

Ela o fitou nos olhos escuros.

— Isso faz muito tempo?

— Dez anos. Nossa mãe ainda estava viva. Perdemos nosso pai ainda crianças.

— Eu perdi o meu avô há pouco tempo. Ainda sinto falta dele. Ele lecionava história na faculdade local.

— Gosto de história.

Tony queria informá-la que cursou história durante seus anos de faculdade, mas não era a hora para esse tipo de revelação. Jared já estava furioso com ele por ler permitido a entrada de Harley.

— Há quanto tempo trabalha para Jared? — perguntou Sara.

— Acho que há cerca de seis anos.

— Sabe, ele não me parece ser o tipo de homem que precisa de um guarda-costas.

— Não parece mesmo, não é? — concordou ele.

— Está se sentindo melhor?

Ela sorriu para ele com os olhos ainda vermelhos e inchados.

— Estou melhor. Obrigada, Tony. Ele se levantou, também sorrindo.

— Você me lembra muito a minha irmã. Ela também tinha um coração enorme. Sempre generosa.

— Seu olhar ficou sombrio ao fitar Sara. — Não deixe que ele a force a nada — disse.

— O que quer dizer?

— Sabe o que quero dizer. Ele já rodou o mundo todo. Você não passa de uma jovem inexperiente.

— Pode ser, mas sei me cuidar — garantiu ela. — Ninguém vai me forçar a fazer o que eu não quiser.

—É o que minha irmã costumava dizer—disse Tony, e baixou os olhos para o avental. —Agora, é melhor eu ir salvar o meu molho. Precisa de alguma coisa?

— Não, obrigada. Ele sorriu.

— Faz parte do trabalho.

Se pudesse andar, Sara teria voltado para casa. Ficara magoada com o sarcasmo de Jared e não estava se sentindo bem-vinda. Agüentar os próximos dias seria uma provação. Desejou nunca ter sido amigável com ele. Uma coisa é certa. Caso ficasse doente, ou se machucasse novamente, jamais recorreria a ele.

ELE apareceu um pouco mais tarde, trazendo um prato de espaguete, um copo de leite e pão de alho feito em casa. Puxou uma mesa até a cama e depositou a bandeja sobre ela.

— Obrigada—disse ela, com uma formalidade que não deixava dúvida de que seu orgulho estava ferido.

Ele colocou as mãos nos bolsos e a fitou.

— Ele é um ótimo cozinheiro — disse, para romper o silêncio.

Sara se posicionou para comer de modo a não ter que olhar para ele.

— Tudo bem, eu falei demais — murmurou ele. — Mas a cortesia diz que deveria me avisar antes de convidar pessoas para vir visitá-la.

— Não convidei Harley — disse ela, comendo o espaguete em pequenas garfadas.

Jared franziu a testa.

— Não convidou?

— Moradores de cidades pequenas consideram todo mundo como se fosse da família. Harley jamais pensaria que não seria bem-vindo ao visitar uma amiga.

— Ainda assim, a educação manda que não venha sem avisar.

— É verdade — ela foi forçada a concordar. — Estou certa de que ele lamenta não ter avisado. Eu, pelo menos, lamento.

Sara acertou no alvo. Jared se sentiu o mais insignificante dos homens. Mas não podia lhe dizer que era tomado de fúria só de pensar em Harley Fowler no quarto temporário de Sara.

Subitamente, Jared percebeu que ela estava usando as mesmas roupas de quando chegara ao hospital para a cirurgia.

— Não tem uma camisola, ou pijama? — perguntou, abruptamente.

— Não tive tempo de levar nada para o hospital. Se Tony pudesse ir a minha casa para me trazer algumas coisas...

— Não. — A resposta foi meio beligerante, mas Jared não suportava a idéia de Tony, que já a tratara como se fosse da família, mexendo em suas roupas íntimas. — Eu vou. Onde está a chave de casa?

— Dentro da minha bolsa. Será que pode também ver se está tudo bem com Morris?

Ele pegou a chave.

— Pode deixar.

— Obrigada — disse ela, sem encará-lo nos olhos. Jared percebeu que cometera um erro. E torcia para

que pudesse consertá-lo. Ele se deteve na cozinha para falar com Tony.

— Vou até a casa de Sara para pegar algumas coisas para ela.

Tony ergueu a sobrancelha.

— Sabe onde ela mora? — É claro que ele não sabia. — E não pode ir só — acrescentou Tony. — Adorariam pegá-lo por aí sozinho à noite. — Ele tirou o avental. — Vou com você.

— Sara ficará sozinha — argumentou Jared. Tony apontou um aparelho corredor abaixo e as trancas foram audivelmente acionadas.

— Com este sistema de alarme ativado, ela não poderia estar mais segura no forte Knox. Além do mais, Clayton está lá fora armado.

Jared pareceu relaxar um pouco.

— Tudo bem. Vamos.

QUANDO Jared saiu, o telefone começou a tocar insistentemente. Sara ficou esperando que Tony o atendesse, mas ele não o fez. Também não parecia haver secretária eletrônica. Como a chamada não cessava, resolveu atender, usando o aparelho ao lado de sua cama.

— Residência do Sr. Cameron.

— Onde está Jared?

Sara não precisou perguntar quem era. O tom de voz estridente era inesquecível.

— Sinto muito, mas não sei.

— É a hóspede, não é? — disse Max com voz áspera. — Não vá ficando muito confortável, pois isso não vai durar. Jared troca de mulher como alguns homens trocam de carro. Ele não está procurando algo permanente. Vai dispensá-la assim que dormir com ele.

— Não vou dormir com ninguém! — retrucou bruscamente Sara.

— Não vai? — Max riu. — Foi exatamente o que a última amante dele disse. Ela cedeu como todas as outras. E ele a dispensou em um piscar de olhos.

— O que você quer? — perguntou Sara, esforçando-se para ser educada, quando o que queria era gritar com Max.

— O que todas queremos, minha querida — disse Max, rindo. — Ficar com Jared só para mim. Mas isso não vai acontecer. Se não fosse tão rico, poderia até ser menos atraente.

— Não conheço muito bem o Sr. Cameron, mas não acho que deveria falar dele desse modo. Afinal, você é a advogada dele.

— Advogada, amante, é tudo a mesma coisa. Diga a Jared que liguei.

E desligou.

Sara sentiu-se nauseada. Será que a Max tinha razão? Jared não parecia ser um sedutor desalmado. Mas o que de fato ela sabia a seu respeito? Quase nada. Sara começou a se sentir insegura. Cederá aos beijos dele uma vez. E se ele comesse a aumentar para valer a pressão? Será que conseguiria se resguardar? Tal pensamento a preocupava.

AINDA estava remoendo a conversa quando Jared abriu a porta e entrou no quarto carregando um enorme cesto de roupa suja.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você trouxe a minha roupa suja? Ele olhou sério para ela.

— Tony está com a sua roupa. Eu trouxe o seu gato.

Ela ficou exultante. Ele não podia estar falando sério! Sara sentou na cama e espiou dentro do cesto. Ali estava Morris, dormindo sobre um de seus xales bordados.

Sara fitou Jared com curiosidade.

— Ele não tocou na comida de ontem. Também não comeu nada o dia inteiro, hoje. Tony acha que ele está preocupado com você, de modo que o trouxemos.

Ele retirou gentilmente o gato do cesto e o colocou sobre a cama, ao lado de Sara. Morris abriu um dos olhos, encostou a cabeça nela, e voltou a dormir. Ela o acariciou.

— Ele não tentou mordê-lo...? Ah!

Jared mostrou a mão cheia de esparadrapo.

— Sinto muito — disse ela.

— Eu tinha um velho cão de caça que morreu de velhice no mês passado. — Jared deu de ombros. — Eles são como parte da família.

— É verdade.

Ele ouviu Tony chegando.

— Espero que tenhamos trazido as coisas certas. Tony entrou sorrindo e depositou a mala sobre o baú no pé da cama de Sara.

— Aqui estão. Vou pegar a caixa de areia. Ele é um amor, o seu gatinho.

— Claro que acha ele um amor — resmungou Jared. — Não foi em você que ele

fincou as presas!

— Ele tem bom gosto — defendeu-se Tony.

— Bom gosto, uma ova! Ele deve saber que você já comeu gatos! Provavelmente estava com medo de ser servido no almoço se o mordesse!

Notando a expressão no rosto de Sara, Tony franziu a testa.

- Foi só um gatinho — disse. — Estávamos todos morrendo de fome. E ele era um gato muito velho e de carne dura. Ninguém gostou — acrescentou ele, tentando se justificar. Sara arregalou os olhos. Onde você estava?

— Em algum lugar na Malásia. De modo geral, sobrevivíamos à base de cobras, mas, às vezes, não tínhamos opção. — Ele notou a expressão no rosto de Sara, e achou melhor parar de falar. — Vou pegar a caixa de areia.

— Jamais conseguiria comer uma cobra preparada por ele — sussurrou Jared quando Tony deixou o aposento. — Ele não consegue fazer nada que não caia bem com molho de tomate.

— Eu escutei isso! — gritou Tony. — E cobras ficam uma delícia com molho de tomate.

Apesar do desentendimento com Jared, Sara sorriu. Juntos, ele e Tony eram impagáveis. Mas ela pressentia que eles estavam escondendo alguma coisa.

Ela terminou o jantar, e Jared ainda não dissera nada.

— Estava delicioso — comentou, empurrando a mesa para longe da cama. — Obrigada. — Ela recostou-se na cama e puxou o velho Morris para perto de si. — Eu o teria avisado que ele não gosta de ser pego no colo, se soubesse que planejava trazê-lo.

— Quando Tony o pegou, ele só fez ronronar. Ela disfarçou o sorriso.

— Aposto que os animais seguem Tony para tudo quanto é lugar.

Jared pensou em algumas mulheres que ele e Tony conheceram em viagens.

— Não só os animais — comentou, pensativa-mente.

Sara voltou a acariciar Morris.

— Sua advogada ligou.

— Max?

Ela assentiu.

— O que ela queria?

— Não sei. Disse que ligaria de novo mais tarde. Ele franziu a testa.

— Só isso? Nenhum comentário sobre a sua presença aqui?

O rubor que tomou conta do rosto de Sara a entregou.

— Foi o que pensei — disse ele. — Ela é boa no que faz, mas se entedia com facilidade e gosta de novas experiências. Não resiste a assediar cada um de seus clientes masculinos. Ela já passou por três casamentos e vários namorados.

Incluindo você? pensou Sara, mas não ousou dizer nada.

Jared estava cansado e Sara ainda estava se recuperando da cirurgia. Então

decidiu encerrar a conversa.

— Você precisa descansar — disse.

— Obrigada — disse ela, quando eleja estava quase deixando o quarto. — Por trazer Morris.

— O que é um pouquinho de sangue entre amigos? — disse ele erguendo a mão. — Durma bem.

— Você também.

MAS ela não dormiu bem. Teve sonhos violentos, exatamente como quando era criança. Armas disparando. Homens gritando. Chamas ardendo. O avião quase caindo. E então a fúria de sua mãe dirigida ao avô, suas acusações, seu comportamento subitamente bizarro. Sara foi deixada sozinha, com apenas o avô para cuidar dela. No final, a mãe se destruiu. O que começara como uma grande aventura, com um nobre propósito, acabara em sangue e morte.

Sara levou a mão à cabeça, onde um ligeiro afundamento marcava a parte mais trágica de sua jovem vida. Estava sob os espessos cabelos louros e não aparecia. Mas Sara podia senti-la. Era uma constante lembrança de como a vida era breve e perigosa.

Por fim, logo antes do amanhecer, adormeceu novamente.

SARA ficou mais dois dias na casa de Jared. Este parecia evitá-la. Não tomava café, não almoçava e não jantava à mesa. Estava sempre no gabinete ou com os caubóis no rancho. Tony afirmava ser esta a sua rotina habitual, mas algo no modo como ele disse isso a deixou desconfiada.

No quarto dia após a cirurgia, pegou Morris, arrumou a mala e pediu a Jared que deixasse Tony levá-la para casa. Apesar de ainda não estar totalmente recuperada, já estava se sentindo muito melhor.

Jared sequer hesitou quando Sara pediu para ir embora, o que a magoou consideravelmente. Mas, por outro lado, ele parecia ser um homem rico e ela era uma mulher pobre. Havia concordado em dar apoio um ao outro em ocasiões de necessidade, e não em tornar a relação permanente.

SARA retomou sua rotina e voltou ao trabalho.

— Pelo menos está com a aparência um pouco melhor — comentou Dee, notando os círculos escuros sob os olhos de Sara. — Aposto que não dormiu muito na casa do Sr. Cameron.

— Foi meio constrangedor — Sara admitiu. — Mas tive mais contato com Tony do que com o Sr. Cameron.

— Tony?

— O sujeito grandalhão.

— Ah — recordou-se Dee. — O assassino profissional.

Sara riu.

— Ele passa outra impressão depois que a gente o conhece melhor. E Morris deixou Tony pegá-lo no colo. No entanto, ele mordeu o Sr. Cameron. Várias vezes.

— Acho que Morris é um bom avaliador de caráter afirmou Dee, sorrindo.

— Ora, vamos. O Sr. Cameron tomou conta de mim enquanto eu estava me recuperando.

Dee fez uma careta.

— Eu poderia tê-la levado para a minha casa.

— Dee, você tem quatro filhos, além da sua mãe, morando com você e seu marido. Seria fisicamente impossível cuidar de mais alguém. Mas obrigada pela oferta. Já me sinto grata por ainda ter o meu trabalho.

— Como se eu fosse despedi-la por ficar doente. Mas, por enquanto, é melhor não carregar peso. Apenas sente-se atrás do caixa e registre as vendas.

— Pelo menos isso, eu posso fazer — retrucou alegremente Sara.

Ela estava quase na hora de fechar quando Harley Fowler apareceu. Dee fora ao banco e Sara a estava aguardando voltar para fechar a loja.

— Oi, Harley — cumprimentou ela.

Ele sorriu.

— Você está com a aparência muito melhor — disse. Ele fez uma careta. — Sei que arrumei problemas para você com o Sr. Cameron por ter ido visitá-la sem avisar. Sinto muito.

— Como soube disso?

— A Sra. Lewis é parente de um dos caubóis. Não pensei que o Sr. Cameron pudesse se importar. Devia ter pedido permissão antes.

— Ele não é daqui, Harley. Não sabe como funcionam as coisas nas cidades pequenas. Ninguém mais teria se incomodado.

— Pensei até que ele estivesse com ciúmes — deixou escapar Harley, hesitantemente.

Ela riu.

— Ah, me poupe. Um rancheiro poderoso com ciúmes de uma vendedorazinha de livros? Ele tem uma advogada deslumbrante chamada Max. Ela é linda e apaixonada por ele.

Harley suspirou.

— Deve ser bom ter dinheiro. — Ele se apoiou no balcão. — No sábado, os Parks vão dar um churrasco no rancho. Lisa disse que talvez você queira desenhar os filhotes mais uma vez antes de estarem em idade de ser adotados. Eles já estão enormes.

— Um churrasco — repetiu Sara, sorrindo também. — Eu adoro churrascos.

— Eu sei — disse ele, sorrindo. — Que tal eu passar para pegá-la no sábado por volta das 11 da manhã?

— Eu adoraria, Harley — disse ela, com sinceridade.

Ele sorriu. Ela não era linda, mas ele apreciava a sua companhia.

— Então está marcado.

— Vai ter dança?

— Com certeza. Vai ser um dia inesquecível. — Ele hesitou. — Sua família adotiva também foi convidada.

— O Sr. Cameron? — indagou ela.

— É, e o assassino profissional também.

— Tony não é um assassino profissional — explicou ela, rindo ao se dar conta que era sua própria descrição do guarda-costas que estava circulando pela cidade. — Eu não devia ter dito isso.

— Mas ele lembra um assassino profissional. É grande e parece ser lento, o que não é uma boa qualidade para um guarda-costas.

Sara tinha a distinta impressão que, se necessário, Tony poderia se mover com muita rapidez, mas preferiu não falar nada.

— Sábado, às onze — repetiu Harley.

— Isso.

Sara sorriu e acenou quando ele deixou a loja. Ela imaginou a banda e Jared Cameron. Será que ele a tiraria para dançar?

O RANCHO de Cy Parks era enorme, até mesmo pelos padrões texanos. O pátio estava coberto por toldos, sob os quais se encontravam compridas mesas e bancos para as pessoas se sentarem. Cy realmente Nilo poupava despesas. Comida era o que não faltava. Além do novilho que os caubóis estavam assando no espeto, havia várias travessas de feijão, saladas, pães caseiros e tortas diversas.

Todos os poderosos do condado compareceram para o legendário churrasco de Parks. Até mesmo as crianças foram convidadas. Parecia uma reunião familiar.

— Aquele é Joshua, o filho dos Coltrain? — perguntou Sara, apontando para um menino loiro correndo atrás de um outro de cabelos escuros.

— É, e aquele, o perseguindo, é o filho de J.D. e Fay Langley — informou Harley.

— Nossa, como estão grandes!

— É.

Sara estava olhando para os meninos, quando avistou um rosto conhecido. Jared Cameron estava de pé, ao lado de uma das mesas compridas, conversando com Cy Parks. Com ele estavam Tony, o Dançarino... e a advogada, Max, de pé ao lado de Jared, que estava com o braço ao redor dela.

Sara sentiu como se estivesse tendo um pesadelo.

CAPITULO 7

Ao mesmo tempo em que Sara avistou Jared, ele olhou cm sua direção, e a viu acompanhada de Harley Fowler. Mesmo a distância, seus olhos verdes faiscaram.

Ela desviou o olhar e continuou caminhando com Harley ao encontro de Lisa, que estava sentada com Gil no colo. Ela não ousava deixar transparecer como realmente se sentia. Jared Cameron tinha todo o direito de andar com a bela advogada a tiracolo. Sara ficou chocada ao se dar conta de como aquilo fazia se sentir traída.

Lisa sorriu quando os dois se juntaram a ela.

— Sentem-se. Eu poderia ter deixado Gil no seu cercadinho, mas não gosto de ficar longe dele, mesmo que só por alguns minutos.

— Eu me sentiria da mesma maneira — disse Sara. Ele é uma gracinha.

— Ele vai se dar muito bem com as mulheres quando crescer — comentou Harley. — Olhem como já está começando cedo.

Lisa riu.

Acho que tem razão. Ele gosta de Sara. Todo mundo gosta de Sara — disse Harley, piscando para ela.

Nem todo mundo — murmurou Sara, notando que Jared Cameron estava vindo na direção deles de braço dado com Max.

Ele estava sorrindo para Max, mas seus olhos fuzilavam Harley e Sara ao se aproximar.

— Será que deveria estar de pé tão cedo após passar por uma operação tão séria? — perguntou, olhando para Sara.

— Tão séria? — Sara riu. — Eu só tirei o apêndice! A incisão mal tinha dez centímetros!

Os olhos de Jared se estreitaram.

— Ele supurou — disse.

— Por que ele está tão preocupado com a sua cirurgia? — indagou inocentemente Lisa.

— Porque eu a levei para casa comigo e Tony e eu cuidamos dela — disse bruscamente Jared. — Já investimos muito na recuperação dela.

— Como se você houvesse feito muito! Tony é que teve todo o trabalho! — retrucou Sara.

Jared ergueu a mão enfaixada.

— Você não tentou pegar Morris no colo, tentou? — perguntou Lisa.

Irritado, Jared olhou ao redor.

— Será que sou o único na cidade que não sabe que ele morde?

— É o que parece — disse Harley, rindo.

— Detesto gatos — murmurou Max. — São assustadores, e possuem presas, como cobras.

Sara gostaria que a outra mulher houvesse estado presente para tentar pegar Morris no colo.

— Oi, Sara — disse Tony. Estava de terno e usando óculos escuros, e parecia realmente enorme. — Tudo

bem?

— Estou muito melhor, Tony, obrigada — respondeu ela, com um sorriso sincero.

Max parecia mais insatisfeita a cada minuto que passava.

— Não vamos comer aqui fora, vamos? — perguntou. — Quero dizer, aqui tem moscas!

—Elas só pousam em pessoas ruins — prometeu Sara.

Instantes depois, duas enormes moscas pretas pousaram no braço de Max.

Ela gritou, tentando matar os insetos.

— Tire de cima de mim! — exclamou. Tony olhou para Sara e sorriu. — Isso lhe parece familiar? Ela gargalhou ao se recordar de seu próprio pavor diante do marimbondo que pousara no seu ombro na casa de Jared.

Mas Max pensou que Sara estivesse rindo dela e sem hesitar, a esbofeteou no rosto.

Um silêncio pesado se espalhou pelo local. Cy Parks aproximou-se do grupo com sangue nos olhos.

—Você está bem, Sara? — indagou em tom ameaçador.

—Estou... bem — respondeu Sara. Ela tinha uma enorme marca vermelha em uma das faces.

Cy virou-se para Max.

—Eu jamais pedi para um convidado deixar minha casa, até agora. Quero você fora de minha propriedade. Max estava furiosa.

—Ela riu de mim! Eu estava coberta de moscas e ela achou isso engraçado!

—Ela estava rindo porque a mesma coisa aconteceu com ela e um marimbondo na casa do Sr. Cameron — disse Tony, também parecendo ameaçador. — Eu a lembrei do ocorrido.

Max ficou ruborizada.

— Ah.

Jared não dissera sequer uma palavra, mas seu olhar já dizia tudo.

— Pode pedir desculpas a Sara, antes de eu levá-la de volta para o rancho — disse para Max, sério.

Max tornou-se gentil.

— Sinto muito. Espero não tê-la machucado — acrescentou de modo condescendente.

Cash Grier juntou-se ao pequeno grupo.

— Se quiser dar queixa, Sara, será um prazer prendê-la — disse, olhando para Max.

— Prender-me?

— Por agressão. É contra a lei atacar fisicamente uma pessoa.

— Como advogada, você não deveria saber disso? — perguntou Tony.

Subitamente, Max pareceu ter se dado conta de onde estava e de como estava vulnerável naquela pequena cidade. Ela riu, nervosa.

— Decerto, isso não será necessário... Cash olhou para Sara.

— Sara?

Sara inspirou profundamente e fitou Max com toda a intensidade de que era capaz.

— Não prestarei queixa — disse em voz baixa.

— Mas se voltar a encostar um dedo em mim, lhe mostrarei o quanto aprendi no último curso de autodefesa ministrado pelo chefe Grier.

— Isso jamais se repetirá — assegurou Jared. Ele puxou Max pelo braço. — Obrigado por nos convidar, Cy, mas temos de ir.

— É, desculpe — acrescentou Tony, sorrindo para Sara. — Esse churrasco está com um cheiro ótimo.

— Você não pode ficar? — Pediu Sara gentilmente a Tony.

Ele esboçou um sorriso largo. Jared resmungou alguma coisa, e Max protestou que ele estava apertando demais o seu braço. Tony olhou para o patrão e suspirou.

— Não, eu também tenho de ir. Até mais, Sara. Os três se afastaram apressadamente. Sara teve vontade de chutar Max. Ela estragara tudo.

Tippy Grier, esposa de Cash, se juntou ao pequeno grupo e notou a vermelhidão na face de Sara.

— O que aconteceu com você? — perguntou ela.

— A advogada de Jared Cameron a esbofeteou. Tippy soltou uma exclamação de surpresa.

— Ela achou que eu estava rindo dela por que ela atraiu algumas moscas — explicou Sara, olhando o Jaguar de Jared se afastar cantando pneu.

Sara ficou desapontada, pois tinha esperanças de dançar com Jared. Mas se odiava por se sentir daquela maneira.

Quem era o sujeito grandalhão com Jared? — perguntou Cash.

— Tony, o Dançarino — respondeu Cy, antes que SIM a pudesse falar alguma coisa. Todos os olhos se viraram para ele.

— Foi como eu escutei Jared se referir a ele — explicou Cy, a título de defesa.

Iodos continuavam a fitá-lo. Usara o primeiro nome de Jared, algo que não costumava fazer com desconhecidos.

Harley pediu licença e, acompanhado de Sara, seguiu para as mesas onde a comida estava sendo servida.

— Você está bem? — perguntou ele com uma expressão preocupada no rosto.

Sara assentiu.

— Apenas fui pega de surpresa.

— Não gosto daquela advogada bajuladora — murmurou ele. — Mas ela e o chefe foram feitos um para o outro. Os dois não são boa companhia.

Sara não respondeu. Estava se recordando do olhar fulminante que Jared lançara para Max. Ele não gostara da maneira como ela tratara Sara. Isso era reconfortante. Mas seu rosto ainda estava doendo.

A MÚSICA latina que a banda estava tocando fez com que lotassem o tablado de madeira que Cy mandara construir para a ocasião. Fileiras de lanternas japonesas suspensas iluminavam o lugar após o pôr-do-sol, o a multidão se embalava ao ritmo alegre.

Quando a banda passou a tocar música lenta, Harley virou-se para puxar Sara para a pista de dança, mas alguém passou a sua frente.

Jared Cameron gentilmente tomou Sara nos braços, levou-a até a pista de dança e a colocou no chão.

— Minha vez — disse ele baixinho, e sorriu de tal modo que fez o coração de Sara disparar.

Por um instante, Harley pensou em intervir, mas bastou olhar para Sara para perceber que isso seria quase uma traição. Resignado, voltou para a mesa do bufê para pegar uma cerveja.

— Não pensei que fosse voltar — disse Sara, passando a mão ao redor do pescoço dele e encostando a cabeça em seu peito.

Ele era tão mais alto que o topo da cabeça dela mal alcançava o queixo dele.

Uma das mãos dele, grande e quente, se fechou ao redor da mão de Sara.

— Não mesmo? — Com o dedo, inclinou-lhe o rosto, de modo para que pudesse lhe examinar a face.

— Pelo menos não ficou roxo. Jamais tive tanta vontade de agredir uma mulher. Max precisa ter aulas de autocontrole.

— Ela pensou que eu estava rindo dela. Tony explicou. — Ele apertou a mão de Sara com mais força. — É melhor manter distância de Tony. Ele não é o que parece. Pode acabar machucando você.

— Ele jamais ergueria a mão para mim — protestou na mesma hora. Jared interrompeu a dança por um instante e a fitou.

— Não quis dizer fisicamente.

Ela franziu a testa.

— Ele é sempre tão gentil comigo!

Jared retomou a dança.

— Você lembra a irmã dele.

—Eu sei; Ele disse que ela morreu.

Ele girou lentamente, apertando o corpo dela de encontro ao seu, o que a deixou arrepiada.

—Tony tem problemas que é melhor você não saber.

Cy Parks conhece vocês dois. Há varias semanas que estou morando aqui — respondeu ele casualmente.

— Não é isso que eu quis dizer. Ele ergueu a sobrancelha.

— Conheço Cy há muito tempo.

Agora ela estava realmente curiosa. Era sabido que Cy Parks, Eb Scott e Micah Steele haviam sido mercenários profissionais, soldados da fortuna, antes de se asentarem em Jacobsville. Sara nada sabia a respeito do Jared Cameron. Que segredos ele estaria escondendo?

Ele notou a curiosidade nos olhos dela e apenas sorriu.

— Deixe para lá — disse, puxando-a para mais perto. — Não pretendo desperdiçar a noite falando sobre o passado. — Estou mais interessado em fazer novas lembranças — acrescentou de modo sedutor.

Uma das mãos dele subia e descia de modo sensual pela coluna de Sara. Ela achou preocupante sua relutância em protestar contra a forma íntima como ele a estava tratando. Se ele pressionasse, Sara sabia que seria incapaz de resistir. Não pôde deixar de se lembrar do que Max dissera a respeito das conquistas, fáceis de Jared e da indiferença que ele lhes reservava após ter conseguido o que queria.

— Mande Tony levar Max ao aeroporto — contou ele, após um instante.

— Ela foi embora?

— Foi. Ela foi embora.

Jared não mencionou as coisas horríveis que Max dissera a respeito de Sara e do interesse dele por ela ou a ameaça que teve de fazer para tirá-la da cidade. Tony também não gostou da idéia de deixar Jared sozinho enquanto escoltava a advogada até o aeroporto. Foi uma batalha.

Tony vem para cá depois? — perguntou Sara. Jared estremeceu.

—Vem. Eu estava falando sério. Pare de olhar para Tony como se ele fosse ser seu acompanhante para o baile da escola.

—Eu não fui ao baile de formatura da escola — atirou m ela, distraidamente. — E para quem eu olho não é da sua conta. Eu vim com o Harley.

Ele recuou para que ela pudesse lhe ver os olhos.

—E vai voltar para casa comigo — disse, baixinho. Sara gostaria de não ter deixado transparecer o quanto as palavras dele a empolgaram. Mas seria impensável ir embora com outro homem quando fora com Harley...

—Sara — disse Harley, aproximando-se deles. — tenho de fazer algo para o patrão. Infelizmente não pode esperar.

—Eu a levo para casa — disse Jared para Harley. Não tem problema.

—Tudo bem para você, Sara? — perguntou Harley gentilmente. Ela assentiu.

Tudo bem. Harley forçou o sorriso.

—Outro dia a gente combina alguma coisa.

Ela sorriu de volta.

—É claro.

Ele acenou com a cabeça para Jared e dirigiu-se cabisbaixo para o estacionamento. Jared estava sorrindo. Sara franziu a testa.

—Teve algo a ver com isso?

— Quer dizer se pedi a Cy para ocupar Harley para que eu pudesse levá-la para casa? É claro que sim Não gosto de concorrência.

— Como é que é?

Ele a puxou para si, seus olhos fitaram sombriamente os dela.

— Sou possessivo — disse baixinho. — Territorial.

— Comigo? — indagou ela, incrédula.

— É claro que com você.

— Mas Max é linda.

— Max faz parte do passado — disse ele, abruptamente. — E ela sabe disso.

O rosto de Sara se iluminou. Ele estava falando sério. Ele parou de dançar e levou uma das mãos ao rosto dela.

— Você está cansada. Precisa ir para casa.

Ele a puxou pela mão até Cy e Lisa. Os dois se despediram. Jared pediu a Cy que dissesse para Ton onde ele havia ido. Ele colocou Sara no Jaguar e seguiu para a pequena casa dela.

Não trocaram uma palavra sequer durante o breve trajeto. A tensão entre os dois era praticamente palpável. Sara sentia-se acalorada. Sentir Jared tão perto si havia derrubado todas as suas inibições. Não conseguia enxergar além do seu desejo de beijá-lo até não poder mais.

Ele desligou o motor diante da casa de Sara e virou para ela.

— Chegamos ao ponto sem volta — disse. — vamos adiante, ou paramos de nos ver. Estou velho demais para me contentar com beijos.

Ela o fitou com impotência, sua criação implorando para que o mandasse embora e entrasse em casa sozinha. Por toda a vida fizera a coisa certa, a coisa seguiu Mas amava Jared. Se dissesse as palavras erradas naquele momento, jamais se veria nos braços dele novamente. Tal pensamento era uma tortura. Sara estava cansada de ser tão cautelosa. Ele não era o tipo de homem de beijar diante da casa, e queria entrar para trocar algumas carícias. Se as coisas comessem a sair ao controle, simplesmente encontraria uma desculpa para dar um basta. Fácil.

Jared desceu do carro, abriu a porta para Sara e trancou o veículo antes de segui-la até a varanda. Ela destrancou a porta, nervosa, e entrou. Jared veio logo atrás. Sem dar-lhe tempo de acender a luz, ele fechou a porta, passou o ferrolho e a tomou nos braços, colando com a boca os lábios macios dela.

O sofá estava a apenas poucos metros de distância. Era largo e comprido,

perfeito para duas pessoas se deitarem. Sara podia sentir os músculos rijos e quentes de Jared envolvendo-lhe o corpo. Ela estava tremula, enquanto Jared saboreava-lhe a boca.

Sara logo se viu tão ansiosa quanto ele para arrancar as roupas, para que suas mãos, e depois a boca, pudessem lhe explorar a maciez da pele. Quando Jared passou as mãos para debaixo da saia dela, alisando-lhes as pernas, Sara já estava excitada.

Sentiu o corpo dele vibrar, demonstrando tanto desejo quanto ela. Ele sussurrou-lhe algo que ela não entendeu. Aparentemente, não devia ser importante, já que, segundos depois, começou a senti-lo de encontro a si de uma maneira nova e amedrontadora.

Ela fez menção de protestar, mas já era tarde demais. A boca de Jared se colou à dela enquanto seu corpo subitamente lhe invadia a parte mais íntima. As sensações deliciosas que ela experimentou no início desapareceram ao senti-lo insistente e exigente, com uma das mãos sob os seus quadris, mantendo-os no lugar, enquanto ele arremetia com força. Ele gemeu ao sentir a barreira macia ceder. Na mesma hora seu bom senso desapareceu. Só buscava a satisfação. A abstinência e algumas cervejas a mais o haviam privado de seu autocontrole. Ele sentiu a torrente de prazer como uma onda quente percorrendo o seu corpo, até este arquear-se e finalmente estremecer.

Quando recuperou o controle, pôde senti-la tentando sair de baixo do peso esmagador de seu corpo. Notou os soluços entrecortados. A tristeza evidente.

Jared ergueu a cabeça. Não conseguia enxergá-la na escuridão da sala, mas tocou-lhe o rosto e sentiu que estava úmido.

— Por favor — pediu ela, soluçando, empurrando-lhe o peito.

Ele ficou chocado diante de seu lapso. Não pretendia ter ido tão longe. Não no primeiro momento de real intimidade. Mas agora era tarde demais. Ele afastou-se, e abotoou a calça. Escutou-a se cobrindo. Pelo menos parará de chorar.

— Vou acender a luz — disse Jared, ríspido.

— Não! — Ela ficou de pé. — Por favor, não.

— Por que não? — Ele aproximou-se dela. — Nós fizemos amor. O que há de tão terrível nisso?

Ela tremia de auto-repugnância.

— Por favor, vá embora — sussurrou.

— Sara...

— Por favor!

Ele inspirou fundo, furioso.

— Moças do interior e seus malditos problemas emocionais — resmungou. — O que é agora? Acha que vai para o inferno por ter dormido com um homem sem estar casada com ele?

Ele chegara tão perto de descrever o que lhe fora ensinado durante toda a vida que Sara sequer se deu ao trabalho de responder.

— Eu não acredito! — Ele esbravejou. — Não posso ter sido o primeiro homem com quem... — Ele se interrompeu, lembrando-se da barreira que transpusera. — Eu fui o primeiro — disse baixinho. — Não fui, Sara?

— Por favor, vá embora — implorou ela, chorando. Ele inspirou profundamente.

— Diga-me, está tomando anticoncepcionais? — quis saber.

— Nunca precisei tomar — retrucou ela.

— Ótimo! — exclamou ele, furioso. — Fantástico! E você está achando que tirou a sorte grande, não é? Se eu a engravidei, não terá mais com o que se preocupar pelo resto da vida! Só que não vai ser bem assim — acrescentou ele, friamente. — Não quero mais ter nenhum filho. Vai fazer um aborto, ou eu a levarei aos tribunais e mostrarei para todo mundo como você é mercenária!

Jared estava falando sobre uma possibilidade que ela sequer considerara. Ela tentara impedi-lo. Será que achava que toda mulher tinha de estar pronta para fazer sexo? Será que era assim que as pessoas pensavam na cidade grande? Estavam todos prontos, o tempo todo?

— Não se preocupe — disse ela, entre os dentes. Prometo que não terá de lidar com nenhuma consequência terrível. Agora, será que pode ir embora, por favor?

Ainda furioso, ele caminhou na direção da porta. Mas ao abri-la, deteve-se e virou-se para ela.

— Não tive a intenção de machucá-la — disse, constrangido.

Ela riu com frieza.

— Nunca tive nada na vida que não fosse doloroso. Por que isso seria diferente?

Sara virou-se, seguiu para o quarto no final do corredor, bateu a porta e a trancou.

Franzindo a testa, ele foi embora, intrigado com o comentário. Não queria pensar no quanto a magoara. Não que Sara fosse acreditar nele, mas, sinceramente, não havia planejado seduzi-la.

Jared deteve-se na varanda, sentindo a brisa fresca acariciar-lhe o rosto suado, refrescando-o. Jamais perdera o controle daquela maneira. Estava furioso consigo mesmo.

Enquanto pensava sobre o que fazer a seguir, a caminhonete do rancho parou do lado de seu carro. Tony colocou a cabeça para fora da janela.

— Ela está bem? — perguntou ao patrão.

— Está ótima — mentiu Jared, destrancando o Jaguar. — Vamos para casa. Estou precisando de uma bebida. Foi um longo dia.

— Pois pode falar isso de novo — retrucou Tony. — Não vai acreditar no circo que Max armou no aeroporto.

Jared não tinha por que não acreditar. A noite toda fora de mal a pior. Duas mulheres em sua vida e era incapaz de lidar com qualquer uma delas. Gostaria que essa farra toda acabasse logo.

CAPÍTULO 8

SARA não dormiu. Tomou uma chuveirada e vestiu uma camisola limpa. Depois, sentou-se diante do espelho e fitou a mulher arrasada refletida nele. O avô teria se envergonhado dela. Assim como o pai. Não fora criada para ser moralmente leviana.

Não sabia o que fazer. Já ouvira falar na pílula do dia seguinte, mas teria de procurar um médico para consegui-la. Todo mundo na cidade descobriria o que ela fizera. A vergonha seria demais. Mas, e se tivesse engravidado? Estava no início do seu ciclo, um período propício para engravidar, mas algumas mulheres não eram regradas. E ela também não. Será que isso faria diferença?

Jared sequer perguntara primeiro. Tomara para si o que queria. Talvez ela tivesse demonstrado que estava disposta. Devia ter deixado bem clara a sua inexperiência. Achava que ele só queria trocar beijos e carícias e não que fosse até o fim. Será que Jared pensou que ela estava concordando em fazer sexo?

Ficou enojada com a própria falta de protestos. Fora tão maravilhoso ficar deitada em seus braços e senti-lo desejando-a... Ninguém jamais a quisera daquele modo. Quando voltara para o país sua condição era tão ruim, que mal esperavam que ela sobrevivesse. Como resultado de seus ferimentos, sofrerá danos neurológicos. Quem a conhecia, podia perceber. Nunca judiavam dela quando trocava a cor das meias ou das roupas. Quando esquecia das coisas logo após aprendê-las. Também tinha problemas para lembrar do passado. Os médicos haviam dito que ela era muito inteligente e que seria capaz de compensar. Mas, agora, não tinha tanta certeza disso.

Talvez, nada acontecesse. Devia ter se informado melhor. Sabia muito pouco a respeito do próprio corpo, e sobre o que homens e mulheres faziam entre quatro paredes. Pelo menos entendia agora o que escutara as mulheres conversando aos sussurros durante toda a sua vida. Sexo doía. Era bom apenas para os homens. Mulheres submetiam-se a ele somente para ter filhos. Agora sabia que jamais iria querer se submeter a isso novamente. Agora, sabia a verdade.

Finalmente foi para a cama. Mas, pela primeira vez em anos, não teve pesadelos.

JARED passou o dia inteiro se sentindo culpado. Estava chocado com seu descontrole. Lamentava o que havia dito para Sara, mas ela deveria ter deixado bem claro, de antemão, sua inexperiência com os homens. A maioria das mulheres sabia como se cuidar em situações íntimas. Se soubesse que Sara era completamente inocente, teria usado proteção e seria mais delicado.

Ele riu com indiferença. Pois sim. Perdera totalmente o autocontrole naqueles minutos excitantes no sofá da casa de Sara. Desejara-a tanto que não pudera se conter.

— Max não deixou a cidade — comentou Tony durante o almoço.

Isso foi o suficiente para despertar Jared de seus pensamentos.

— O quê?

— Ela está lá em cima.

— Eu mandei levá-la até o aeroporto.

— E eu a levei. Mas só teria conseguido embarcá-la se pudesse ter recorrido à força física.

Jared quase explodiu. Quando ia começar a falar, Max entrou tranqüilamente na sala de jantar.

— Oba! Almoço? Estou faminta.

— Eu a mandei embora — disse Jared.

— Você não estava falando sério — disse ela com complacência. — Está sempre me mandando embora, e no dia seguinte me liga para se desculpar. Pensei em lhe poupar a ligação.

Por mais que Jared odiasse admitir, ela tinha razão. O almoço transcorreu no mais absoluto silêncio.

JARED não costumava beber. Mas a lembrança do que havia feito com Sara o fez terminar com uma garrafa de uísque.

Surpresa com a quantidade de álcool que ele vinha ingerindo, Max o confrontou no gabinete. Devia ser algo sério, pensou ela. Desde a morte da filha que ele não bebia tanto.

— Algo está errado, não está? — perguntou. — Pode se abrir comigo.

Ele a olhou furioso.

— Nada que eu não possa resolver sozinho.

— Não me diga — disse ela, reconhecendo o padrão no comportamento de Jared. — Problemas com mulher. Deixou que aquela caipira o seduzisse, não é?

Ele parecia surpreso.

— Foi o que pensei — continuou ela. — Foi fácil perceber que ela estava atrás de você. Usava roupas sedutoras. Fez de tudo para lhe mostrar que estava disposta.

Ela o fez se sentir menos culpado. Tinha razão. A culpa fora de Sara. Ele tinha sido seduzido, não o contrário. O álcool o estava ajudando a enxergar a verdade.

— E agora, está preocupado com as conseqüências — acrescentou Max.

Jared involuntariamente se entregou. Ela assentiu.

— Não se preocupe. Cuidarei de tudo. Deixe comigo.

— Não a magoe — pediu ele.

— Não será necessário fazê-lo — garantiu Max.

SARA voltou ao trabalho na segunda-feira de manhã, sentindo-se culpada e envergonhada, como se o acontecido estivesse escrito em seu rosto.

— Final de semana ruim? — perguntou Dee, gentilmente. — Todos nós os temos, de tempos em tempos.

— Fui ao churrasco na casa dos Parks — retrucou Sara. — A comida estava ótima.

Dee sorriu.

— Harley também se divertiu?

— Harley teve de ir fazer um serviço para o patrão pouco depois da dança começar — informou Sara com tristeza.

Harley a teria salvo se Cy não o houvesse separado dela.

— Mmm-hum — murmurou Dee.

— O que foi?

— Você sabia que Jared e Cy Parks cresceram na mesma cidade?

— Como sabe disso?

— Meu primo trabalha para Cy no rancho. Ele sabe sobre todos os segredos. Cy morava em Montana e Jared Cameron também. — Ela fez uma pausa. — Jared pediu a Cy para tirar Harley da jogada — acrescentou ela.

Até aquele momento, Sara sempre gostara de Cy Parks. Mas ele não poderia imaginar o quanto contribuíra para a quase tragédia que acontecera. Provavelmente achara que Jared estava seriamente interessado em Sara.

— Harley ficou furioso — prosseguiu Dee. — Ele quase se demitiu. Disse que você não passava de uma inocente e Jared era um lobo em pele de cordeiro.

— Jared foi um perfeito cavalheiro — mentiu Sara.

Dee a fitou por um instante, e depois relaxou visivelmente.

— Ainda bem. Eu estava preocupada. Tolice minha. Tenho de ir ao banco. Quer que lhe traga café?

Por favor. Minutos depois de Dee ter saído, Max estacionou a caminhonete do rancho diante da loja e entrou, esbanjando confiança e arrogância.

— Jared me mandou — disse ela, rudemente. Pegou um envelope e o entregou a Sara. — É um cheque no valor de dez mil dólares. Ele não quer saber de complicações relacionadas ao que aconteceu no sábado à noite. É mais do que suficiente para um aborto. Caso não seja necessário, você ainda terá uma poupança para o futuro próximo. Jared não ficará muito tempo por aqui.

— Não ficará por aqui...?

— Ele só está aqui esperando que as autoridades capturem três imigrantes ilegais vindos da América do Sul para seqüestrá-lo em troca de resgate.

— Resgate?

Max tirou uma revista de dentro da valise. Na capa estava Jared Cameron. A manchete já contava toda a história: Magnata do petróleo alvo de terroristas após tiroteio em oleoduto sul-americano...

— Pode ficar com ela — disse Max. — Como recordação dele.

— Mas por que ele veio para cá?

— Por que alguns dos membros do grupo de mercenários que, dois anos atrás, o ajudou a destruir a célula terrorista original que atacou o seu oleoduto moram por aqui. Os sobreviventes da célula não estão dispostos a desistir. Acham que, se puderem agarrar Jared, recuperarão o que perderam quando se apossaram do oleoduto na América do Sul. Haviam exigido milhões, mas Jared mandou apenas mercenários. Querem vingança. Eles foram capturados hoje, nos arredores de Victoria.

— Então ele está a salvo?

— Está. E pode me acompanhar até Cancun para umas longas férias — acrescentou ela. — Ele vale milhões. É um gênio financeiro. — Ela estreitou os olhos ao sorrir. — Não é bem alguém que se interessaria por uma vendedora de livros no interior do Texas, não acha?

Sara a fitou com a angústia estampada no rosto.

O olhar de Max ficou mais duro.

— É melhor acreditar que ele está falando sério. Se ficar grávida, deve abortar. Não queira saber o que ele pode fazer com você e com sua reputação.

Sara não conseguiu responder. Apenas a fitava.

Max deu de ombros.

— Não fique tão decepcionada. Mulheres vêm lutando para subir na cama dele há anos.

— Para o quê? — perguntou ela, com deliberado desprezo.

Max parecia ter levado um banho de água fria.

— Está me dizendo que não gostou...?

— Prefiro ficar o resto de minha vida solteira do que passar por aquilo novamente — soluçou Sara.

Algo no interior de Max que há mais de uma década estava adormecido despertou. Ela tentou achar as palavras certas.

-Você nunca...?

Sara engoliu em seco.

— Meu avô dizia que mulheres que ofereciam levianamente seu corpo acabavam no purgatório.

Max estreitou os olhos.

— Sara, quantos anos você tem? — perguntou, hesitante.

— O que isso tem a ver com...?

— Quantos anos você tem?

— Dezenove. Max sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Estava usando subterfúgios cruéis para acertar uma inocente.

Tinha certeza de que Jared não sabia a idade de Sara.

— Sinto muito — disse Max. — De verdade.

Ela se virou e deixou a loja.

Sara enxugou as lágrimas e voltou ao trabalho. Jared era um multimilionário que só estava na cidade temporariamente. Sara pensou que ele fosse morar lá para sempre. Quando ele a beijou, pensou que Jared a quisesse realmente. Em ambos os casos, estava enganada.

JARED notou que Max estava quieta demais quando voltou ao rancho.

— O que foi? — perguntou. Ela o fitou.

— Ela tem 19 anos, Jared.

Jared teve de se sentar. Max sentou-se diante dele.

— Eu disse o que precisava ser dito...

— O quê?

Ela levantou a mão.

— Ser gentil não é uma opção. E se ela decidir acusá-lo de tomá-la à força? Sua reputação estaria arruinada. Poderia perder milhões.

Jared não estava pensando no dinheiro. Estava se lembrando do tremor na voz de Sara na escuridão. Ela não o enganara. Não entendeu o que ele quis dizer. Tinha apenas 19 anos. Não sabia que estava concordando em fazer sexo com ele.

— Quando vamos para Cancun? — perguntou Max, tentando mudar de assunto.

— Não sei.

— Alguns dias na praia vão lhe fazer bem — insistiu ela.

Ele a fitou.

— Por que Cancun?

Max hesitou.

Porque tem praias maravilhosas. Ele estreitou os olhos.

— É melhor abrir o jogo. Ela franziu a testa.

- Não estou planejando nada desonesto. Tem um consórcio farmacêutico que está interessado em investir na nossa companhia.

- Qual é o nome do consórcio? Ela franziu ainda mais a testa.

- Eles se chamam Reconquistas.

- Quando falou com eles?

- Semana passada. Por quê?

- As autoridades capturaram três terroristas em Victoria, vindo para cá — disse ele, furioso. — E você não sabe por quê?

Ela parecia atordoada.

- Não está dizendo que...?

- Eles fazem parte do consórcio de contrabando de drogas, Max. Se tivesse me procurado em primeiro lugar, eu teria lhe dito isso. Mas estava ocupada demais contando o dinheiro, não é?

Ela corou.

- Não há mal nenhum em se ganhar mais dinheiro.

- Também não há mal nenhum em se despedir as pessoas — disse ele, enfático. — É melhor começar a procurar outro emprego.

Não está falando sério — respondeu ela, rindo. Você me despede o tempo todo, mas sempre volta atrás.

— Desta vez, não — afirmou Jared em um tom de voz frio e determinado. — Você já causou estrago suficiente.

— Eu? — Max se levantou, furiosa. — *Eu* já causei bastante estrago? E o que considera seduzir uma virgem de 19 anos?

As últimas palavras ficaram no ar quando os dois notaram Tony de pé diante da porta, com o olhar fulminante.

— É verdade? — exigiu saber, aproximando-se de Jared, que sequer conseguia achar as palavras. — Aquela jovem doce, que jamais machucou alguém, quase é destruída por uma tragédia do passado, e você tem que piorar as coisas! — disse Tony, com frieza.

— O que quer dizer com tragédia do passado? — perguntou Jared.

Tony não respondeu. Jared jamais o vira parecer tão ameaçador.

— Não importa. No instante em que este serviço terminar, eu vou embora. Não vou trabalhar para um homem como você.

Ele girou nos calcanhares e voltou para a cozinha.

— Parece que você e sua consciência vão ter muito tempo para se conhecerem, não é? — perguntou Max.

Ela parou na cozinha para pedir a Tony que a levasse ao aeroporto. Ele concordou. Jared voltou para o gabinete e bateu a porta. Jamais se sentira tão envergonhado.

Na manhã seguinte, quando foi trabalhar, Sara notou um furgão bastante estragado no estacionamento.

Ela parará lá no dia anterior, pouco depois de Max mirar na loja, e não saíra mais. Sara não vira ninguém dentro no dia anterior, e não estava vendo ninguém naquele momento.

—Oi, Dee — cumprimentou ela ao entrar na loja. Dee sorriu.

—Oi. Vou ao banco. Quer café?

—Adoraria. Ela se deteve na porta.

—Aquele furgão velho ainda está lá.

—Talvez esteja quebrado — murmurou Sara. - Acho surpreendente alguém se arriscar a dirigi-lo, para começo de conversa. — Dee sorriu. — Já volto.

Assim que ela foi embora, três homens, aparentemente estrangeiros, entraram na livraria. Olharam para Sara e assentiram, antes de espalhar-se pela loja. Um deles espiou para dentro do escritório de Dee.

Sara não costumava ter premonições, mas achou algo esquisito naqueles homens. Lembrou-se do que Max falara a respeito dos terroristas. Sabia que aqueles três não eram dali. Estava sozinha na livraria, armada apenas com o canivete que usava para abrir as caixas. Não teria a mínima chance contra um deles, quanto mais contra os três. Poderia gritar, mas não havia outras lojas abertas por perto.

Talvez houvessem sido presos em Victoria, mas parecia óbvio que saíram sob fiança. Estavam atrás de Jared. Max tinha ido à livraria na caminhonete do rancho, e tivera uma conversa muito séria com ela. Talvez eles possuíssem aparelhos de escuta altamente sofisticados. Talvez, se houvessem escutado o que foi dito, tivessem achado que Sara seria um alvo mais fácil do que Jared, com seu guarda-costas.

Ela fingiu não reparar neles, enquanto pensava em um plano de ação. Era loucura, mas se ela se esfaqueasse com o canivete e fingisse estar inconsciente, c até morta, talvez fossem embora. Seria arriscado sair carregando uma mulher ferida. Especialmente se ela parecesse estar morrendo.

Sara notou os homens olhando, nervosos para fora da loja e aproximando-se dela.

Sabia onde ficava a incisão da cirurgia que fizera. Era a sua melhor chance de não acertar nenhum órgão vital. Eles a cercaram.

— Você vem conosco — disse um dos homens com um inglês carregado. — Vimos você com a advogada. É a mulher de Cameron. Ele vai pagar por você.

— Não sou mulher de ninguém. Prefiro morrer a ir com vocês!

Com uma prece silenciosa, Sara enfiou o canivete na incisão.

— Aaah! — gritou, porque, de fato, havia doído. Prendendo a respiração, caiu no chão com sangue nas mãos e na blusa. Parecia morta.

Os homens hesitaram. Tinham planejado tudo, c, agora, sua refém cometera suicídio, diante de seus olhos.

Enquanto hesitavam, Harley Fowler desceu de sua caminhonete e seguiu na direção da livraria. Ele trazia presa à cintura a pistola que carregava quando verificava as cercas, para o caso de encontrar uma cascavel ou algum outro animal perigoso.

Os homens tomaram uma decisão rápida. Optaram por fugir. Saíram correndo tão rápido que quase derrubam Harley.

Harley não entendeu por que os três homens estavam correndo para o furgão. Foi então que pensou em assalto. Sara e Dee estavam lá dentro sozinhas. Ele correu para o interior da loja.

Sara estava sangrando no chão. Ofegante, ela ergueu a cabeça para o amigo.

— Funcionou — murmurou. — Mas eu me machuquei. Será que pode ligar para a emergência?

— É claro — disse Harley, agachando-se. Ele telefonou 911 e colocou o celular no ouvido enquanto afastava a blusa de Sara para olhar o ferimento.

Ele pressionou o ferimento para estancar o sangue e pediu que enviassem uma ambulância para a livraria.

— Você vai ficar boa, Sara — disse ele, após desligar e guardar o celular. — Qualquer homem que faz isso com uma mulher merece ser morto! Eu deveria tê-los detido!

— Eles não fizeram isso, Harley, fui eu — disse ela, com a voz fraca. — Eles iam me seqüestrar. Acharam que Jared Cameron pagaria o resgate por mim. Que piada!

— Por que eles pensariam isso?

— A advogada dele veio tentar me comprar ontem. Devem tê-la seguido até aqui.

— O que você está falando não faz muito sentido.

O ferimento doía. Ela se mexeu, e estremeceu.

— Olhe a revista sobre o balcão, Harley — disse. Você vai entender.

— Depois que os para-médicos chegarem, eu olho — retrucou ele, sem ousar mover as mãos.

DEE e a ambulância chegaram praticamente ao mesmo tempo. Receosa, ela

correu para o interior da loja.

— Ah, meu Deus! — exclamou. — Sara!

— Três homens. Acho que estavam no furgão velho — contou ela à amiga. — Iam me seqüestrar em troca de resgate.

— Resgate?

Harley pegou a revista, olhou para ela, e, franzindo a testa, passou-a para Dee.

Eles trocaram um olhar preocupado.

Os para-médicos colocaram Sara em uma maça.

— Eu vou com ela — disse Harley. — Dee, é melhor ligar para Cash Grier, caso eles voltem.

Dee pegou o telefone.

— Vou ficar bem. É sério — insistiu Sara. Harley não respondeu. Estava preocupado demais,

O FERIMENTO não foi grave. O Dr. Coltrain refez pontos.

— Será que não podia ter ligado para a polícia — perguntou ele, sacudindo a cabeça.

— Eu não teria chegado ao telefone. Eram três homens fortes, com um sotaque estranho, que não parecia ser espanhol — sussurrou ela.

— Por que estavam atrás de você? — perguntou ele.

— Iam pedir resgate por mim.

— E quem você conhece com tanto dinheiro?

Eles seguiram a advogada de Jared Cameron até a livraria. Acho que pensaram que eu tinha alguma ligação com ele, e que poderiam usá-la. Tem um artigo de capa sobre ele em uma revista financeira. Parece que Jared está aqui para se esconder de alguns terroristas sul-americanos que querem seqüestrá-lo.

—A emoção de se viver em Jacobsville — retrucou o médico, refazendo os pontos. — Quando eu era menino, este lugar parecia o fim do mundo, nada acontecia.

—Talvez, depois que Jared for embora, tudo volte ao normal.

SARA estava sentada na mesa de exames quando Cash Grier entrou.

—Harley disse que três homens a atacaram na livraria — disse, sem mais delongas. — Três prisioneiros escaparam da cadeia de Victoria, ontem, por volta Mo meio-dia. O chefe de polícia de lá informou que pareciam árabes.

—São eles — confirmou ela. — Estavam em um furgão velho. Seguiram a advogada de Jared Cameron até a livraria. Acharam que eu era importante para o Sr. Cameron. Que piada!

Grier não riu.

—Eles falaram alguma coisa?

—Só que achavam que eu tinha alguma ligação com Jared.

—Já emitimos um alerta geral para procurarem o furgão.

—Ele não vai passar despercebido — garantiu Sara— É muito velho.

Harley apareceu na porta.

— Como você está? Ela sorriu.

— O Dr. Coltrain refez os pontos. Estou bem.

O rádio de Grier tocou. Ele falou no microfone que trazia preso ao ombro.

— Grier.

— Nós os pegamos — disse o oficial Judd Dunn.

— Estamos levando-os para a delegacia.

— Estou a caminho.

Ele virou-se sorrindo para Sara.

— Missão cumprida. Agora pare de se esfaquear — acrescentou ele, seriamente.

— Tenho certeza de que existe uma lei contra tentativa de suicídio.

— Prometo não repetir o feito — garantiu ela. Ele piscou para ela e foi embora. Harley aproximou-se e segurou a mão de Sara.

— E um alívio saber que está bem — disse gentilmente.

Sara sorriu. Harley não era o único aliviado.

Os dois puderam escutar uma comoção no corredor. Segundos depois, Tony, o Dançarino, apareceu na porta.

CAPÍTULO 9

TONY olhou para Harley, que estava segurando a mão de Sara.

— Soube que aqueles três assassinos foram atrás de você — disse ele, preocupado. — Eles seguiram Max, não é?

— Acho que seguiram — admitiu Sara. — Mas como é que a conheciam?

— Nossa página na internet lista todas as pessoas que trabalham para a empresa — respondeu ele. — Devem ter usado a listagem a seu favor. Você está bem?

Ela sorriu para Tony e assentiu.

— O que fizeram com você? — perguntou ele, olhando o sangue seco na blusa de Sara.

— Não fizeram nada. Eu me esfaqueei no local onde foi feita a cirurgia e me fingi de morta no chão. Supus que não iriam querer uma refém moribunda. Enquanto pensavam no que fazer comigo, Harley apareceu com a sua 45 e os espantou. O chefe Grier disse que seus homens os prenderam ainda há pouco.

Tony respirou aliviado. Ele olhou para Harley e sorriu.

— Está mesmo parecendo um pistoleiro. Harley riu.

— Jamais tive chance de praticar com um alvo vivo. E uma pena eles terem

fugido.

Cooper Coltrain apareceu e ergueu a sobrancelha diante do recém-chegado.

— Este é Tony Danzetta — apresentou Sara. — Ele trabalha para o Sr. Jared Cameron.

Harley olhou para o relógio.

— Sara, eu estava indo buscar algumas coisas para o Sr. Parks quando passei na livraria para vê-la. Tenho de ir.

— Será que podia avisar a Dee que vou para a loja assim que o Dr. Coltrain me liberar? — pediu ela.

— Claro que não — retrucou Coltrain. — Vai para casa e ficará de repouso por dois dias. Também vai tomar alguns antibióticos para evitar infecção. — Ele hesitou. — E não deve ficar sozinha.

— O chefe Grier e seus homens já capturaram os meus quase seqüestradores.

— Não é o que eu quis dizer, Sara.

— Ela não vai ficar sozinha — disse Tony, baixinho. — Eu a levarei para casa e comprarei o remédio. Depois, cuidarei dela até ficar boa.

— Mas, o seu patrão... — começou a dizer Sara.

— Estou me demitindo hoje — respondeu ele, desviando o olhar. — Se os seqüestradores estão presos, Jared não precisa mais de mim. Não necessita mais de proteção. Se precisar, pode contratar outra pessoa. É rico o suficiente para isso.

Sara pressentiu um desentendimento, e não tinha certeza se queria saber o motivo da demissão de Tony. Tinha quase certeza que tinha algo a ver com ela.

Ela ficou ruborizada ao pensar no que Max poderia ter contado a Tony.

Coltrain notou o rubor e o rosto sério de Tony e tirou suas conclusões.

—Sr. Danzetta, preciso olhar a incisão mais uma vez. Será que poderia aguardar lá fora, por favor? Você também, Harley.

—Já estou indo. Melhoras, Sara — disse Harley, saindo.

—Farei o possível. Obrigada por tudo.

—Não fiz nada. Até mais.

—Vou estar aqui fora — disse Tony, seguindo Harley.

Coltrain fechou a porta e virou-se para Sara, fitando-a intensamente.

—Não precisa dizer nada. Sou bom em interpretar expressões faciais. O que quer fazer?

Ela pensou em negar, mas Coltrain estava irredutível.

—Eu sou contra matar até uma formiga.

Ele franziu a testa.

- E quem está lhe pedindo para fazer isso? Ela retirou do bolso o envelope com o cheque e o entregou a ele, assentindo, quando Coltrain o abriu.

Tony, o Dançarino, escutou os improperios do corredor. Ele abriu a porta e

entrou.

— O que foi? — perguntou. Furioso, Coltrain entregou-lhe o envelope. Ele praguejou tanto quanto o médico.

—Primeiro um tiroteio na África que quase a matou, e agora isso — murmurou ele. Intrigados, Sara e o médico o fitaram, ele pigarreou e olhou para Sara.

—Não se lembra de mim, não é? — perguntou. Sentindo a costumeira tristeza que tomava conta dela ao relembrar o passado, Sara sacudiu a cabeça.

Tony aproximou-se e colocou as mãos nos bolsos.

— Eu fazia parte de um grupo de mercenários contratados para restaurar o governo de direito na província onde seus pais estavam trabalhando como missionários — disse ele, baixinho. — Havíamos chegado à cidade, perseguindo um grupo rebelde que acabara de matar dois dos nossos. Vimos a explosão. E encontramos você e os seus pais.

Ela o fitou, tentando ordenar suas lembranças.

— Alguns mercenários enterraram meu... Meu pai — disse ela, com a voz rouca. — Um deles me carregou até um caminhão e levou a mim e a minha mãe até o QG da missão.

— Fui eu, Sara — retrucou Tony, em voz baixa. Ela sorriu com tristeza. Não o reconheceu. Mas, por outro lado, não conseguia se lembrar muito daquele período tão distante.

— Perdi um pouco da memória. Não consigo combinar muito bem as cores, e me esqueço de nomes...

— Mas você é inteligente — afirmou Tony. — Nem se nota. É sério.

— Mundo pequeno, não acham? — comentou Coltrain.

Tony assentiu.

— Cy Parks fazia parte de um segundo grupo de mercenários que trabalhava conosco. Em uma outra operação, ele matou o responsável pela explosão que custou a vida do pai de Sara e a feriu.

Sara estava boquiaberta.

— Eu nunca soube disso — disse ela.

—Nunca precisou saber — retrucou Tony. Ele olhou para Coltrain. — Quando poderá dizer se ela está grávida?

—Em algumas semanas. Provavelmente, três. Eu poderia fazer um exame de sangue agora, mas talvez desse um falso positivo. Você deveria dar um tiro no seu patrão — acrescentou ele.

—Estou tentado a fazê-lo. Mas agora é tarde. O que está feito está feito. Aconteça o que acontecer, eu cuido dela.

Sara não conseguiu mais conter as lágrimas. Tony a puxou para si e encostou o rosto dela em seu ombro, enquanto ela chorava.

—Já acabou — disse ele, confortando-a. — Tudo vai ficar bem. Coltrain colocou a mão no ombro de Tony.

—Vou receitar o antibiótico e alguns analgésicos. Cuide para que ela os tome corretamente.

— Pode deixar — retrucou Tony.

SARA estava se sentindo como uma rainha. Tony era maravilhoso. Ele arrumou a casa, e a deixou impecável, e preparou o jantar. Também ministrou seus comprimidos e lavou a roupa suja.

Depois, ligou para Dee e a colocou a par de tudo que estava acontecendo.

—Disse para ela que estava hospedado aqui? — perguntou Sara, naquela noite, quando ele lhe contou.

Tony a fitou severamente.

—Pelo menos Dee não tem a mente suja.

—Mas eu também não tenho — protestou Sara.

Ele ajeitou as cobertas.

— Quero lhe contar uma história — disse, ao se sentar na beirada da cama. Seus olhos escuros estavam sérios. — Eu tinha uma irmã três anos mais nova que eu. Morávamos em lares adotivos. Nosso pai era um alcoólatra, e nossa mãe há muito havia morrido. Éramos trocados de lar adotivo para lar adotivo. Em um deles, havia um garoto mais velho que achou minha irmã bonita. Apesar de meus avisos, ele era insistente, e minha irmã se sentiu lisonjeada por ele gostar dela. Ela tinha apenas 14 anos. — Tony inspirou fundo e olhou para o chão. — Para encurtar a história, ele a engravidou. Ela se sentiu tão envergonhada, tão apavorada, que não sabia o que fazer. O garoto descobriu e a ameaçou se ela não se livrasse da criança. Ele não ia pagar pensão só porque ela fora inocente demais para não usar anticoncepcional.

— Que desgraçado — murmurou Sara.

— Ela estava envergonhada demais para contar aos pais adotivos o que havia feito, e com muito medo do garoto para decidir ter a criança. Enquanto tudo isso acontecia, eu estava morando em outro lar adotivo, de modo que ela também não pôde me contar. Um dia, eles a encontraram boiando no rio.

— Ah, Tony. Eu sinto tanto.

— Ela era tudo que eu tinha. Sara segurou-lhe a mão e sorriu.

— Não. Agora eu sou a sua família. Você pode ser o meu irmão mais velho.

Os olhos dele se iluminaram.

— É sério?

Sara apertou-lhe a mão.

—Seremos uma família extremamente inadequada, se ainda considerar Jared parte dela.

Sara ficou séria.

—Ele se tornou um desconhecido quando Max me entregou aquele cheque.

Tony não acreditava que ela houvesse deixado de gostar de Jared. Estava apenas magoada. Ele sorriu, balançando a cabeça.

—Por mim, tudo bem. Então apertou-lhe a mão e a soltou.

—Você precisa descansar — disse, pondo-se de pé, o sorrindo para ela. — Garanto que vou ser uma família muito melhor que o meu ex-patrão.

A lembrança de como ela e Jared haviam se tornado íntimos a entristeceu. Gostava mais dele do que queria admitir. E a traição era quase insuportável.

—Não adianta ficar pensando nisso — disse Tony um firmeza. — Não vai mudar nada. Lidaremos com o que quer que venha a acontecer.

— Não vou tirar o bebê se o teste der positivo, bie sorriu.

— Jamais achei que fosse.

— Também não contaremos nada para Jared. Ele pode voltar para suas casas ao redor do mundo e se divertir com Max.

— Ninguém se diverte com Max. Ela só pensa em dinheiro.

— É muito triste. Quero dizer, seria bom ter dinheiro, mas sou feliz com a vida que tenho.

— Eu também, menina. Quando o dinheiro é tudo que se tem, ele toma-se péssima companhia.

Pensativa, Sara acariciou a barriga.

— Ele adorava a filhinha — disse, sem mais nem menos.

— Adorava mesmo — reconheceu Tony. — Mas descobriu isso tarde demais. Agora está sozinho com medo de se arriscar a ter outro filho. Ficaria vulnerável.

Ela se recostou nos travesseiros.

— Todo mundo é vulnerável. Não é possível escapar da vida.

— É — concordou Tony. — Eu sei.

SARA não esperava conseguir dormir, mas o fez. Era reconfortante ter Tony por perto. A presença dele e sua gravidez provavelmente gerariam muitos comentários. Mas ela poderia suportá-los. Seus amigos não lhe virariam as costas, e ela não ligava para a opinião dos inimigos. Não que tivesse inimigos. Exceto pelo rancheiro presunçoso que não sabia aceitar um não como resposta.

Tony trouxe o café-da-manhã e voltou para a cozinha. Logo antes do almoço, ele entrou no quarto trazendo o telefone sem fio.

— Quem você conhece em Nova York? — perguntou.

— Ninguém... Nova York? Passe o telefone! — repente, ela era pura empolgação. — Sara Dobbs disse, ao atender.

— Srta. Dobbs, sou Daniel Harris, editor da Mirabella Publishing Company. Queria lhe dizer que adorei sua história, e seus desenhos são lindos. Gostaríamos de publicar o seu livro!

Sara ficou sentada, vendo seu sonho se realizar, com lágrimas nos olhos. Ela esforçou-se para encontra voz. Na véspera, sentia-se como se seu mundo houvesse ruído. Hoje... Hoje era pura magia.

—Que bom — conseguiu por fim dizer, e ficou escutando enquanto ele descrevia os próximos passos do processo, incluindo um adiantamento que ela receberia logo.

Sara então desligou o telefone e o entregou a Tony.

—Eles compraram o meu livro. Compraram o meu livro infantil! Vão publicá-lo! E eu vou receber por Isso! Ele riu.

—Que bom!

—Não estou acreditando!

—Sobre o que é o livro?

Ela contou, entrando em detalhes sobre os filhotes e suas aventuras.

—Preciso ligar para Lisa e lhe contar. Ela vai ficar muito contente.

—Adoraria ver esse livro — disse Tony.

—Fiz uma cópia, caso o original se perdesse no correio — disse ela, apontando para a escrivaninha no canto do quarto.

Ele se sentou ao lado dela e folheou o livro, admirando-se com a beleza dos desenhos.

—Jamais havia conhecido alguém capaz de desenhar assim — murmurou. — Você é competente mesmo.

—Obrigada, Tony. Não imaginei que venderia o livro tão rápido. Ele a fitou.

— Sabe como é. A vida gosta de manter o equilíbrio. Quando algo de ruim acontece, logo aparece algo de bom.

— Meu avô costumava dizer o mesmo. — Ela se recostou nos travesseiros. — Minha mãe o odiava. Ele convenceu meu pai a ir para a África, o que sempre quis fazer, mas nunca teve oportunidade. Mamãe não queria ir. Achava a África perigosa demais, mas a insistência de meu avô e de meu pai fez com que mudasse de idéia. Ela culpou meu avô pelo que aconteceu. Fez de tudo para humilhá-lo, para que pagasse pela morte de meu pai. — Ela sacudiu a cabeça.

— Mas a única pessoa que realmente magoou foi ela mesma.

— E eu que pensei que a minha vida tivesse sido difícil.

— Todo mundo passa por situações difíceis na vida — retrucou ela sorrindo. — Mas, de algum modo, sobrevivemos e nos fortalecemos.

— É verdade.

ACABARA de terminar uma xícara de café quando a porta se abriu e Jared Cameron entrou. A barba estava por fazer. Os olhos vermelhos. Parecia irritado e estava sério.

— Por que não me telefonou? Por que Tony não me ligou? Foram atrás de você por minha causa!

Depois do que acontecera, ela não se sentia à vontade com Jared. Não conseguia fitá-lo.

— Achamos que não ia querer saber. Ele praguejou, furioso.

—O chefe de polícia disse que os seqüestradores seguiram Max até a sua loja. Eu não mandei Max procurá-la. Ela o encarou com tristeza.

—E devo supor que ela tenha falsificado a sua assinatura naquele cheque? Ele

ficou imóvel.

Saia pegou o envelope na gaveta da mesinha de cabeceira e o atirou ao pé da cama, onde ele estava postado.

—É melhor levar isso com você — disse. — Não aceito subornos.

Seu rosto corou quando ele pegou o envelope.

— Maldita Max! — disse, entre os dentes.

— E não vou abortar — acrescentou Sara, com veemência. — Não tem o direito de me forçar a colocar minha alma em risco!

—Eu não quero mais filhos!

—Então por que não se conteve? Jared ficou ainda mais ruborizado.

—Juro que não pretendia ir tão longe, embora essa explicação não fosse desculpa, a fazia se sentir um pouco melhor.

—Pensei que você fosse mais velha — acrescentou ele. — Dezenove anos. Meu Deus! Isso também ajudava um pouco. Ele colocou as mãos nos bolsos.¹ — Eu despedi Max.

— O que não me surpreende.

— Qual daqueles desgraçados a esfaqueou? — perguntou ele, subitamente.

— Nenhum deles. Eu me cortei. Foi a única coisa que me ocorreu. Estava sozinha e eles eram três, Achei que não iam querer uma refém moribunda.

— Você fez o quê?! —explodiu ele.

— Eu tinha um canivete. Cortei no lugar onde o Dr. Coltrain fez a operação. Sangrei muito, mas não atingi nenhum órgão vital. Foi tudo em que pude pensar.

Jared estremeceu.

— Se Max não tivesse decidido se intrometer, nunca teriam chegado a você. Tive vontade de esganá-la quando ela me contou o que havia feito.

— Suponho que ela não tenha lhe contado sobre o cheque.

— Não. Se tivesse contado, jamais advogaria novamente. Sou um inimigo terrível.

Sara sabia disso por experiência própria.

— Pensei que fosse apenas um rancheiro que havia enriquecido com o trabalho — disse ela, lentamente, estudando-o. — O artigo na revista diz que é dono de uma empresa de petróleo.

Ele franziu a testa.

— Que revista?

— A que Max me mostrou — contou ela. — Você estava na capa.

Ele inspirou fundo.

— Isso está ficando melhor a cada momento — ironizou.

Tony irrompeu no quarto, furioso.

— Como foi que entrou aqui?

— Pela porta da frente — gritou Jared. — Deveria ter me ligado!

— Por quê?

Jared olhou de Tony para Sara.

— Não está fazendo nada bem à sua reputação ter Tony aqui, dia e noite — disse.

— Esta vendo? Ele também tem a mente suja — disse Sara para Tony.

— Eu não — defendeu-se Jared. — Só não gosto de vê-la como alvo de comentários desagradáveis.

— Então não dê ouvidos a eles

Jared parecia reunir coragem para olhar para Sara. Todos os seus arrependimentos estavam estampados em seus olhos verdes. Ele encarou Tony.

— Será que poderia nos dar um minuto?

Se ele tivesse mandado, Tony não teria obedecido. Mas não havia como discutir com a polidez. Ele deu de ombros.

— Tudo bem. Se precisar, estarei na cozinha, Sara.

Sara assentiu.

Jared enfiou ainda mais as mãos nos bolsos e olhou para ela.

— Quando saberá ao certo? — perguntou.

— O Dr. Coltrain diz que é cedo demais para se ter certeza. Acho que só em duas ou três semanas.

— Maldito azar — praguejou ele entre os dentes.

— Pode praguejar o quanto quiser — disse Sara. Mas tudo isso é culpa sua. Os olhos dele estavam tristes e repletos de remorso. Ela era tão jovem.

— Sei disso, Sara. E isso só piora os fatos. Sara não sabia o que fazer. Era óbvio que ele queria que ela se livrasse do problema.

- Não se atormente — disse ele, após um minuto de silêncio. — Tudo que fez errado foi confiar em Há meses que não me envolvia com uma mulher. Perdi o controle. Peço que me desculpe, se é que isso significa alguma coisa.

Significava, um pouco. Mas era tarde demais para resolver a questão com um pedido de desculpas.

— Ninguém jamais havia chegado tão longe comigo — murmurou ela, sem fitá-lo. — Pensei que queria apenas me beijar.

— E queria. Só que os beijos levam a outras coisas. Imaginei que fosse mais experiente.

— Quem dera. Ele suspirou.

— Tudo bem. Lidaremos com a situação quando ela se apresentar. — Jared a fitou em silêncio por alguns instantes. — Jamais deveria ter deixado que me convencessem a vir aqui. Tony queria a proteção extra que alguns de seus antigos

companheiros poderiam oferecer. Não queria que você tivesse ficado no meio de toda essa confusão.

— Eu também não. — Sara olhou para os próprios, dedos. — Suponho que tenha sido difícil para voa morar em uma pequena cidade do interior, sem mulheres à sua altura com quem sair.

— Pare com isso — ordenou Jared. — Você não é uma mera substituta, Sara.

— Max disse que você amava as mulheres até as seduzir e, depois, simplesmente as descartava — contou ela, encarando-o.

Jared ficou encolerizado.

— Maldita Max.

— Como é podre de rico, suponho que possa comprar todas as mulheres que desejar — prosseguiu ela.

Eu não compro mulheres. Apenas não quero me casar novamente.

— Acho que, com Max distribuindo cheques para suas namoradas, não corre esse risco.

— Já disse que não mandei Max fazer isso! Foi idéia dela. Ela disse que cuidaria de tudo, e eu estava bêbado demais para me preocupar com o que ela faria.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Bêbado?

Ele parecia paralisado.

— Você me pediu para parar e eu não consegui. Como acha que me senti? Interpretei erroneamente uma situação e atirei ao vento a minha consciência. Depois, Max contou-me a sua idade. — Ele estremeceu. — Dezenove anos. Meu Deus!

— Não sou exatamente uma criança — protestou ela. — E já tive bastante experiência com violência.

— As pessoas batem em você na livraria com os livros, não é isso? — perguntou ele com sarcasmo e condescendência.

Ela o fitou nos olhos.

— Uma unidade paramilitar rebelde em Serra Leoa atirou uma granada na clínica onde meu pai estava trabalhando — retrucou ela, observando a expressão de surpresa no rosto de Jared. — Eu estava de pé ao lado dele, segurando uma vasilha de água. Tinha apenas 10 anos. Meu pai morreu. Eu sofri uma concussão tão grave que acabei tendo seqüelas neurológicas. E por isso que não consigo combinar meias e brinco — acrescentou. — Eu estava bem no caminho da granada. Fragmentos penetraram meu cérebro. Ainda tem um aqui dentro. Tiveram medo de retirá-lo.

O rosto dele estava absolutamente pálido.

— Por que estavam lá?

— Meu avô persuadiu meu pai a fazer um pouco de trabalho missionário. Papai fora médico no Exército e era um pregador leigo. Ele e meu avô forçaram minha mãe a ir. Eu também implorei para ir. Pensei que a África seria o lugar mais excitante do mundo. Na verdade, suponho que tenha sido mesmo excitante.

— O que houve com sua mãe?

— Ela bebeu até a morte, após fazer tudo que podia para humilhar meu avô e fazê-lo pagar pela morte de meu pai. Ela se tornou bem famosa por estas bandas. É justamente por isso que eu era inexperiente

— acrescentou com amargura. — Tinha medo de sair com rapazes da região por ela ter dormido com alguns deles. Todo mundo achava que eu era como ela. Todos, exceto meu vovô.

Jared estremeceu.

— Não me contou nada disso — acusou Jared.

— Éramos amigos — retrucou ela solenemente.

— Apenas amigos. Eu sabia que você não ia querer alguém como eu para sempre. Nada tenho a ver com Max e as mulheres que costumam assediá-lo. Não ligo para dinheiro, não gosto de diamantes, jamais me encaixaria na alta sociedade e sofri danos neurológicos. Jamais pensei em me envolver com você fisicamente, porque sabia, lógico, que não teríamos um futuro juntos — acrescentou com frieza.

Já se sentira mal antes. Mas, naquele momento, Jared sentia-se nauseado. Em algum ponto de sua escalada para ficar rico, perdera o rumo. Tinha tudo que sempre desejara, mas ninguém com quem compartilhar. Estava sozinho. Sempre estaria, embora cercado de mulheres que gostavam de jóias caras e viagens luxuosas. E de guarda-costas contratados para protegê-lo de pessoas que queriam tanto seu dinheiro que estavam dispostas a arriscar qualquer coisa para consegui-lo.

— Vai arruinar a sua reputação deixar Tony morando aqui com você — comentou ele.

— Que reputação? — murmurou Sara. — Graças a você, sou uma mulher marcada. Se, de fato, ficar grávida, não serei capaz de esconder. Todos vão saber o que fiz. Você estará em Las Vegas, jogando, ou navegando pelas águas do Mediterrâneo. Pelo menos Tony se importa comigo.

- Há coisas a respeito de Tony que você desconhece.

—Eu sei, e há coisas a respeito de Tony que você também desconhece — retrucou ela. — Foi Tony que me levou para o hospital a tempo de salvarem a minha vida na África. Não me lembro dele, é claro. Boa parte de minha infância ficou perdida com o tecido cerebral danificado.

O rosto dele estava quase petrificado. Nada dera certo para ele após a morte da filha. Ele destruíra a inocência daquela jovem na cama. Desgraçara e envergonhara a si mesmo. Não sabia o que fazer. Mas sabia que tinha de fazer algo. Não podia simplesmente deixar Sara enfrentar tudo sozinha, mesmo que Tony estivesse ao lado dela. Toda esta tristeza poderia ter sido evitada se ao menos Tony houvesse lhe contado o que sabia a respeito de Sara. Precisaria ter uma conversa muito séria com o ex-guarda-costas.

De repente, Tony entrou no quarto, trazendo o telefone sem fio.

— Desculpe, Sara, mas é o sujeito de Nova York de novo — disse entregando o aparelho a ela.

Jared franziu a testa.

— E quem afinal você conhece em Nova York? — exigiu saber.

CAPÍTULO 10

As próprias palavras chocaram Jared. Por mais que não quisesse admitir, estava com ciúmes. Preferindo ignorá-lo, Sara atendeu à ligação.

—Alô. Jared a fitou, com raiva.

—Srta. Dobbs? Aqui é Daniel Harris, da Mirabella Publishing Company.

—Sim, Sr. Harris?

—Queria perguntar se poderia nos fazer uma ilustração colorida de apenas um dos filhotes para usarmos na campanha publicitária. Também vamos precisar de ultimas idéias para o título. O contrato deve chegar até o final da semana. Você não tem um agente?

—Não, não tenho — disse ela preocupada. — Preciso o ter?

—Claro que não. Pode pedir para um advogado examinar o contrato para você se tiver alguma dúvida. Estamos lhe enviando o contrato de direitos autorais padrão, com um adiantamento, e, em seguida, você receberá uma porcentagem dos direitos autorais quando o livro estiver nas lojas. Também gostaríamos que fizesse algumas aparições publicitárias, sessão de autógrafos e coisas do gênero, mas só depois que o livro for publicado. Nossa previsão inicial é para a próxima primavera. Parece bom?

—Parece ótimo — respondeu ela, sorrindo com alegria — Sr. Harris, não sei como agradecê-lo.

— É um bom livro — retrucou ele. — Estamos orgulhosos de publicá-lo. Se está de acordo com os termos, enviaremos o contrato. Se puder nos mandar a ilustração até o final da semana que vem, seria ótimo.

— Sem problemas — disse ela, sem mencionar o seu estado de saúde.

Ela deu o endereço ao editor, esforçando-se para não se deixar intimidar pelo mau humor de Jared.

— Manteremos contato.

— Mais uma vez, obrigada — respondeu ela, e desligou.

— Quem é Daniel Harris? — quis saber Jared. Ela ergueu as sobrancelhas.

— E isso é da sua conta?

Ele ficou ainda mais zangado.

— Está morando com um ex-mercenário e dando o seu endereço para desconhecidos em Nova York.

— Nossa, estou me tornando uma verdadeira mulher fatal, não é?

Jared cerrou os dentes.

— Quem é ele?

Ela o encarou, mas ele não se deixou intimidar.

— Tudo bem. Ele é um editor. Eu vendi o meu livro infantil para ele.

— Livro?

— O livro no qual eu estava trabalhando? Com os filhotes de Lisa Parks?

— Ah.

— Ele está mandando o contrato para eu assinar.

— Posso pedir que um advogado dê uma olhada nele para você — ofereceu Jared.

— Max não vai sequer chegar perto de meu livro — protestou ela. — E nem dos meus contratos! A expressão do rosto de Jared suavizou-se.

— Você está com ciúme, ela corou.

— Você também! Ele hesitou por um instante e, por fim, disse:

— Estou.

Essa confirmação desarmou-a por completo. Sara o fitou boquiaberta.

— Você pode estar grávida de um filho meu — disse, após um instante. — Sou possessivo.

— Se houver um filho, ele é meu — gritou ela. — Você não vai se apossar de minha vida.

— Vou administrá-la melhor do que você.

— Lembra-se de mim? A selvagem inculta do Extremo da Roça? Imagine me exibir em suas festas! Pense em como será constrangedor quando eu conversar com os seus amigos.

— Não tenho amigos — disse ele, com frieza.

— Por que não?

Ele deu de ombros.

— Nunca sei se gostam de mim ou de meu dinheiro.

— Felizmente não tenho esse problema. Ser pobre tem lá suas vantagens. — Ela se interrompeu por um minuto. — Mas suponho que, se o livro vender bem, não vou mais ser tão pobre assim.

— Se tiver uma boa campanha publicitária, vai vender.

Ela olhou para ele.

— Nem pense nisso. Posso cuidar de minha própria publicidade.

— Há uma empresa de publicidade trabalhando para mim.

— Eu não faço parte da sua companhia.

— Pensei que formássemos uma família.

— Tony e eu somos uma família. Você foi excluído por unanimidade dos votos.

Ele aproximou-se da cama.

— Você me deixaria sozinho no mundo, sem ninguém?

— Você tem Max.

— Eu demiti Max.

— Tenho certeza que ela não será difícil de substituir. E tenho certeza também que não faltam mulheres bonitas dispostas a tomar o lugar dela de outra maneira — disse ela sugestivamente.

Ele desviou o olhar.

— Sou um homem — disse, bruscamente. — Homens têm necessidades.

— É, eu notei.

— Já disse que não tive a intenção de que aquilo acontecesse..

Ela corou.

— Ótimo! Se tivermos um filho, podemos lhe contar que ele foi um acidente.

— Não ouse! — explodiu ele.

Ela se sentiu constrangida diante do seu comentário impensado. Jared era capaz de tirá-la do sério.

— Gosto de bebês — disse ela, levando a mão à barriga. — Mas é amedrontador pensar em ter um. São tão pequeninhos...

— Quando Ellen nasceu, eles a puseram em meus braços — recordou-se Jared. — Jamais tinha visto algo tão pequenino, tão perfeito. — Um sorriso triste desenhou-se em seus lábios. — Eu contei os seus dedinhos, beijei-lhe o narizinho, os pés. Nunca amei ninguém daquela maneira...

Virando-se, Jared caminhou até a janela. Precisou de um minuto para controlar suas emoções.

Sara sentiu-se culpada. Ele amara a filha. Tinha receio de ter outra criança, de perdê-la. Estava se fechando para se proteger.

— Lisa e Cy perderam o primeiro filho — disse ela. — Ele nasceu com várias deformações raras. Os médicos não conseguiram salvá-lo. Eles sofreram por anos. Tinham receio de tentar novamente. Mas quando ela engravidou de novo, tudo correu bem. Ela e Cy são apaixonados pelo menino e já estão falando em ter outros. Não dá para se esconder da vida. Eu sei. Eu tentei. Tenho pesadelos sobre a morte de meu pai. Fiquei consciente por apenas alguns segundos após a explosão. Ele foi destruído...

Sara se interrompeu. A lembrança era terrível demais.

Jared voltou para o lado da cama.

—Gostaria que tivesse falado sobre isso comigo —disse ele. — Sua vida não foi fácil. —A sua também não — retrucou ela.

Ele inspirou fundo.

—Perdi a coragem — disse, após um minuto. — Acho que não seria capaz de superar a perda de outra criança.

Lisa e Cy pensavam da mesma forma, mas isso não os impediu de tentar novamente. A vida não tem garantias. Às vezes é necessário ter fé.

— Fé? — zombou ele. — Eu odiei Deus.

— Ele não odeia você. Ele não pune as pessoas. Temos o livre arbítrio. Deus não controla cada segundo de nossas vidas. Coisas ruins acontecem. A vida é assim mesmo. Mas a fé nos ajuda a superar os obstáculos. Especialmente em cidades pequenas.

— Você tem apenas 19 anos. Como é que pode ser tão sábia?

— Tive uma infância difícil — respondeu ela, com simplicidade. — Eu tinha uma melhor amiga na missão na África. Eu a vi morrer de febre. Todos os medicamentos que tínhamos eram incapazes de curá-la. Um de nossos melhores trabalhadores, um jovem chamado Ahmed, foi fuzilado a menos de um metro da porta da frente de sua casa por rebeldes. Ele morreu sorrindo. Disse que estava indo para o céu, e que não deveríamos chorar por ele. — Ela sacudiu a cabeça. — Em Jacobsville, podemos andar nas ruas de noite sem levarmos um tiro. Acho esse fato miraculoso. As pessoas aqui não dão o devido-valor a isso.

Jared sentou-se ao lado dela na cama.

— Nos arredores dos oleodutos na América do Sul, havia pessoas morando em condições inimagináveis. Mulheres já eram velhas aos 40 anos, homens não tinham dentes, olhos ou dedos, crianças morriam de doenças há muito erradicado por aqui. Eu me sentia culpado de lucrar com o petróleo, quando tudo aquilo estava acontecendo ao meu redor. Montei uma fundação para oferecer auxílio monetário a pessoas que estavam tentando começar seu próprio negócio. Ficaria surpresa de ver como aquele dinheiro foi bem empregado.

—E ainda assim mandaram seqüestradores atrás de você. Ele assentiu.

O governo estatizou todas as petrolíferas. Eu retirei todo o meu pessoal. Já frustrara uma tentativa de seqüestro quando fui até lá com os meus advogados discutir uma solução para a situação. Sabe o que é um narco-terrorista, Sara?

— Sei. Já li a respeito. Eles plantam coca e a processam em fábricas locais, depois vendem a pasta de toca para os traficantes que a exportam para os EUA e outros lugares. Costumam ter os políticos no bolso.

— E sempre precisam de dinheiro para subornos e armas — completou Jared. — Descobriram que seqüestrar estrangeiros ricos é um modo rápido e fácil de arranjar dinheiro. Foi uma ação ousada mandar alguém até aqui atrás de mim, mas, recentemente, uma batida policial lhes custou milhões de dólares de seu fundo operacional. Acharam que eu seria um alvo fácil. Estavam enganados.

— Tony disse que foi por isso que veio para cá. Muitos dos antigos colegas dele moram em Jacobsville.

Ele assentiu.

— Mas não adiantou muito. Eles me localizaram. Poderiam até ter sido bem-sucedidos se você não tivesse sido tão esperta. — Ele sacudiu a cabeça, sorrindo para ela. — Você foi muito corajosa, Sara.

Ela se sentiu reconfortada no íntimo. Não deveria. Ele lhe dissera coisas terríveis. Além do mais, havia a possibilidade de estar esperando um filho. Ela o fitou, séria.

— Então, com os seqüestradores presos, acabaram-se os seus problemas, certo?

Seus lábios se estreitaram.

— Na verdade, eles não seqüestraram ninguém

— disse. — Cash Grier os está mantendo presos sob a acusação de porte ilegal de armas.

Ela sentiu o coração palpitar.

— Porte ilegal...?

— Eles tinham uma AK-47 não registrada no furgão. Mas eles não entraram com ela na loja e nem encostaram um dedo sequer em você. — Ele suspirou.

— Logo, há uma boa chance de saírem sob fiança assim que o caríssimo advogado americano deles conseguir uma audiência.

— O juiz pode estipular uma fiança muito alta. Jared sorriu, com cinismo.

— Traficantes têm tanto dinheiro que, para eles, um milhão de dólares não passa de alguns trocados.

— Mas se saírem, vão tentar de novo? A expressão dele mudou.

— Está preocupada comigo?

— Mesmo que não seja mais parte da minha família, me preocupo — respondeu ela, atrevida. Ele riu.

— O que vai fazer? — perguntou ela, pois estava realmente preocupada.

— Não sei — respondeu ele. — Acho que vou conversar com o chefe de polícia. — Ele franziu a testa.

— É um sujeito estranho — comentou ele. — Soube que foi um Ranger.

— Entre outras coisas — disse Sara.

— A história de ele ser franco atirador? Deve ser mentira.

— Não, não é. A filha de uma agente do DEA, a agência responsável pelo combate às drogas, foi seqüestrada pelo ex-chefe de um dos cartéis mexicanos no ano passado. Ameaçaram matá-la se os federais não aliviassem a pressão. Cash Grier eliminou dois dos seqüestradores e os agentes do DEA pegaram o resto e libertaram a menina. Os tiros foram disparados no escuro, de uma distância de mais de seiscentos metros. — Ela abaixou a voz. — Dizem que ele já foi assassino da CIA.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— E agora é chefe de polícia de uma cidade pequena?

— Ele é feliz aqui. Sua mulher, Tippy, já foi modelo, e eles têm uma menininha chamada Tris. — Ela sorriu com arrogância. — Como pode ver, nem todo inundo detesta morar no Extremo da Roça.

— *Touché* — retrucou Jared.

Talvez ele tenha amigos que possam prender esses sujeitos sob alguma terrível acusação federal murmurou ela. — Nunca soubemos quem eram os isentos do DEA — acrescentou. — Um deles trabalha disfarçado, de modo que jamais foi identificado. O marido da outra agente, a mãe da menina, comprou uma propriedade aqui, mas estão morando em Houston até o final do ano letivo. Não quiseram mudar a filha de colégio no meio do ano.

— Você sabe tudo a respeito de todo mundo por aqui? — indagou ele, com

curiosidade.

— Claro — respondeu Sara. — Todo mundo sabe. Tony entrou no quarto trazendo uma bandeja com sopa e alguns sanduíches.

— Ela precisa comer. Jared levantou-se.

— Eu já estava de saída. — Ele sorriu para Sara. — Seja uma boa menina e coma tudo.

Ela corou.

— Não sou criança. Ele suspirou.

— Comparada a mim, é.

— Minha mãe tinha 19 anos quando eu nasci — disse, abruptamente, Tony.

Jared o fitou com curiosidade. Tony deu de ombros.

— Não é a idade, é a experiência — explicou ele, fitando Jared nos olhos. — Ela tem quase tanta quanto você. Só parece mais nova.

— Suponho que tenha razão.

— Tente não morrer — disse Sara para Jared. — Não estou em condições de ir a um enterro.

— Farei o possível. Tony olhou para ele.

— Eles vão tentar de novo — disse. — No instante em que saírem sob fiança, tentarão outra vez.

— É, eu sei — respondeu Jared. — Mas acho que tive uma idéia.

— Qual?

Jared olhou desconfiado para ele.

— Pois sim. Eu conto para você, você conta para ela, e ela conta para todo mundo em Jacobsville.

— Só faço mexericos a respeito daqueles de quem gosto — protestou Sara.

— Está certo. Volto amanhã para ver como está.

— Estarei bem.

Ele a fitou com uma expressão inescrutável.

— Voltarei de qualquer forma. Jared foi embora sem dizer mais nada.

Ao deixar a casa de Sara, Jared foi ao escritório de Cash Grier.

Cash estava desligando o telefone, quando Jared entrou e fechou a porta.

— Ainda não os liberei — informou Cash, antecipando o assunto que o trouxera ali.

— Desaparecerão no instante em que saírem sob fiança — avisou Jared, e sentou-se sem ser convidado.

— Representarão uma ameaça tão grande para Sara quanto para mim. Temos de achar um meio de provar que são seqüestradores.

Cash ergueu as sobrancelhas escuras.

— Podíamos escondê-lo no furgão sob algumas cobertas e detê-los novamente nos arredores da cidade.

Jared riu.

— Pois é justamente o que eu tinha em mente.

— Receio que seria considerado uma cilada. O juiz jamais aceitaria. Precisamos achar um modo legal para mantê-los trancafiados.

— E se prendermos Tony, o Dançarino, por invasão de domicílio?

Cash piscou os olhos.

— Estamos falando da mesma coisa?

— Você poderia colocá-lo na mesma cela que os seqüestradores — continuou ele. — Tony poderia se oferecer para ajudá-los a se vingar de mim.

Cash assoviou.

— E eu pensei que eu era o homem mais perigoso da cidade.

— Não herdei o que tenho — disse Jared. — Minha primeira empresa era do ramo de segurança. Eu e meus homens éramos contratados por petrolíferas para protegê-las contra ataques terroristas. Resolvi vender a empresa de segurança e usei o que aprendi para entrar e crescer no ramo do petróleo.

— Então foi assim que conheceu o Dançarino. Jared assentiu.

— Ele foi um dos primeiros homens a trabalhair para mim.

— E suponho que saiba sobre o passado dele. Jared riu.

— Verifico todo mundo que trabalha para mim. Seu dossiê foi, no mínimo, impressionante.

— Ele tem sorte de não ser procurado nos Estados Unidos. O único que conheço marcado para morrer em mais países do que Tony é um agente do DEA que trabalha disfarçado, chamado Ramirez.

— Eu o conheço — disse Jared, inesperadamente. — Ele também já trabalhou para mim.

— Já trabalhou para muita gente. Ele está envolvido em um caso, agora, de modo que, se o vir, finja que não o conhece.

— Não é arriscado para ele estar trabalhando disfarçado de novo?

— Não no Texas; Ele ajudou a derrubar o falecido chefe do tráfico, Manuel Lopez. Mas, ao contrário de alguns de nós que servimos como mercenários, ele não é conhecido na região. O nome dele jamais foi mencionado quando a filha da parceira foi seqüestrada no ano passado.

—Soube que cuidou de alguns dos seqüestradores.

Cash assentiu. Ele inclinou-se para frente. Quem fala com Tony, eu ou você? Acho melhor que seja você. Acho que, no momento, ele está mais propenso a cortar a minha garganta por causa de Sara.

— Você não colocou Sara no hospital — disse Cash, sem entender direito.

— Não, mas posso tê-lo engravidado — explicou ele, constrangido.

O bom humor de Cash desapareceu. Seus olhos escuros faiscaram.

— Todos nós cometemos erros absurdos — disse Jared. — Acho que jamais conheci alguém tão inocente. Atualmente, tratando-se de sexo, as mulheres se tornaram tão agressivas quanto os homens.

— Nem todas — disse Cash com frieza. — E Sara tem apenas 19 anos.

— Só descobri isso quando já era tarde demais. Ela parece mais velha.

— Considerando-se o seu passado, não é surpresa. Jared assentiu.

— Também não sabia a respeito. — Seus olhos filaram o infinito. — Minha filha morreu oito meses atrás. O sofrimento foi tanto que era um esforço sair da cama pela manhã. Não sei como, mas Sara me devolveu o sol. Jamais tive a intenção de machucá-la.

— Sinto muito — disse Cash. — Sei o que é perder um filho.

Jared o fitou. Subitamente, aqueles dois homens tinham algo em comum. A dor da perda.

— Tony parece gostar muito de Sara. O rosto de Jared ficou sério.

— Cuidarei disso quando chegar a hora. Se ela estiver grávida, o filho é meu. Ele não o criará.

As sobrancelhas de Cash arquearam-se. Jared pigarreou.

— De qualquer maneira, ele não vai conseguir se estabelecer por aqui.

— Acho que você precisa conhecer alguns dos moradores da cidade — disse Cash. — A começar por Eb Scott.

— Eb Scott mora aqui?

— Mora. Ele tem um centro de treinamento de primeira para agentes do governo — disse. — Vários ex-mercenários trabalham para ele.

— Jamais pensei que Scott fosse se fixar em algum lugar.

— Muitos pensavam o mesmo a meu respeito — retrucou Cash, sorrindo. — Acho que depende do que é importante para você. Para mim, costumava ser o trabalho. Agora são Tippy e nossa filha.

— O trabalho ainda domina a maior parte de minha vida, mas, recentemente, venho me perguntando se minhas prioridades não estão invertidas. — Ele fitou as próprias botas. — Não há muitas mulheres como Sara por aí. É bem verdade que ela é muito mais nova do que eu.

— Judd Dunn, meu auxiliar, é casado com uma mulher 11 anos mais nova. Eles têm um casal de gêmeos e estão muito felizes. Depende muito da mulher. Algumas amadurecem mais rápido do que outras.

— Acho que sim.

Cash levantou-se.

— Vou ter uma conversa com Tony.

— Então vou até a floricultura e dar início à minha campanha.

— Campanha?

— Tony não vai se casar com Sara — afirmou Jared, bruscamente.

— Essa decisão é dela.

— Pode ser, mas eu posso comprar mais rosas e chocolates do que ele. Então, vamos ver se ele consegue competir.

Cash sabia quando era chegada a hora de ficar calado.

SARA ficou curiosa ao ver Cash Grier à sua porta, devia ser algo relacionado aos seus quase seqüestradores, pensou.

— Está se sentindo melhor, Sara, perguntou, sorrindo.

— Estou, obrigada. O que o traz aqui?

— Tenho de falar com Tony. Você não se importaria de ficar com outra pessoa por alguns dias, não é?

— Por quê?

— Vou ter que prender Tony por invasão de domicílio — explicou ele. — E não quero que fique sozinha.

— *Prender...?*

— Calma. Não é para valer.

— O que não é para valer? — perguntou Tony ao entrar, trazendo duas canecas de café. — Podemos conversar na sala de estar — disse ele para Cash. — Sara, será que ficará bem, sozinha por alguns minutos?

Ela não conseguiu juntar sequer duas palavras.

Tony e Cash se retiraram, deixando-a em silêncio e preocupada.

— MAS eu não roubei nada — protestou Tony. — Eu tinha de alimentar o gato!

— Não é de verdade, Tony — insistiu Cash. — Queremos colocá-lo junto com os seqüestradores. Jared vai prestar queixa contra você. Você estará furioso com ele, e em busca de vingança. Estou certo que eles adorarão ajudar.

— Você está começando a me assustar. Andou bebendo?

Cash riu.

— Hoje, não. — Ele inclinou-se para frente. — O negócio é o seguinte, preciso soltar os sujeitos. Tudo que tenho contra eles é uma acusação de porte ilegal de armas. Jamais convencerei um juiz a estipular uma fiança de um milhão de dólares por uma acusação dessas. Eles vão sumir no instante em que deixarem a delegacia. Se o fizerem, poderão tentar pegar Sara novamente, ou ir atrás de Jared. De qualquer forma, coisa boa não vai ser.

Tony balançou a cabeça.

— Entendi. Quer que eu os leve a uma armadilha para que possa acusá-los de seqüestro.

— Exatamente.

Os olhos de Tony estreitaram-se.

— Isso foi idéia de Jared.

— Foi — confessou Cash. — Ele está preocupado com Sara.

— Não o suficiente para não se dar ao trabalho de seduzi-la.

— Eu soube disso. Ele lamenta muito tê-lo feito. Mas se planeja ajudá-la a criar o bebê, se é que há um bebê, vai ter uma briga difícil pela frente. Ele é muito possessivo com relação a ela.

Tony fez uma careta de desprezo.

— Ele teve mais mulheres do que um cachorro tem pulgas.

— Como um homem que tem medo de ter o coração partido novamente. Ele me contou sobre a filha.

— É, isso não foi fácil. Ela era um doce de menina. Ele não passava muito tempo com ela, mas a amava de verdade. Ela também era muito apegada a ele. Foi uma verdadeira tragédia.

— Então vamos tratar de evitar outra — disse Cash. — Ajude-me a tirar esses sujeitos das ruas antes que façam alguma tolice. Sara pode não ter tanta sorte uma segunda vez. Depois de ela ter frustrado os planos deles, não hesitarão em matá-la.

— Eu sei.

— É só por alguns dias. Mas vamos precisar de alguém para ficar com Sara. Pensei em Harley Fowler...

— Pois eu pensei que talvez Jared estivesse disposto a fazer o sacrifício.

— De ficar com Sara? Tony assentiu.

— Talvez seja o que os dois precisam para colocar em ordem suas prioridades. E você podia colocar uns policiais vigiando a casa, em caso de alguma eventualidade.

Cash sorriu.

— Gosto do modo como pensa. Tony riu.

SE tomar a decisão foi fácil, contar para Sara não foi tão simples.

— Mas você não pode colocar Tony na cadeia! — gritou ela. — Pensei que fosse meu amigo!

Cash fez uma expressão de dúvida. Tony estava algemado ao seu lado.

— Não é o que está pensando, Sara — explicou o guarda-costas.

— Isso é coisa de Jared Cameron, não é? — exigiu saber, e Tony também ficou confuso.

Ela estava quase chorando, quando a porta da frente se abriu e Jared entrou, trazendo uma mala. Ao vê-lo Sara pegou um vaso sobre a mesinha-de-cabeceira e arremessou contra ele. O vaso estilhaçou-se próximo ao ombro de Jared.

— Saia de minha casa! — gritou ela. Cash olhou para Tony.

— Tem certeza que pedir para ele ficar aqui foi uma boa ideia? — perguntou.

CAPÍTULO 11

JARED foi capaz de demonstrar alguma indignação.

— Isso é jeito de tratar o pai do seu filho?

— Eu não vou ter filho nenhum! — gritou ela, com o rosto ruborizado.

— Como é que sabe? Ainda é cedo para um teste <le gravidez.

— Nisso ele tem razão — observou Cash.

— Não devia se exaltar tanto, Sara, não faz bem para você — disse Tony, preocupado.

— Ele está certo — disse Jared. — Vou tomar conta de você enquanto Tony estiver fora.

— Quem ouve você falar acha que ele está saindo de férias — murmurou Sara. — Ele vai para a cadeia!

— Eu sei.

Ela franziu a testa.

- Sabe?

Ela alternou o olhar entre ele, Tony e Cash Grier. Nau era ingênua. Ah.

- E o único jeito — garantiu Tony. — Caso contrário, você jamais estará fora de perigo. Antes que se dê conta, vou estar de volta. — Ele deteve-se ao lado de Jared. — Tome cuidado você também. Pode haver mais do que apenas três.

- Eu sei. — E sorriu. — Não se esqueça de quem lhe ensinou técnicas de vigilância.

Tony riu.

— Como se eu pudesse esquecer. Até mais, Sara.

— Até, Tony.

Cash acenou com a cabeça e acompanhou Tony para fora da casa.

COM as mãos nos bolsos, Jared ficou olhando-os ir embora.

— O que quis dizer com técnicas de vigilância?— indagou Sara.

Ele se virou.

— Meu primeiro negócio foi uma empresa de segurança particular. Tony e eu trabalhamos juntos.

Ela o fitou em silêncio.

— E o que fazia antes disso?

— Era policial em San Antônio. Ela ficou boquiaberta.

— E agora é dono de uma empresa?

— Tive muita ajuda ao longo do caminho. Principalmente por parte de Tony. Até você aparecer, sempre fomos bons amigos.

— Sabe muito bem por que isso foi acontecer.

— E, eu sei. — Ele acidentalmente pisou em um caco de cerâmica. — Onde tem uma vassoura?

— No armário da cozinha. Jared saiu e voltou trazendo uma vassoura e uma pá, e varreu o chão com naturalidade, como se houvesse passado a vida inteira fazendo aquilo.

— Esteve nas Forças Armadas antes de se tornar policial? — perguntou Sara.

— No Exército — respondeu ele. — Forças Especiais. Tony também. — Ele despejou o conteúdo da pá em uma lata de lixo e apoiou a vassoura e a pá na parede. — Ele foi meu padrinho de casamento.

Ele jamais se abrira daquela maneira. Sara estava fascinada.

— Você amava a sua esposa?

— Quando me casei, amava. Nós viemos de famílias rancheiras. Nos conhecíamos desde criança. Éramos amigos. Acharmos que a amizade seria o suficiente. Não foi.

— Por que ela o deixou?

— Encontrou alguém que amava — disse ele com simplicidade. — E levou nossa filha, Ellen. Era uma mãe excelente. Ellen era muito feliz com ela. Apesar de eu não estar muito em casa, Ellen era sempre bem-vinda a ficar comigo em Oklahoma, onde é a sede da empresa — acrescentou.

— Mas comprou um rancho aqui — comentou ela, intrigada.

— No cemitério, eu disse que queria mudar de ares. li falava sério. Estava sofrendo com a morte de Ellen e o suicídio de Marian. Achei que a mudança me ajudaria a sair da depressão.

— Não importa onde se está. A dor e a lembrança estão sempre com a gente.

Ele a fitou e sorriu.

— Você realmente é madura demais para a sua idade.

— E estou amadurecendo mais a cada dia.

Ele sentou-se ao lado dela na cama. Sem aviso, colocou uma das mãos sobre a barriga de Sara.

— Sei que fiz o maior escândalo quando soube, mas talvez o fato de você estar grávida não seja algo mim. Desta vez, serei um pai melhor.

— Pode vir nos visitar quando quiser. Ele franziu a testa.

— Meu filho não vai nascer ilegítimo.

— Ele não vai ter muita escolha, porque não pretendo me casar com você.

— E por que não?

Ela corou, e desviou o olhar.

— Porque jamais quero ter que fazer aquilo de novo.

Ele empalideceu.

— Sara, foi a sua primeira vez, e eu me apressei um pouco — disse. — Eu a machuquei porque não soube me conter. — Com o polegar, ele inclinou para cima o

rosto constrangido dela, fitando-o. — Jamais a machucarei novamente — prometo. — E garanto que da próxima vez vai ser melhor.

Ela fez uma careta.

Ela era tão jovem, Jared pensou com tristeza. Jamais deveria ter tocado nela. Mas Sara o fizera se sentir jovem, vivo e cheio de energia. Ela era fascinante.

Subitamente, Jared se viu tomado de inspiração.

— Você poderia ter a sua própria livraria — disse ele.

Ela arregalou os olhos.

— Minha própria...?

— Podíamos até criar um centro de atividades infantis nela. O bebê poderia brincar enquanto você trabalhasse. E se aparecessem clientes com crianças, elas poderiam brincar também, deixando os pais livres para escolher os livros. Poderia até ter uma lanchonete sofisticada.

— É mesmo?

Ele sorriu diante do entusiasmo dela.

— Eu poderia delegar mais e viajar menos. Poderíamos ter mais de um filho.

Subitamente, ela o encarou.

— Tem certeza de que despediu Max? — perguntou. — Tony diz que você a está sempre despedindo, mas ela sempre volta.

— Desta vez é permanente — garantiu ele. Jared suspirou. — Chega também dessa vida de playboy. Pensei que namorar um pouco poderia ser a solução para a solidão, mas estava errado.

Ele parecia sincero.

Jared voltou a acariciar a barriga de Sara, olhando para ela.

— Você conhece o seu corpo melhor do que ninguém. No seu íntimo, o que acha?

— N-não sei. Ainda é cedo demais. Ele sorriu.

— Não importa. Se não estiver grávida, passaremos algum tempo nos conhecendo melhor, antes de começarmos uma família. Teremos tempo suficiente.

Ele franziu a testa. — E Tony vai ter que arrumar uma nova fonte de entretenimento, além de cuidar de você e cozinhar.

Ela franziu a testa.

— Tony vai ficar bem, não vai? São três homens. São grandes e fortes, e os homens de Cash não podem vigiá-los o tempo todo enquanto estiverem sob custódia.

Jared sorriu.

— Já vi Tony encarar seis e sair sem um arranhão. l'oi a única coisa na qual conseguimos pensar. Não podemos permitir que saiam sob fiança e que venham atrás de você.

Sara ficou pensativa.

— A vida era tão simples antes de você aparecer...

— Você é jovem demais para gostar de monotonia.

— Ele a cobriu, curvou-se e beijou-lhe a testa. — Tente dormir um pouco. Tenho de dar alguns telefonemas. Mais tarde conversaremos mais um pouco sobre o futuro.

TONY resmungava furiosamente ao ser jogado na cela de detenção, usando um macacão laranja.

— Eu não peguei nada! — gritou para o guarda que o acompanhara. — Estava apenas alimentando o gato.

— Diga isso para o juiz.

— Pode apostar que vou! Ele só me quer fora do caminho para poder conquistar a minha namorada. Pode dizer para Jared Cameron que, quando eu sair daqui, vou atropelá-lo com um caminhão.

Um dos homens olhou de modo estranho para Tony, que o fitou com beligerância.

— Algum problema? — quis saber.

O homem era da idade dele, alto e musculoso, e usava bigode e tinha tatuagens cobrindo ambos os braços.

— Eu diria que é você quem está com um — disse o homem, com um sotaque estrangeiro carregado.

— Alguém o prendeu por nada, não é? Tony sentou-se.

— Mais ou menos isso. O homem sentou-se ao seu lado.

— Jared Cameron? Acho que já ouvi falar dele.

— Muita gente já ouviu falar dele — murmurou Tony.

— Por que você está aqui?

— Porte ilegal de armas — disse o outro homem. Mas assim que tivermos nossa audiência, eu e meus amigos sairemos sob fiança.

— Sorte sua — disse Tony. — Fui preso por invasão de domicílio.

— Não é o mais grave dos delitos. Tony o encarou

— Quando se está sob condicional, é bem grave.

— Ah, entendo. É uma pena.

— É uma pena. — Seus olhos se estreitaram. Ele mostrou-se furioso. — É melhor Jared Cameron torcer para eu pegar a pena de morte, porque, no dia que eu sair daqui, ele é um homem morto. Conheço a rotina dele, a planta da casa, tudo!

— Como?

— Estava trabalhando para ele como guarda-costas — disse Tony, com desdém. — Só que ele ficou interessado na minha garota e, agora, me quer fora do caminho.

O homem olhou para o chão.

— Sabe — disse, casualmente —, sei de uma maneira de você se vingar de Cameron e ao mesmo tempo ganhar muito dinheiro.

— Como?

— Conheço algumas pessoas que pagariam uma quantia alta por ele.

— Ele não é fácil — alertou Tony.

— Talvez, mas agora está sem guarda-costas — insistiu o homem. — Essa é a hora de pegá-lo. Antes que contrate outro.

Tony fitou o homem!

— Sabe que tem razão? O homem se levantou.

— Vou falar com meus colegas. Mas se estiver interessado, acho que posso colocá-lo no plano.

— Cameron não me deixou em condições de pagar um advogado. Na verdade, foi ele quem disse para a polícia que eu havia invadido a casa. Desgraçado!

O outro homem abriu um sorriso.

— Quer se vingar, não quer?

— Quero.

— Então, voltaremos a conversar mais tarde. Tony deu de ombros.

— Não vou a lugar nenhum.

NAQUELA noite, Tony foi retirado da cela, sob a desculpa de falar com um advogado.

Cash Grier o estava aguardando na sala de interrogatório.

— Teve sorte? — perguntou. Tony sorriu.

— O líder deles quer que eu os ajude a pegar Jared. Ele está falando com os companheiros. Um deles acha que fui plantado na cela. O outro possui basicamente o QI de uma planta.

— Então está dando certo?

— Parece que sim. É claro que estou esperando ser traído no instante em que tiverem Jared na mira.

Cash pensou por um momento.

— Instalaremos escutas e um localizador no furgão deles. Assim que pegarem Jared, nós os prenderemos por seqüestro e os entregaremos aos federais. Não faça nada até que Jared esteja no furgão — acrescentou ele. — Precisamos fazer tudo como combinado.

— Não deixe de proteger Sara — disse Tony. — Esses caras não batem bem da bola. Não há como saber o que tentarão em seguida.

— Pode deixar.

— Diga para Sara não se preocupar comigo.

— Posso até dizer, mas não vai adiantar. Ela gosta de você.

Tony deu de ombros.

— Também gosto dela.

— Daremos um jeito de separá-lo dos seqüestradores durante a audiência para estipular a fiança, para que possamos colocar a escuta em você. Já cuidamos ilo furgão.

— Eles podem procurar o localizador no furgão.

— Podem procurar à vontade. Nunca vão achá-lo. Cuide-se.

— Você também.

A ESCUTA foi plantada em Tony pouco antes de ele deixar o tribunal com os três homens, todos em roupas ii vis. Eles pareciam confiar nele.

Mas assim que entraram no furgão, o motorista falou ao celular usando um dialeto árabe, sem fazer idéia que Tony era fluente naquela língua.

O líder dos seqüestradores disse para o contato que estavam a caminho da casa da mulher que Jared amava. Depois de garantirem a colaboração de Jared, eles matariam Sara. Matariam Tony também, para evitar problemas. Quando tivessem nas mãos o dinheiro do resgate, matariam Jared. Já estavam com as passagens de avião. O contato poderia encontrar com eles no aeroporto de Belize.

Ao mesmo tempo em que amaldiçoava a mudança de planos, Tony teve de fingir não ter entendido uma palavra.

— Não ousem matar Cameron — ele alertou. — Ele é todo meu!

— Pode deixar, não planejamos matá-lo. Só queremos o regate que pagarão por ele.

O líder ordenou que o motorista reduzisse ao se aproximar da casa de Sara.

— Ei — protestou Tony. — Essa não é a casa de Cameron.

— Ele não está em casa — explicou o homem. Cameron está com sua namorada.

— Não a machuquem — avisou Tony.

— Relaxe, amigo! Queremos apenas Cameron. Depois, você e sua namorada estarão livres. Tem a minha palavra.

Que não vale nada, pensou Tony, assentindo e fingindo acreditar no homem. Ele considerou suas opções. Não estava apenas usando a escuta, trazia uma arma escondida no coldre preso ao calcanhar. Isso, somado ao seu treinamento de artes marciais, deveria lhe dar uma boa chance de sucesso, se tivesse a oportunidade de agir.

— Vão tirar Cameron do país, depois que o pegarem? — perguntou.

— Vamos — respondeu o líder, distraído. — Temos uma base no Peru, onde poderemos mantê-lo até o resgate ser pago. Pare — ordenou ao motorista.

— Fique aqui, e espere o nosso sinal. Vamos levar o guarda-costas conosco.

Ele abriu a porta do furgão e fez um gesto para que o homem mais baixo e Tony o seguissem.

— Você vai na frente — disse para Tony. — Bata na porta e finja que veio

visitar sua namorada. Não machuque Cameron. Precisamos dele para pedir o resgate. Depois, pode fazer o que quiser com ele.

— Tudo bem. Contanto que eu tenha minha chance de ficar quite.

— É claro que terá — disse o líder, empunhando uma automática.

Seu companheiro também estava armado.

— Escondam-se — disse Tony, torcendo para que Cash Grier estivesse escutando tudo.

Os dois homens postaram-se um em cada extremidade da varanda, ocultando-se nas sombras.

Tony bateu à porta. Ele escutou passos. Não eram de Jared. Ele os conhecia bem demais.

A porta se abriu, e Tony se jogou para dentro da casa, enquanto Cash Grier batia a porta. Lá fora, pôde-se escutar o tiroteio.

— Onde estão Jared e Sara? — perguntou Tony ao chefe de polícia.

— Quando soubemos do plano, pela escuta, os retiramos da casa. Estão no rancho de Jared.

O tiroteio acabou.

Cash e Tony abriram a porta e viram quatro policias de Jacobsville e um homem de terno escoltando os dois seqüestradores na direção da casa. O motorista estava algemado diante do furgão, vigiado por mais dois policiais armados.

— Bom trabalho — disse Cash para os homens.

ELES tinham a confissão dos seqüestradores gravada. Delegados federais os estavam escoltando até Dallas, onde enfrentariam acusações federais. Seus dias de seqüestradores estavam acabados.

Tony voltou ao rancho no dia seguinte, mas Jared o mandou para Oklahoma, para se certificar que não havia mais possíveis seqüestradores rondando a casa.

— Cuide-se, Sara — despediu-se Tony, gentilmente, curvando-se para beijar-lhe o rosto. — Espero que nos vejamos novamente.

— Torço para isso. — Ela o abraçou e beijou-lhe o rosto também. — Obrigada por tudo.

— Não foi nada.

Ele apertou a mão de Jared.

— Vou mandar Fred e Mabel colocarem a casa em ordem. Presumo que não vá chegar sozinho — acrescentou com um sorriso.

— Presumi corretamente — disse Jared, lançando um olhar carinhoso na direção de Sara, que afastara-se para brincar com Morris.

— Cuide-se — disse Tony, e hesitou antes de acrescentar. — Se houver um bebê, quero ser o padrinho.

— Faça uma boa viagem — desejou Jared, assentindo.

Sara aproximou-se a tempo de ver Tony indo embora no Jaguar vermelho.

— Se Tony está indo embora, o que eu ainda estou fazendo aqui? — perguntou ela. — Os seqüestradores já devem estar em Dallas, e estou recuperada.

Ele a puxou para si.

— Ainda está aqui porque temos muito sobre o que conversar.

— Como o quê? Ele hesitou.

— Venha comigo.

Jared a puxou até o sofá na sala de estar.

— Não nos conhecemos há muito tempo — começou Jared a falar. — Mas acho que, no fundo, somos o mesmo tipo de pessoa. Você não se curva a ninguém e é inteligente. Iria se encaixar perfeitamente em Oklahoma. A maioria de meus amigos não passa de trabalhadores, como eu era. Não frequento as altas rodas sociais. Se você está ou não grávida, agora não importa. Vou começar a delegar autoridade e a direcionar minha vida para outras coisas que não apenas ganhar dinheiro.

— Parece estar falando sério — disse ela, com o coração acelerado.

— Estou falando muito sério. Sei que sou muito mais velho do que você, e que já tive e perdi uma família. Talvez queira ficar aqui e se casar com alguém mais jovem, como, por exemplo, Harley Fowler.

— Não amo Harley — disse ela, fitando-o. — Ele é meu amigo. Quanto à idade, por causa do que já passei, sou mais madura do que a maioria das mulheres.

Ele desenhrou-lhe a boca com o indicador.

— É mesmo. O que nos leva à próxima pergunta. Quer se casar comigo, Sara?

CAPITULO 12

SARA O fitou, como os sentimentos evidentes no olhar.

— Você me ama? — perguntou, hesitante. Ele sorriu, com carinho.

— Amo. É claro que a amo. — Ele calou-se, erguendo as sobrancelhas. — E então?

— Eu me apaixonei por você no instante em que entrou na livraria. Jamais pensei que fosse realmente um ogro, sabe?

— Mas provavelmente me portei como um — retrucou ele, sorrindo. — E você deu um jeito em mim. O que acha de nos casarmos aqui e nos mudarmos para Oklahoma?

— Contanto que estejamos juntos, não importa onde moraremos. Mas Morris terá de vir junto.

— Comprarei tudo novo para Morris, e após alguns dias sendo mimado, ele se acostumará.

— Podemos nos casar aqui? — perguntou ela, ainda tentando se acostumar com a idéia.

— É claro.

— Vou poder usar branco e carregar um buquê?

— Terá direito até a fotografia, para registrar o momento com belas fotos.

Sara estava começando a ficar tonta. Não podia acreditar na velocidade com que tudo estava acontecendo. Mas havia mais uma coisa que a preocupava.

Ele estava atento ao rosto dela. Sabia qual era o problema. Estavam sozinhos na casa. Ele percebeu que Sara estava preocupada.

— Não há momento melhor do que o presente — murmurou.

— Como é que é?

Ele curvou-se e aproximou a boca dos lábios de Sara.

— Não pense. Não se preocupe. Simplesmente deixe acontecer.

Enquanto falava, acariciava-a de tal modo que a mente dela ficou confusa. Queria dizer algo, mas ele desabotoou-lhe a blusa e cobriu-lhe os seios com a boca.

Ela ficou ofegante diante das sensações. Não eram como da última vez. Ele era insistente, mas hábil. A medida que os minutos iam passando, Sara ia sendo tomada por uma vontade de arrancar as próprias roupas com a mesma intensidade que tivera de fugir dele da vez anterior. As sensações de agora eram explosivas, irresistíveis. Ela se arqueou e gemeu quando as mãos dele a descobriram sob as roupas e provocaram um prazer intenso.

Sara estava debaixo dele. Podia sentir o couro frio do sofá nas costas desnudas, o peso do corpo quente de Jared sobre o seu. Seus beijos foram dados em todas as partes proibidas do corpo dela.

Jared lhe perguntou algo, mas Sara não estava em condições de escutar nada. Tremendo, ansiando por satisfação, ergueu as pernas para facilitar-lhe a entrada. Foi o mais próximo do paraíso que já se imaginou estar.

Quando, por fim, pôde senti-lo, afundou as unhas nos quadris dele, e, ao som da respiração ofegante de ambos, o prazer começou a se intensificar, aumentando a cada movimento. Arqueando o corpo, Sara começou a mover os quadris na direção dos de Jared. Estava quase atingindo o clímax, quase, quase...

Com um último movimento de Jared, ela sentiu tudo ao seu redor desaparecer, enquanto um prazer inexplicável tomava conta de seu corpo esbelto, imobilizando-a.

Segundos depois, suado e ofegante, ele ergueu a cabeça. Sara tremia, excitada. Seus olhos estavam imersos em lágrimas enquanto ela permanecia ali, deitada sob ele, saciada.

— Agora entende o que você perdeu da última vez? — sussurrou ele.

Trêmula, ela passou os braços ao redor do pescoço de Jared.

— É sempre assim?

— Não — murmurou ele, sorrindo, enquanto movia os quadris novamente. — Fica melhor com o tempo.

— Fala sério...!

Foi a última coisa que Sara conseguiu dizer por algum tempo.

O CASAMENTO foi lindo, pensou Sara diante da mídia que se reuniu para ver Jared Cameron desposar uma vendedora de livros desconhecida de Jacobsville.

Harley Fowler os felicitou com um sorriso meio triste. Sara o abraçou e agradeceu por tudo, especialmente por espantar os seqüestradores da livraria. Ele desejou tudo de bom para ambos. Sara sempre gostara de Harley, mas jamais de um modo romântico. Ele compreendia e aceitava.

Todos os mercenários compareceram ao casamento, assim como a maioria dos moradores da cidade. Sara sentia-se como a própria Cinderela. E logo iria embora com sua versão do Príncipe Encantado. Jamais fora tão feliz.

Jared também estava exultante. Nem mesmo o fato de Sara não estar de fato grávida conseguira desanimá-lo. Melhor assim, pensou. Teriam mais tempo para ficarem juntos antes de construir uma família. A tristeza de perder sua primeira família quase o desunira, mas Sara, doce e gentil como era, o trouxera de volta à vida. Ela representava o seu mundo. Jared prometeu a si mesmo que jamais permitiria que algo de ruim acontecesse a Sara e que a faria feliz pelo resto da vida.

Jared mostrou ser um homem de palavra.

*****FIM*****